LUIZ CARLOS LEONARDO

Identificação e avaliação dos fatores atrativos para implantação de uma indústria metalúrgica do ramo de autopeças na China.

Dissertação apresentada ao Instituto de Pesquisas Tecnológicas do Estado de São Paulo - IPT, para obtenção do título de Mestre em Processos Industriais.

Área de concentração: Desenvolvimento e Otimização de Processos Industriais.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Luiz Machado

São Paulo

2007

Livros Grátis

http://www.livrosgratis.com.br

Milhares de livros grátis para download.

Ficha Catalográfica
Elaborada pelo Departamento de Acervo e Informação Tecnológica – DAIT
do Instituto de Pesquisas Tecnológicas do Estado de São Paulo - IPT

L581i Leonardo, Luiz Carlos
Identificação e avaliação dos fatores atrativos para implantação de uma indústria metalúrgica do ramo de autopeças na China. / Luiz Carlos Leonardo. São Paulo, 2007.
113p.

Dissertação (Mestrado em Processos Industriais) - Instituto de Pesquisas Tecnológicas do Estado de São Paulo. Área de concentração: Desenvolvimento e Otimização de Processos Industriais.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Luiz Machado

1. Indústria metalúrgica 2. Autopeças 3. Investimento 4. Desenvolvimento econômico 5. China 6. Tese I. Instituto de Pesquisas Tecnológicas do Estado de São Paulo. Coordenadoria de Ensino Tecnológico II. Título

07-92 CDU 669.1/.8:67(043)

Aquele que conhece os outros é SÁBIO.
Aquele que conhece a si mesmo é ILUMINADO.

Aquele que vence os outros é Forte.
Aquele que vence a si mesmo é PODEROSO.

Aquele que conhece a alegria é RICO.
Aquele que conserva seu caminho tem VONTADE.

Seja humilde é permanecerás RICO.
Curva-te e permanecerá ERETO.

Esvazia-te, e permanecerá REPLETO.
Gasta-te, e permanecerás NOVO.

O sábio não se exibe, e por isso BRILHA.
Ele não se faz notar, e por isso é NOTADO.

Ele não se elogia, e por isso tem MÉRITO.
E, porque não está competindo, ninguém no mundo pode competir com ele.

(Lao Tsé - Tao Te Ching - verso 22).

Nós podemos chegar a ser cultos com o conhecimento de outros homens, mas nós não podemos ser sábios com a sabedoria de outros homens.

Michel Montaigne

RESUMO

O objetivo deste trabalho é avaliar alguns aspectos da evolução econômica procurando entender os crescentes interesses por organizações, sejam investidores ou produtores em se instalar na China, ou pelo menos abrir novos canais de comercialização, visando explorar as facilidades oferecidas, as vantagens dos recursos e o grande volume monetário disponível próprio além do que migra para o leste Asiático. Os setores siderúrgicos, metalúrgico, automobilístico e de autopeças são a base para o levantamento de informações como investimentos externos e internos além dos benefícios concedidos à implantação de novos negócios, apresentando ao mundo o maior e constante crescimento dos últimos tempos.

Palavras-chave: China, Crescimento econômico, Investimentos Externo Diretos, Autopeças.

ABSTRACT

The purpose of this work is to evaluate some aspects of the economic evolution in order to understand the great interests of organizations, investors or producers in moving to China, or at least opening new trade channels, aiming to explore the offered advantages, the significant amount of available resources and the great own available monetary volume, beyond the capital which migrate to the Asian east. The siderurgical, metallurgical, automotive and autoparts sectors are the base for the survey of information about external and internal investments beyond the benefits granted to the introduction of new businesses, presenting to the world the greatest and most constant growth of the last times.

Keywords: China, Economic growing, Foreign directs investments, Autoparts.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter aberto as possibilidades desse caminho, e principalmente por ter dado forças para a superação dos obstáculos, e acima de tudo, sem Ele nada seria possível.

Ao incentivador e prestativo orientador Prof. Dr. Eduardo Luiz Machado pela co-idealização e importante orientação deste trabalho, através da sua atenção e dedicação incansável à revisão e encaminhamento do mesmo.

Aos meus pais por todo apoio.

A esposa Gislem, aos filhos Eric, Noele e Adriele, pela colaboração e entendimento das horas ausentes.

A direção da empresa Mahle Componentes de Motores Ltda, pela participação na fomentação da conclusão de mais esta etapa da minha vida.

A todos os amigos que direta ou indiretamente ajudaram na execução deste trabalho.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Mapa Geral da China 18

Figura 2 Variação do emprego por setor de atividade (porcentual;) 31

Figura 3 Grau de Abertura ao Exterior. 32

Figura 4 Variação do PIB Chinês. 40

Figura 5 Variação anual do PIB Brasil e PIB Mundial (%) 43

Figura 6 Crescimento das reservas cambiais chinesas (US$ bilhões) 49

Figura 7 Distribuição das reservas cambiais mundial 50

Figura 8 Maiores consumidores de energia (escala proporcional) 54

Figura 9 Projeção das fontes de energia e suas participações no cenário mundial. 55

Figura 10 Emissões de Dióxido de Carbono por região. 56

Figura 11 Exportações chinesas de bens de tecnologia de informação (US$ bilhões) 58

Figura 12 Variação dentro da China das condições do clima de investimento. 75

Figura 13 Evolução da produção Aço (China, Brasil e Mundial). 76

Figura 14 Importações e Exportações mercado chinês de produtos automobilísticos. 81

Figura 15 Capacidade e demanda prevista para produção de veículos de passeio. 82

Figura 16 Cinco maiores destinos de carros de passeio chineses (Jan. a Jul. 2005) 83

Figura 17 Potencial (porcentual) de penetração dos mercados automobilísticos 84

Figura 18 Variação do número de empregos/produção do setor de Autopeças - 1994/2005. 89

Figura 19 Valores em vendas (real + previsto) no Aftermarket (1999 – 2008) 91

Figura 20 Crescimento das exportações no mercado de autopeças (1998-2004) 93

Figura 21 Avaliação gráfica do comportamento das Exportações e Importações brasileiras. 94

Figura 22 Projeções de crescimento das principais economias (2000 a 2050). 98

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 Participação da China no comércio mundial..... 36

Tabela 2 Participação da China nas Importações das Economias Industrializadas..... 37

Tabela 3 Estrutura das exportações chinesas. 38

Tabela 4 O crescimento da Economia Chinesa. 39

Tabela 5 Análise dos Fatores de Crescimento do PIB chinês..... 41

Tabela 6 Investimentos em porcentagem do PIB. 44

Tabela 7 Avaliação do crescimento do consumo mundial de energia. 53

Tabela 8 Investimentos diretos estrangeiros na China (IED) 67

Tabela 9 Comparativo do valor da Mão de Obra entre as principais cidades chinesas. 71

Tabela 10 Exportações e produção nos países Asiáticos. 81

Tabela 11 Segmentação do mercado de automóveis chinês. 86

Tabela 12 Indicadores da Indústria de autopeças – 1º Bimestre de 2006. 87

Tabela 13 Desempenho do Setor de autopeças 1994 a 2005. 87

Tabela 14 Número de empregados diretos (horistas) e indiretos (mensalistas) – 1974 -2005. .. 88

Tabela 15 Distribuição de empresas de acordo com o número de empregados 1994/2005. 89

Tabela 16 Principais países de destinos das exportações brasileiras de autopeças. 95

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APEC	Ásia-Pacific Economic Cooperation.
BRICs	Brasil, Rússia, Índia e China.
FDI	Foreign Directs Investments.
FMI	Fundo Monetário Internacional
FTC	Foreign Trade Corporation
FTP	Fator Total de Produtividade.
GAGR	General Agents in the Growing Asia
GNU	Geophysical Fluid Dynamics.
IDE	Investimentos Diretos Externos.
ICT	Information and Communication Technology
IEPR	Institute of Economic Policy Research.
MNEs	Multinational Enterprises.
MOFCOM	Ministry of Commerce of the People's Republic of China.
OBM	Original Brand Manufacturing.
OCDE	Organização para Cooperação Econômica e Desenvolvimento.
ODM	Original Designer Manufacturing.
OEA	Original Equipment Assembly.
OEM	Original Equipment Manufacturing.
OICA	Organization Internationale des Constructeurs D´Automobiles
PCC	Partido Comunista Chinês.
PTF	Produção Total dos Fatores.
QBPC	Quality Brands Protection Committee.
RPC	República Popular da China.
TIC	Tecnologia de Informação e Comunicação.
ZEE	Zonas Econômicas Especiais.
UNCTAD	United Nations Conference on Trade and Development.
WTO	World Trade Organization.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 11

1.1 Objetivo e Justificativa 11

1.1.1 Fatores motivadores. 11

1.1.2 Objetivo Geral 11

1.2 Estrutura da Dissertação 13

2 ASPECTOS HISTÓRICOS 14

2.1 Preâmbulo 14

2.2 Resumo histórico 14

2.2.1 Dados Informativos. 14

2.2.2 Antecedentes históricos da China 15

2.2.3 A Revolução chinesa 16

2.2.4 O exército vermelho 20

2.2.5 A Longa Marcha. 20

2.2.6 A estratégia de Chiang Kai-shek. 21

2.2.7 O período Mao Tse Tung. 23

2.2.9 O crescimento do “made in China” 26

3 A CHINA E SUA ECONOMIA 28

3.1 Panorama de Desenvolvimento. 28

3.2 A internalização da China 33

3.3 Medidas de Incentivos. 34

3.4 A Importância da Economia Chinesa. 37

3.5 Produtividade chinesa. 44

3.5.1 Considerações sobre a avaliação do PTF. 46

3.6 Volume de Reservas 49
3.7 Aspectos Energéticos 51
3.8 Crescimento do mercado de tecnologia chinês. 57

4 O INTERESSE PELA CHINA 60
4.1 Referencial teórico sobre os IEDs 60
4.2 Investimentos Estrangeiros 66
4.3 Regras Impostas. 67
4.4 Política de investimentos. 69
4.5 Criação de Zonas Especiais Econômicas (ZEEs) 69
4.6 Custo da Mão de Obra 70
4.7 A Chave do Sucesso 72

5 ASPECTOS GERAIS DO SETOR INDUSTRIAL 76
5.1 Avaliação do setor Siderúrgico. 76
5.2 Fatores Básicos 79
5.3 A internalização da Indústria Automobilística Chinesa. 80
5.4 Avaliação do setor de Autopeças 86
5.5 Evolução do comércio bilateral Brasil-China. 93

6 PERSPECTIVAS FUTURAS 97
6.1 Crescimento esperado. 97
6.2 Problema das falsificações. 98
6.3 Falsificações em Autopeças 100
6.4 Desdobramentos do Crescimento. 102

7 CONCLUSÃO 105

8 REFERÊNCIAS 109

1- INTRODUÇÃO

1.1 Objetivo e Justificativa

1.1.1 Fatores motivadores.

Muito tem se falado ultimamente na presença marcante que o volume de negócios gerados pelo rearranjo estrutural, político, social e econômico a que a China vem impondo ao mundo, forçando todos os países com negócios internacionais ou não, a se posicionarem no sentido de anteciparem atitudes, ou pelo menos estudos, voltados para os impactos gerados por estas ações. Algumas das razões despertam, além da curiosidade, a preocupação com o futuro, pois todas as mudanças resultam em influências, que se não são preocupantes no início, geram pelo menos o questionamento de como será o mundo quando estas mudanças estiverem totalmente implantadas.

A motivação para este trabalho tem como foco o interesse em obter e concentrar informações que esclareçam, ou pelo menos, norteiem as razões da forte tendência de deslocamento de capitais oriundos de todas as partes do mundo para a China. Procura-se entender o porquê do interesse de empresas e investidores. Tais questões serão discutidas, a partir de dados e informações que nos levarão a uma melhor interpretação e avaliação da grande força que atualmente orienta as ações direcionadas para os investimentos na China.

1.1.2 Objetivo Geral

O objetivo desta dissertação é discorrer sobre os fatores de atração de investimentos, para a China, notadamente no setor metalúrgico e, mais especificamente, no que se refere à fabricação de autopeças. Procura-se avaliar as razões de tais fenômenos.

O interesse pela China em um primeiro momento significa que os empresários, na sua grande maioria, estão se posicionando no sentido de se instalar naquele país com receio principalmente de perder o momento altamente favorável, ou seja, ainda não sabe se os investimentos e a taxa de retorno são ou serão seguros, mas na dúvida, vale a pena correr riscos em função do grande potencial de benefícios.

Atrativos como baixo custo de mão de obra, baixo custo na aquisição de equipamentos, poucas dificuldades ou baixos impedimentos no envio de remessas ao exterior, mercado

interno altamente promissor em função do grande potencial consumidor, têm sido fatores fundamentais na tomada de decisão, para a implantação de unidades de fabricação de produtos manufaturados. No entanto, percebe-se claramente que essas “vantagens” econômicas podem não ser efetivas e duradouras, pois ainda estão lastreadas em atitudes não sistemáticas, tanto do lado dos chineses, como do lado dos interessados.

Problemas trabalhistas como; baixos salários, poucos benefícios (e isto se refere ao um mínimo necessário), grandes jornadas semanais de trabalho, além de descuido e descaso com o meio ambiente, somado a corrupção em vários escalões, fazem com que as transformações e os investimentos implementados em infra-estrutura sejam suportados por atitudes não tão consistentes. Protecionismo local, leis ineficientes e fraca atuação do governo chinês neste sentido, contribuem pesadamente para a gravidade do problema de falsificações, além de afetar diretamente a reputação e resultado de marcas internacionais.

As cobranças e exigências que se fazem já há algum tempo aos outros países, sejam nos itens de qualidade, e nos quesitos referentes ao atendimento às exigências trabalhistas, sociais e ambientais geram custos e esforços, que apesar de altos, são apreciados pelos resultados que acabam gerando (ex. ISO 9000, QS 16576, ISO 14000). No entanto, quando se fala de implantar ou cobrar as mesmas exigências de países emergentes como os do leste asiático, as situações ainda são diferentes, aparentemente as cobranças não são tão fortes quanto deveriam ser.

Já pelo lado de uma significativa fatia de interessados em entrar no mercado chinês, as falhas ainda existentes no controle e regulamentações transformam este comércio em alta fonte de retorno, ou seja, o mercado torna-se interessante enquanto potencial interno, interessante enquanto a mão de obra é de baixo custo, interessante enquanto não se tem tantas cobranças de direitos trabalhistas, e ainda interessante enquanto não apresenta exigências em relação às normas de organização e meio ambiente.

No entanto a partir do momento em que a China transforma-se em um exportador agressivo, contra atacando e avançando sobre outros mercados com força voraz, distribuindo produtos similar, de menor ou igual qualidade e, mais importante, com um preço de venda em torno de quatro a cinco vezes mais baixo que o preço praticado por outros mercados, a história se alterna, e o país de atrativo torna-se perigoso, sendo difícil o controle e domínio da sua expansão, podendo se tornar uma ameaça.

1.1.3 Justificativa

As questões e incertezas dos motivos que levam grande, médias e pequenas empresas a se interessarem pelo mercado chinês, tanto do lado da abertura inicial de negócios, quanto do lado de viabilizar as possibilidades de produzir em solo chinês para o mercado local, e também para outros mercados, tem gerado diversos questionamentos que só com estudos mais criteriosos pode-se perceber, ou entender as razões desses direcionamentos. Este trabalho tem a modesta pretensão de ajudar a esclarecer sob a visão econômica, a partir de avaliações de setor específico objetivando fornecer uma visão geral dos para a maioria das atividades.

Procura-se fornecer ao leitor o entendimento dos fluxos de capitais e negócios para este país de cultura milenar que a longo da história mostrou ser especialista em comércio, mas também sistemático e controlado nas suas relações com o mundo exterior.

1.2 Estrutura da Dissertação

O presente trabalho está dividido em 7 capítulos. O Capítulo 1 mostra o objetivo da dissertação, bem como uma introdução dos fatores que motivaram este trabalho. O Capítulo 2 faz uma análise histórica do país, resumindo principalmente os últimos 100 anos, pois a história da China se confunde e se completa com a sua milenar cultura. No Capítulo 3, discute-se a situação econômica da China nos últimos 20 anos, evidenciando seu crescimento e relacionamento com o mundo exterior. O Capítulo 4 sugere a discussão dos fatores considerados como atrativos para a implantação de empresas no solo chinês. O Capítulo 5 mostra dados específicos do setor de autopeças, comparando os mercados chinês e brasileiro. No Capítulo 6 são feitas avaliações que procuram estabelecer linhas de pensamento com relação às perspectivas futuras. O Capitulo 7 conclui a dissertação com uma rápida avaliação do quadro evolutivo chinês.

2 – ASPECTOS HISTÓRICOS

2.1 Preâmbulo

A revisão histórica procura resumir as discussões ocorridas em vários segmentos sobre as transformações pelas quais a China enfrentou e ainda enfrenta, com base principalmente; na sua história, cultura, tradição, costumes e, posteriormente, nas relações comerciais, com outros países.

As alterações que o ex - primeiro ministro chinês, Deng Xiaoping, iniciaram-se em dezembro de 1978 e foram capazes de mudar completamente a face da China em poucos anos, retirando-a da estagnação e atraso e colocando-a não apenas na vanguarda dos países emergentes, como também em condições de disputar a hegemonia mundial com países desenvolvidos.

2.2 Resumo histórico

2.2.1 Dados Informativos.

A China tem um passado extraordinário, tanto pela sua cultura milenar (cerca de 5 mil anos de história), pelas características de seu povo, submisso, obediente, dedicado, bem como também por sua vontade de mudança apresentada nesses últimos tempos.

A República Popular da China (RPC) situa-se na parte leste da Ásia. É o terceiro maior país do mundo perdendo somente para a Rússia e o Canadá. Faz divisa ao norte pela Mongólia e Rússia, a leste pela Rússia, Coréia do Norte, mar Amarelo e mar da China Oriental; ao sul pelo mar da China do Sul, pelo Vietnã do Norte, Laos, Birmânia, Índia, Butão, Silkim, Nepal onde se encontra o Monte Tibet e Paquistão Ocidental; a oeste pelo Afeganistão e União Soviética.

Aproximadamente 75 por cento do território chinês possuem montanhas ou desertos. No lado oriental as planícies e os deltas são predominantes. Além disso, possui uma

área de 9.596.961 Km^2 e a população já ultrapassa a casa dos 1.300.000.000 de habitantes[1].

A base da economia tradicionalmente agrícola tem mudado seu perfil atualmente, devido ao grande desenvolvimento e crescimento do lado industrial. Do lado agrícola, destacam-se as culturas de arroz, trigo, chá, tabaco, cevada, soja, painço e algodão. Do lado extrativo, o país possui grande reservas para extração de carvão, ferro, cobre, chumbo e outros minerais. Sua capital é Pequim. Sendo, Xangai, Pequim, Tientsin, Luta, Shenyang, Cantão, Wuhan, Harbin, Sain, as principais cidades. Por fim, 92 por cento dos chineses são da etnia han[2].

Os chineses são os inventores do papel, da impressão, da pólvora, além de possuírem grande talento para a poesia, teatro, pintura e cerâmica. Ao longo do tempo sua grandeza foi caindo, e por muitos anos sofreu com a pobreza, revoluções e guerras. Como uma das civilizações mais velhas do mundo, durante a Idade Média a ciência e as artes chinesas eram mais avançadas do que as européias. (CLUBB,1976)

2.2.2 Antecedentes históricos da China

> [...].de que país a China é colônia? É colônia de cada país com quem firmou um tratado, e todos os países que têm um tratado com a China são seus donos. Assim, a China não é somente escrava de uma nação e sim escrava e colônia de todas as nações. (SUN YAT SEN, 1919 apud EDUCATERRA, 2006).

A monarquia manchu[3], sempre exerceu um domínio autoritário sobre um território de aproximadamente 10 milhões de km^2, sediada na Cidade Proibida em Pequim e administrada pelos mandarins sob comando do governo central. A massa da população, 400 milhões em 1850, concentrava-se nos campos, trabalhando arduamente em torno das vilas e aldeias, maioria delas nas proximidades dos vales dos rios Yang-tse e Amarelo, praticando uma agricultura rudimentar, cuja produção básica era o arroz.

---

[1] Dado referente ao ano de 2006

[2] Han – Chinês han é o termo que designa o grupo étnico majoritário da China, correspondendo a 92% da população. O termo é usado para distinguir a maioria da minoria Manchu que governava a China, o nome vem da dinastia Han.

[3] Manchu – Grupo étnico com origem na Manchúria, conquistadores da dinastia Ming (séc. 17) fundando a dinastia Quing, governando a China ate 1911.

As enchentes e as estiagens eram célebres na China porque reduziam de um momento para o outro, milhões de camponeses em hordas de famintos que invadiam as cidades, desesperados, em busca de sobrevivência. O número de mendigos então ascendia a escalas inimagináveis. Nas principais cidades do país, Pequim, Nanquim, Shangai, Cantão e Hong-Kong, se encontravam artesãos e comerciantes organizados em corporações de ofício similares às que existiam na Europa medieval, que conviviam com as conhecidas e célebres sociedades secretas que congregavam o lumpesinato[4] urbano. No plano ético-religioso o país se amadurecia no confucionismo, que ideologicamente sedimentava o imobilismo das relações econômicas e sociais.

Apesar do imobilismo econômico, os chineses são herdeiros de uma sofisticada cultura que se estendeu por longo período e que produziu uma intensa literatura político-religiosa, bem com sofisticados artigos manufaturados extremamente apreciados nos mercados europeus (seda, porcelana, papel, etc.). Vivendo à margem do mundo, os chineses por séculos a fio consideravam-se o centro do universo - eram o Império do Meio - revelando um profundo desprezo pelo estrangeiro e por sua tecnologia, (SUKUP, 2002).

2.2.3 A Revolução chinesa

> A primeira condição de preservação da velha China era seu total isolamento. Uma vez que a Inglaterra deu fim brutal a esse isolamento, a decomposição sobrevirá com a mesma inexorabilidade de uma múmia retirada do hermético sarcófago em que estava preservada e exposta ao ar livre. (MARX, 1853).

O litoral da China começou a ser assediado pelos ocidentais no século 16, quando navios portugueses chegaram a Macau em 1513, e em seguida espanhóis e holandeses, tentaram obter concessões comerciais junto às autoridades do Reino Celestial. Os imperadores chineses, porém foram sempre muito parcimoniosos e cuidadosos em oferecer vantagens econômicas ou facilitações outras aos europeus. Confinaram o comércio com "os bárbaros", como eles os chamavam, a alguns portos do

---

[4] Lumpesinato é a camada social carente de consciência política, constituída pelos operários que vivem na miséria extrema e por indivíduos direta ou indiretamente desvinculados da produção social e que se dedicam a atividades marginais, como por exemplo, o roubo e a prostituição.

sul da China, especialmente no porto de Cantão (Guangzhou) às margens do Rio das Pérolas.

Mas essa posição de fechamento ao mercado externo ficou insustentável com a progressiva presença do homem branco no Mar da China nos séculos 17, 18 e 19. Após a conquista definitiva da Índia pela Companhia Inglesa das Índias Orientais ocorrida no século 16, os agentes e os mercadores britânicos, cientes da sua superioridade militar e técnica, lançaram-se sobre o litoral da China. O principal produto que ofereciam aos chineses era o ópio que traziam contrabandeados das suas plantações da Índia. Caixas numerosas do entorpecente eram transportadas clandestinamente para o porto de Cantão em troca de prata e das apreciadas mercadorias chinesas, como a seda, a porcelana e o chá.

Figura 1 – Mapa Geral da China
Fonte: University of Texas Libraries,(2001).

Essa prepotência dos estrangeiros chegou a tal ponto que eram bem visíveis nas entradas de alguns parques públicos das grandes cidades chinesas, como em Pequim e em Shangai, placas com os dizeres: "proibida a entrada de cães e de chineses!" (DAUBIER,1977).

O desaparecimento do poder central acelerou a proliferação pela China afora das trágicas e deletérias figuras dos senhores da guerra, déspotas locais que possuíam exércitos privados, que ao mesmo tempo em que espoliam os camponeses, lutam entre si, numa reverência às guerras feudais européias. Desde a morte de Yuan, o impopular general-presidente, até o surgimento do novo "homem forte", o general Chiang Kai-shek (a partir de 1926), o país se encontrava dilacerado pelos conflitos internos, (MICHAEL,1973).

O projeto do Kuomintang, ou o Partido Nacional do Povo prevê a unificação nacional sob uma liderança caudilhesca baseada em uma organização autoritária sem participação popular, similar ao movimento dos "jovens turcos" de Kemal Atatürk[5] que ocidentalizou o antigo império otomano nos anos 20.

O Partido Comunista Chinês, por sua vez, foi fundado discretamente por um letrado chamado Chen Tu-hsiu, na cidade de Shangai em 1921[6], estando presente 57 membros-fundadores, entre os quais Mao Tse-tung.

> Os efeitos mais evidentes das lutas destes senhores da guerra são a regionalização cada vez mais acentuada da vida política, o debilitamento do Estado, a secessão da China meridional e, por fim, a opressão do povo, sobretudo das massas camponesas, aniquiladas pela passagem dos exércitos com sua seqüela de saques e extorsões, as abusivas tributações dos senhores provinciais, o recrudescimento da queda da produção e do consumo, seguido do abandono e deteriorização dos trabalhos de irrigação e prevenção de inundações. Afora a política espoliativa praticada pelas nações ocidentais. (BIANCO, 1976)

---

[5] Mustafá Kemal – o Ataturk 1881 a 1938 foi estadista, fundador e primeiro presidente da Republica da Turquia. Nasceu na cidade otomana de Selanik (hoje Tessalonica na Grecia).

[6] Surpreendentemente em uma das salas de um colégio católico para moças.

2.2.4 O exército vermelho

Se Napoleão considerava as campanhas militares "como o Estado em marcha", Mao Yse-tung considerará o seu exército como "a Revolução em marcha". Guillermaz (1974), afirma que; o exército vermelho se distinguiu de todos os demais por seu comportamento em relação às massas. Não se apresentava como o Exército da Nação, abstração difícil de captar, mas sim como Exército do Povo, ou seja, das populações entre as quais vivia e que pretendia libertar, não só do estrangeiro e das forças reacionárias, mas também organizar as massas rurais superficial e profundamente.

A doutrina básica do exército apoiava-se em três regras e algumas recomendações tais como: obedecer às ordens, não tirar nada da população, entregar às autoridades os "bens confiscados". Dada a tradição do soldado-saqueador, tão comum na história chinesa, não é de admirar que o Exército Vermelho fizesse por conquistar as simpatias da população rural. Ela assentava-se em quatro proposições bem simples:

> [...] se o inimigo ataca, eu retrocedo; se o inimigo recua, eu o persigo; se o inimigo se detém, eu o hostilizo; se o inimigo se reagrupa, eu me disperso. Deve-se a este "Napoleão Vermelho" a transformação da guerra de guerrilha, considerada pelos militares em geral como uma atividade de menor importância, de apoio apenas, numa arte digna dos grandes estrategistas. Chu Teh conseguiu ainda a façanha de aumentar o seu exército de 5 mil integrantes em 1929 para 200 mil em 1933. (SNOW, 1977a).

2.2.5 A Longa Marcha.

A cidade de Shensi tornou-se o ponto de encontro onde cerca de 15 mil guerrilheiros, se encontravam oriundos de várias partes do país. A cidade de Yenan tornou-se centro de uma infindável romaria de camponeses, intelectuais e estudantes bem como de soldados e oficiais nacionalistas desiludidos com o pouco empenho de Chiang Kai-shek na guerra contra os japoneses (GUILLERMAZ,1974).

A Longa Marcha transcendeu em importância ao notável feito militar, provocando conseqüências políticas de longo prazo nos destinos futuros do país. Antes de tudo, assegurou a sobrevivência do movimento comunista na China, pois não se tratava apenas de alguns combatentes que se deslocavam e sim que a estes acompanhavam todo alto comando do partido - o comitê político, o comando central e seus serviços, enfim todos os responsáveis políticos e militares existentes no momento. A destruição deles liquidaria o partido em definitivo e dificilmente os camponeses seriam capazes por si só de se organizarem sem a armadura militar e intelectual fornecida pelos maoístas.

Por último, a "Longa Marcha" contribuiu para dar ao PC chinês a mais ampla autonomia em relação à Moscou, projetando Mao Tse-tung como um líder de dimensões nacionais, e não um títere dos soviéticos, além de envolver o partido comunista chinês numa aura de invencibilidade e indestrutibilidade aos olhos da população rural (SNOW, 1977b).

2.2.6 A estratégia de Chiang Kai-shek.

O generalíssimo chinês na primeira fase da guerra contra o Japão, de 1937 a 1941, limitou-se a abandonar territórios ao invasor, ao mesmo tempo em que transferia a capital e todos os órgãos diretivos do regime para Chung-king, 1600 quilômetros Yang-tse acima, uma zona remota, na expectativa de que a evolução da crise internacional levasse o Japão a abrir um novo fronte de guerra (fosse contra os E.U.A., ou contra a URSS), dando tempo para o seu regime respirar. Desinteressado em fazer qualquer resistência mais efetiva, o generalíssimo optou por "marcar passo", entregando-se às mãos do destino. Talvez pudesse ter lançado mão da mobilização total das massas, mas por temer fenômenos sociais e políticos incontroláveis renunciou a isto.

> [...]. o lamentável estado de seu exército, as dificuldades logísticas e a certeza de que a derrota japonesa seria, antes de tudo, obra do Ocidente, incitaram Chinag a limitar seus esforços ao mínimo e a conservar o essencial de seus meios para um enfrentamento com os comunistas que parecia inevitável no futuro. (GUILLERMAZ, 1975).

Rapidamente os japoneses deram-se conta de suas limitações. Possuíam tropas somente para uma ocupação extensiva (controle das cidades, portos, pontes, vias férreas, estradas, passagens fluviais e posições fortificadas), mas não intensiva,

impedindo-os de aprofundar suas conquistas. O complexo de redes aldeãs que compreendia milhares de vilarejos espalhados pelo interior da China ficou fora do seu controle direto. Em vista disso, para explorá-los e vigiá-los, eles estimularam a política do colaboracionismo[7]. A China iniciou a guerra com 1.788.000 de soldados. Nos anos seguintes mobilizou 14 milhões de homens. A guerra provocou mais mortes por privações e enfermidades do que pelos combates. Segundo as cifras oficiais, tiveram 3.211.419 baixas, das quais 1.761.335 feridos, 1.319.958 mortos e 130.116 desaparecidos. (GUILLERMAZ, 1974).

Os efetivos maoístas, que em 1937 oscilavam de 40 a 80 mil homens, chegaram a ter de 600 a 900 mil guerrilheiros, ao fim da guerra. Se para cada guerrilheiro existiam cinco milicianos, seu apoio se estendia para 3 ou 4 milhões e meio de camponeses. Nas zonas controladas pelo Kuomintang, os camponeses se mostravam arredios em colaborar, pois seu pior inimigo era o exército nacionalista que cometia saques, confiscos e constrições forçadas. (BIANCO, 1970).

Na época da Guerra sino-japonesa encontra-se a China dividida mais ou menos em três áreas:

> 1) A de domínio dos japoneses que ocupavam as regiões mais ricas e industrializadas do país, tendo Nanquim como sede do governo militar de ocupação, e que também abrigava o governo colaboracionista.
> 2) A que ficava sob controle de Chiang Kai-shek, o ditador chefe do Koumintang que se instalara em Chung-King na Província de Szechwan no sul do país, onde passou a receber assistência militar anglo-americana.
> 3) E o santuário de Mao Tse-tung, no afastado e paupérrimo enclave de Yenan na província nortista de Shansi, de onde partiam as diretivas da guerra de guerrilhas contra as zonas ocupadas pelos japoneses.

Chiang Kai-shek, temendo mais os comunistas do que o invasor, fez com que parte substancial do arsenal militar recebido dos aliados ocidentais fosse armazenado, esperando a hora do acerto final de contas com Mao Tse-tung, que fatalmente se daria

---

[7] Se houve um fato positivo na política do colaboracionismo, sob o ponto de vista dos revolucionários, foi a absoluta e completa desmoralização de parte substancial das classes dominantes tradicionais da China. Os notáveis locais, que há mais de século mostravam-se subservientes aos estrangeiros, passaram a merecer o mais absoluto desprezo dos camponeses que, revoltados, permitiam a infiltração dos guerrilheiros maoístas nas aldeias e vilarejos.

depois da Segunda Guerra encerrada. Envolvido por colaboradores corrompidos e especuladores de toda a sorte de coisas, terminou cedendo, pelos menos aos olhos da opinião pública chinesa, ao seu rival comunista a direção de fato da luta contra o Japão.

Snow (1977b) comenta que Mao Tse-tung possuía 50 mil homens que militavam no PC chinês antes das operações de assassinatos ordenadas por Chiang Kai-shek em 1927, restando-lhe uns 10 mil e que, posteriormente, na parte final da guerra civil, o aparato partidário foi conduzido apenas por uns 800 sobreviventes. O seu principal assessor era Chou En Lai, um descendente de uma família tradicional, nascido em 1898, que aderira à revolução nos anos 20, e que se revelou um hábil diplomata e sutil articulador político.

No campo militar contava com o estrategista Chu Teh e com o líder guerrilheiro Lin Piao, além de outros experientes combatentes como Chen Keng e Liu Pocheng, que comandavam tropas aguerridas e calejadas por inúmeras batalhas.
Quanto à origem social dos membros do PC chinês, 27,4 por cento deles provinham da nobreza rural, 29,4 por cento da burguesia e da alta classe média, 17,6 por cento eram de classe média, enquanto apenas 4 por cento eram de operários e 21,5 por cento de origem camponesa. Quanto a sua atividade profissional, 86,5 por cento deles exerciam tarefas intelectuais, estudantes, professores, escritores, jornalistas, (SNOW, 1977a).

2.2.7 O período Mao Tse Tung.

Mao Tse-tung ocupa um lugar especial como teórico no movimento marxista. Tornou-se um dos maiores estrategistas dos países do Terceiro Mundo ao elaborar uma doutrina teórico-prática adaptada às peculiaridades da Ásia colonizada e semi-colonizada. Tratava-se da fusão de nacionalismo (reconhecendo a importância das expressões da cultura nacional) com o marxismo (o conceito de lutas de classe e a perspectiva internacional). Os principais textos militares e políticos de Mao Tse-tung, com exceção do renomado "relatório[8], foram escritos depois da Longa Marcha quando ele fixou-se em Yenan e encontrou o tempo necessário para pensar e redigir. Num primeiro momento os marxistas chineses, na época da fundação do PC chinês no começo dos anos 20, estavam embebidos pelos conceitos bolcheviques, com sua ênfase na classe operária e

[8] Relatório de Mao Tsé-tung, destacado no livro “Obras Escolhidas”do mesmo autor.

nas lutas urbanas. Para eles, era indiscutível que a liderança na luta contra o imperialismo e a estrutura feudal ainda vigente na China cabia ao proletariado industrial, à gente das grandes cidades, restando aos camponeses a função de "reserva tática". (HALLIDAY, CHANG, 2006)

> Dentro de pouco tempo, centenas de milhões de camponeses das províncias do centro, do sul e do norte da China se levantarão como uma tempestade, um furacão, como uma força impetuosa e violenta que nada, por poderoso que seja, os poderá deter. Romperão com as amarras e se lançarão pelo caminho da liberdade. Sepultarão a todos os imperialistas, caudilhos militares, funcionários corruptos e déspotas locais. Todos os partidos e camaradas revolucionários serão submetidos à prova perante os camponeses e terão que decidir de que lado se colocam, (MAO TSE TUNG, 1968).

Mao Tse-tung em seu último texto, elabora a teoria que o conduzirá na guerra contra o Japão e no posterior enfrentamento com o Kuomintang. Em um primeiro momento ele acredita que a China passaria por duas etapas políticas distintas; a primeira delas seria dominada pela formação da Nova Democracia baseada numa ditadura poli classista. O estado futuro na China, ao contrário da ditadura mono classista bolchevique na URSS, resultaria de uma aliança de várias classes sob hegemonia dos camponeses. Neste primeiro momento, o regime não será proletário nem burguês, mas democrático centralizado baseado em eleições em todos os níveis (das aldeias ao Congresso Nacional). A complementação econômica dessa fase será eclética: o estado será proprietário das atividades mono políticas (bancos, indústrias importantes, infra-estrutura de transportes, entre outros.), formando o setor socialista da economia, e assim, constituindo a força dirigente da economia nacional, (HALLIDAY, CHANG, 2006).

Em setembro de 1976[9], faleceu Mao Tsé-Tung aos 83 anos, iniciando uma nova fase na disputa pelo poder dentro do PCC. Hua Kuo-Feng tornou-se primeiro-ministro e presidente do partido, adotando uma linha política moderada, que se distanciava tanto do grupo de extrema esquerda, liderado pela viúva de Mao Tsé-Tung, Chiang Ching, como do grupo mais à direita no espectro partidário, liderado por Deng Xiao Ping.

---

[9] Em janeiro de 1976 morre o primeiro-ministro Chou En-Lai. Com isso, a China perdeu o seu mais habilidoso diplomata e o PCC, o seu grande conciliador das várias facções internas.

Em 1977, ocorreu a reabilitação de Deng Xiao Ping e este começou a sua ascensão dentro do PCC, colocando o grupo liderado por Chiang Ching à margem do processo decisório dentro do partido. E a assinatura de acordo com a Grã-Bretanha para a devolução de Hong Kong à China em 1º de julho de 1997.

2.2.8 A Economia Socialista de Mercado

A ascensão de Deng Xiao Ping marcou o início do processo de afastamento das idéias de Mao na China, e de seus admiradores que faziam parte do centro de poder decisório do país. Lentamente, a figura de Mao Tsé-Tung foi perdendo a força e a aura adquirida após a Revolução Chinesa. Paralelamente, adotou-se como prioridade as políticas, que consistiam em modernizar a agricultura, indústria, defesa e ciência e tecnologia. Dando também liberdade para a abertura de pequenas empresas e criação de empresas mistas (joint ventures). Além disso, foram criadas as Zonas Econômicas Especiais (ZEEs), com o objetivo de atrair o capital estrangeiro.

Ao longo da década de 1980, as reformas econômicas e a abertura ao exterior começaram a surtir efeito. A economia da China cresceu a taxas espantosas ao longo da década de 1980. A província de Guangdong foi campeã de crescimento. Localizada próximo a Hong Kong, ostentava uma taxa de crescimento real de 12,5 por cento ao ano desde 1979. Isso se explica pelo fato dessa província ter avançado mais na internacionalização e na abertura ao exterior, propiciadas pela proximidade de Hong Kong, um dos Tigres Asiáticos.

No entanto, as reformas econômicas e a abertura ao exterior não foram acompanhadas por reformas políticas e abertura interna, o que criou o seguinte paradoxo: externamente, a China estava cada vez mais aberta e, internamente, cada vez mais fechada. E, a partir de 1985, com o programa de abertura política (a glasnost) iniciado na U.R.S.S. pelo secretário-geral do Partido Comunista da União Soviética (PCUS), Mikhail Gorbachov, esse paradoxo se acentuou. Isso fez com que as reivindicações por reforma e abertura política adquirisse força. Em 1986, ocorreram protestos de estudantes que foram duramente reprimidos pelo governo. Mas o ápice dessas reivindicações ainda estava por vir. (JAGGI et al., 1996a)

2.2.9 O crescimento do “made in China”

Depois que passou o mal-estar provocado pela repressão aos estudantes, os negócios retomaram o seu curso normal na China. Isso ficou bastante claro no fluxo de investimentos destinados ao país, além do grande número de empresas transnacionais que passaram a se instalar nas ZEEs em busca da liberdade de ação, do enorme mercado consumidor da China e, principalmente, da abundante, disciplinada e barata mão-de-obra disponível.

Ao longo da década de 1990, a China experimentou um espantoso crescimento econômico, dado que, após a crise de 1973, o capitalismo passou por um período de modestas taxas de crescimento. Nesse cenário de crise, reestruturação e recomposição global do capitalismo, as taxas de crescimento da China eram uma exceção. Em 1993, a China cresceu 13 por cento e recebeu 11 bilhões de dólares de investimentos estrangeiros. Já em 1994, o investimento atingiu 26 bilhões de dólares. Ao final da década de 1990, as exportações estavam na casa dos 150 bilhões de dólares. Esse crescimento vertiginoso e o baixo custo dos produtos, devido à mão-de-obra extremamente barata, sugerem uma resposta ao fato dos produtos “made in China” terem invadido o mercado global.

Mas esse crescimento econômico também gerou o aumento das desigualdades sociais e regionais, cuja principal conseqüência foi o deslocamento crescente de pessoas para as ZEEs em busca de melhores condições de trabalho e vida. Isto fez com que o governo passasse a restringir o número de pessoas que poderiam entrar nas ZEEs, como forma de evitar um crescimento desordenado. Outra conseqüência foi o aumento da inflação. Ao mesmo tempo em que a economia do país crescia de forma impressionante, o governo chinês obtinha importantes ganhos internacionais. O mais importante foi, sem dúvida, a devolução de Hong Kong ao controle da China em 1º de julho de 1997, fazendo com que a força econômica deste Tigre Asiático fosse incorporada à economia chinesa. Também foi acertada com o governo de Portugal a devolução da colônia portuguesa de Macau em 20 de dezembro de 1999.

Em 19 de fevereiro de 1997, Deng Xiao Ping morreu, e o presidente da China, Jiang Zemin, tornou-se o dirigente máximo do país. Numa prova de que estava disposto a continuar o caminho das reformas econômicas e da abertura ao exterior, iniciado pelo

seu mentor Deng Xiao Ping, Jiang apresentou um plano ambicioso. Todo esse crescimento econômico da China, no entanto, trouxe para o país conseqüências ecológicas gravíssimas. O ar é poluído pelo carvão, o país não tem esgotos e coleta de lixo suficiente para atender à população urbana, parte da população só dispõe de água poluída para beber, e praticamente todos os grandes rios estão contaminados por produtos tóxicos.

3 - A CHINA E SUA ECONOMIA

Aspectos como variação do fluxo de comercio internacional, crescimento e influência do PIB, além das avaliações das contribuições dos investimentos externos e interferências do Estado são discutidos neste capitulo, procurando clarear de forma sucinta as variações ocorridas na área econômica chinesa nas últimas duas décadas.

3.1 Panorama de Desenvolvimento.

Os resultados do crescimento chinês devem ser vistos à luz das reformas econômicas ocorridas e orientadas para a criação de uma economia mais descentralizada e voltada para o mercado e pela crescente abertura ao exterior, além de estar influenciado pela significativa contribuição das reformas estruturais. O aumento significativo do acúmulo de capital, influenciando diretamente no crescimento do PIB, o que se explica na sua quase totalidade pelo aumento da contribuição da produtividade dos fatores. No entanto, quando se verifica a decomposição deste efeito, percebe-se que, apesar da migração dos trabalhadores do setor agrícola para outros setores, e principalmente para os de maior produtividade ter sido um fator dominante, evidências mostram que esta migração já ocorria antes de 1979.

Nesse aspecto o aumento da contribuição na produtividade deve-se ao incremento da contribuição das reformas e do componente residual, e este valor passou de uma taxa negativa principalmente no período da Revolução Cultural nos anos setenta, para um valor muito próximo da nulidade a partir de 1979, refletindo talvez a influência da tecnologia com aspectos das reformas estruturais não detectadas por tal indicador.

As reformas incluíram a diversificação das formas de propriedade, incluindo o incentivo à criação das empresas privadas, o incentivo ao lucro e o relaxamento do controle do Estado sobre as dimensões econômicas. Em paralelo procedeu-se a uma liberalização do comércio externo e a criação de condições para o investimento direto estrangeiro, que culminaram na adesão à OMC em dezembro de 2001. Os pragmáticos chineses parecem nutrir a idéia básica que permitiu no passado os sucessos do Japão e dos

“tigres asiáticos”, integrar-se ao mundo ainda dominado pelo Ocidente de maneira dinâmica, mas prudente, negociada e não imposta, sem deixar-se dominar.

Em geral, os chineses preferem hoje um mundo realmente multipolar à hegemonia de uma superpotência. Daí as tensões recorrentes com os Estados Unidos e a importância que dão às suas relações com a Europa, o Japão, a Rússia, o Brasil entre outros. Assim, a entrada na OMC constitui não tanto a conversão do Império do Meio ao capitalismo liberal, mas um compromisso pragmático aceito pelos líderes chineses para reforçar e consolidar as novas correntes de exportação, o aporte de investimento externo direto (IED) que dinamizaram sua economia e para deixar de uma vez de ser uma espécie de outlaw comercial[10]

As pressões exteriores, se tornaram mais previsíveis visto que são regulamentadas no âmbito da OMC, continuam agilizando as reformas internas que os lideres chineses querem impor com o objetivo de avançar rumo à economia socialista de mercado.

Este panorama do desenvolvimento da China não estaria refletindo a realidade sem uma breve referencia aos chamados “tigres”. No entanto dois deles chineses, sem contar Cingapura que, mesmo se localizando distante geograficamente, tem três quartos de população chinesa.

O sucesso de Hong Kong a torna como uma das mais bem sucedidas da história mundial. As oportunidades oferecidas a partir de 1949 foram muito bem aproveitadas pelos mais de 6 milhões de chineses que nela vivem. A administração colonial teve um papel bem ativo nos domínios dos transportes públicos e na habitação, ambos particularmente importantes no contexto de um território muito montanhoso, dividido em várias ilhas e uma península e com uma densidade demográfica que ultrapassa atualmente os 6.000 habitantes por Km^2. Também devem ser levadas em conta as tradições comerciais e portuárias, a afluência de mão de obra barata, como também certa experiência empresarial entre os milhões de fugitivos da Republica Popular que se refugiavam em Hong Kong.

---

[10] Figurativo denotando a violação aos direitos de propriedade intelectual

Taiwan esteve sob o domínio Chinês até 1895, e após sua libertação transformou-se rapidamente em uma potencia industrial, apesar de ter recebido importante ajuda norte americana no início, principalmente nos segmentos militar e econômico. Contou também com sua hábil integração aos mercados mundiais em expansão, resultando em altas taxas de poupança, como também em acelerado nível tecnológico. Uma ajuda importante para esse crescimento fundamenta-se no meio século de colonização japonesa cujo legado pode ser contabilizado nas estradas de ferro, rede portuária e alguns setores produtivos relativamente avançados.

Todo esse processo do desenvolvimento chinês ocorreu de forma gradual e resultou em profundas transformações estruturais na economia. Podem-se destacar os ganhos de produtividade quer resultantes de um comportamento mais eficiente dos agentes econômicos, refletindo em grande parte a introdução de autonomia de decisão na agricultura e nas empresas, além de desenvolvimento de mecanismos de mercado, quer ao nível de influência dos recursos econômicos, em particular pela diminuição do peso dos setores primário e industrial estatal e um aumento do peso dos setores orientados para o exterior.

No caso do setor agrícola, as reformas propiciaram um clima de incentivos à produção e ao investimento, que se traduziu num aumento significativo da produtividade e dos níveis de vida e na libertação de trabalhadores para outros setores. Observa-se que, entre 1980 e 2003, a produtividade agrícola mais que duplicou e a proporção do emprego principalmente no setor primário diminuiu cerca de 20 pontos percentuais, para cerca da metade do emprego total (figura 2).

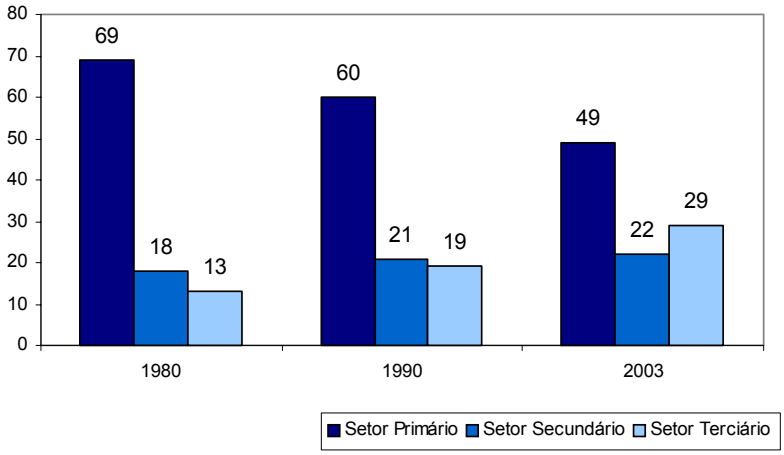

Figura 2 - Variação do emprego por setor de atividade (porcentual;)
Fonte: National Bureau of Statistics of China, 2004.

Percebe-se claramente através da figura 02, que a predominância do setor primário na parcela das atividades é ainda muito significativa, mas também nota-se que ao longo dos últimos 20 anos o número de empregos deste setor, tem perdido sua força, cedendo lugar aos setores de transformação e serviços, demonstrando que as mudanças e o crescimento industrial têm provocado à transferência da área agrícola para outros setores. Por outro lado, ainda se fala em 800 milhões de trabalhadores na área rural, o que ainda é uma cifra impressionante.

No entanto essa migração do setor agrícola concentrou-se em grande parte, dentro do espaço rural. Existem algumas restrições de natureza legal e administrativa que não permitiram o êxodo rural para as áreas urbanas, o chamado sistema "hukou[11]", que define que as pessoas devem residir ou trabalhar num local previamente definido. Uma segunda restrição trata-se do sistema de utilização da terra agrícola, que determinava

[11] Sistema hukou – Sistema instituído pelos maoístas em 1955, para impedir que grande massa de camponeses, migrassem para as cidades, sem o atestado correspondente, ou seja, estando fora do seu *hukou*, a pessoa não faz jus a cartões de racionamento ou acesso aos sistemas hospitalar, educacional, etc. (PUGA, 2004).

que um agricultor que se afastasse por períodos prolongados da sua residência rural perderia o direito de utilização da terra, sendo esta a principal garantia de rendimento durante a velhice. Neste contexto, cerca de 60 por cento da população chinesa continua a viver em zonas rurais, embora este número inclua o contingente de trabalhadores que oscila entre o setor rural e o urbano, trabalhando essencialmente no setor informal das cidades.

As reformas foram acompanhadas de uma crescente abertura ao exterior da economia chinesa. Este processo de abertura iniciou-se de forma relativamente lenta na década de oitenta, com a abolição de certos controles às exportações e importações, e intensificou-se nas décadas seguintes, dados os fluxos de investimentos direto estrangeiros e a diminuição significativa das tarifas. Entre 1993 e 2002, as tarifas diminuíram de 38 para 6 por cento, em média ponderada. É de destacar a fortíssima expansão do comércio externo chinês, com um crescimento médio de 15 por cento (figura 3) entre 1980 e 2004.

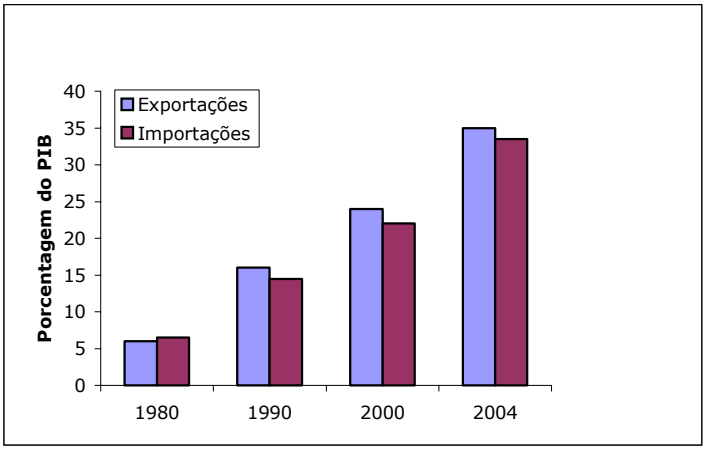

Figura 3 - Grau de Abertura ao Exterior.
Fonte: National Bureau of Statistics of China, 2004.

3.2 A internalização da China

A partir do final do século 20, a Republica Popular da China tem feito escolhas nas políticas governamentais. As reformas de comércio implementadas desde 1978 têm trazido tensões comerciais e grandes expectativas para a futura prosperidade. No entanto, essa mudança tem levado a China a um ponto onde os parceiros comerciais insistem na liberalidade e na obediência aos reconhecidos princípios internacionais da Organização Mundial do Comércio (OMC). Verifica-se também a grande influência que a China tem atualmente nas relações comerciais com o resto do mundo, não se excetuando o Brasil, aonde o incremento das negociações vem se acentuando de maneira significativa, a ponto de interferir de maneira profunda, tanto nas atividades comerciais, quanto nas industriais.

Essas pressões externas vêm ao mesmo tempo em que a China ingressa na OMC, e também enquanto negocia acordos bilaterais com a Europa, Estados Unidos e seus emergentes vizinhos. Adicionalmente, o país tem trabalhado forte nos termos de sua participação ambiciosa no fórum (*Asia-Pacific Economic Cooperation - APEC)* de cooperação econômica da Ásia, (JAGGI G, at. al, 1996a).

Após vinte anos de marginalização internacional e de frustradas tentativas de mudanças internas, resultando em conflitos internos, a Republica Popular da China aproximou-se do Ocidente e passou a ocupar o assento como membro permanente do Conselho de Segurança da ONU em 1971. Durante a década de 70, enquanto se procedia a renovação da elite dirigente, a inserção internacional da China era empreendida com sucesso, num processo complementar. Desta forma, em 1978, o Partido Comunista da China (PCC) lançou uma política de reformas e modernização, sob a liderança de Deng Xiaoping. Desde então, o país vem experimentando um acelerado crescimento econômico e participado ativamente da vida internacional.

A China constitui o único país do chamado grupo dos países em desenvolvimento que faz parte dos que são considerados com grande poder militar, pois além de estar dotado com uma indústria aeroespacial, sistema autônomo de mísseis, arsenal nuclear ainda integra o Conselho de Segurança da ONU. Além disso, sua economia atingiu certo grau de desenvolvimento que, aliada à soberania do país sobre certas decisões concernentes

a essa área, fazem com que o país tenha determinado peso na economia mundial e, igualmente, não possa ser arrastado tão facilmente por crises financeiras induzidas por capitais especulativos. A economia chinesa cresceu significativamente em plena vigência da crise asiática, enquanto se observa com apreensão a possibilidade de desvalorização da moeda chinesa.

De outra parte, o estabelecimento das Zonas Econômicas Especiais (ZEEs) permitiu a criação de plataformas de exportação, que obtiveram divisas, investimentos e tecnologia. Concomitantemente, enquanto o planejamento socialista era descentralizado, envolvendo as comunidades locais e flexibilizando os mecanismos de tomada de decisão, o mercado era centralizado, devido à integração entre as regiões e os ramos da economia. Era o que Deng Xiaoping denominou "Economia Socialista de Mercado".

A estratégia das "Quatro Modernizações"; indústria, agricultura, defesa, além de ciência e tecnologia, encerrou definitivamente o maoísmo, ainda que a figura deste Grande Timoneiro[12] continuasse sendo respeitada dentro do PCC e pela população. Isto implicava em outro aspecto crucial: a passagem da ênfase na luta de classes para a ênfase na modernização econômica, sinalizava para a próspera diáspora chinesa a intenção de promover a reconciliação nacional. A fórmula de um país, dois sistemas buscava, precisamente, reincorporar os enclaves coloniais de Hong Kong (1997) e Macau (dezembro de 1999), atrair capitais e recursos humanos das comunidades de além-mar (particularmente as do sudeste asiático) e reunificar o país, criando uma federação com Taiwan.

3.3 Medidas de Incentivos.

Considerado como o setor que constituía historicamente à base da economia, a China através da execução de uma reforma agrária que extinguiu as chamadas comunas agrárias[13], consideradas então obsoletas, tratou de estimular sua agricultura. Estas

---

[12] Conforme Spitzcovsky (1997) Mao Tse Tung, em função da sua força e ascendência sobre seu povo, era conhecido e chamado de "O grande Timoneiro")

[13] Comunas agrárias – Coletivização das terras, dos instrumentos e animais da lavoura, tornaram-se obsoletas pela perda do interesse dos camponeses na exploração das terras.

foram substituídas por um novo sistema alicerçado em contratos de responsabilidade, por meio dos quais as famílias passaram a poder dispor livremente de 90 por cento de sua produção, enquanto os 10 por cento restantes eram obrigatoriamente destinados ao governo e pagos com sementes, adubos e equipamentos agrícolas. Como resultado dessa profunda mudança, a safra de grãos chineses logrou aumentar de forma continua nos anos subseqüentes, até se converter na maior do mundo, a partir de 1999.

No lado externo, o plano de Deng Xiaoping adotou como pilares a abertura aos investimentos estrangeiros e o incentivo ao comércio internacional, com o objetivo de promover as exportações e, como decorrência assegurar a geração de superávits comerciais, o acúmulo de reservas cambiais e a criação de emprego. Para tanto, entre outras medidas, as exportações foram isentas do pagamento de qualquer imposto, incentivo este que foi estendido também às importações de equipamentos e matérias-primas destinados à produção para o mercado externo. Foram também disponibilizadas várias linhas de financiamento, bem como criadas diversas zonas francas, além das cinco ZEEs – Xiamen, Shenzhem, Zhuhai, Shantou e Hainan - estrategicamente localizadas nas proximidades de importantes portos, todas voltadas para o mercado externo. No caso especifico das ZEEs, as empresas estrangeiras nelas instaladas, além de gozarem da isenção de tributos, puderam contar com o incentivo adicional da livre remessa de lucros e dividendos para o exterior desde o primeiro ano, bastando para tanto, em contrapartida, exportar entre 10 e 20 por cento da produção (MACHADO, FERRAZ, 2005).

A China aumentou de maneira significativa sua presença no mercado internacional com a adoção dessas medidas. Como resultado, entre 1979 e 2004, suas exportações cresceram de maneira ininterrupta e a taxas bem expressivas, equivalente a uma média anual de quase 16 por cento, o que possibilitou um salto de US$ 13,6 bilhões para US$ 573 bilhões em 2004, ou seja, em pouco mais de duas décadas (tabela 1).

As importações, por sua vez, aumentaram igualmente de forma muito expressiva, passando de US$ 15,6 bilhões, em 1979, para US$ 561,4 bilhões, em 2004, o que corresponde a uma taxa de crescimento de quase 15 por cento ao ano. Com isso, a corrente de comércio, impulsionada tanto pelas exportações como pelas importações, aumentou em mais de 40 bilhões em 2005, ao passo que a participação do comércio externo no produto interno bruto (PIB), elevou-se de 9,8 por cento, em 1979, para 36 por

cento, em 2005. (ORGANIZATION FOR ECONOMIC CO-OPERATION AND DEVELOPMENT[14], 2005).

Tabela 1 - Participação da China no comércio mundial.

Participação da China no comércio mundial	1979	2000	2001	2002	2003	2004
Exportações %	0,8	3,9	4,3	5,0	5,8	6,4
Importações %	0,9	3,4	3,8	4,5	5,4	6,1
Exportações da China (US$ x 10^6)	13,614	249,203	266,098	325,591	437,899	573,567
Importações da China (US$ x 10^6)	15,621	225,094	243,553	295,171	413,062	561,440
Exportações Mundiais US$ x 10^6)	1,669,383	6,435,732	6,177,370	6,465,239	7,490,263	8,975,589
Importações Mundiais (US$ x 10^6)	1,693,396	6,633,031	6,380,483	6,616,949	7,684,798	9,244,679

Fonte: United Nations Conference on Trade and Development, 2004.

A importância crescente da economia chinesa constitui um fenômeno marcante da evolução da econômica global no último quarto de século. Manifestando-se no aumento da contribuição para o crescimento da economia mundial, e no reforço considerável do peso da China nos fluxos de comércio internacional. A economia mundial continua a crescer a taxas expressivas, sendo que a China tem contribuído com cerca de um quarto desse crescimento nos últimos cinco anos no lado das exportações, e enquanto as importações têm contribuído com aproximadamente um sexto para a expansão do comércio mundial. (MARTINS, 2005).

[14] Os países membros da OECD são: Alemanha, Austrália, Áustria, Bélgica, Canadá, Coréia, Dinamarca, Espanha, Estados Unidos, Finlândia França Grécia, Hungria, Irlanda, Islândia, Itália, Japão, Luxemburgo, México, Noruega, Nova Zelândia, Países Baixos, Polônia, Reino Unido,República Eslovaca, Republica Tcheca, Suécia, Suíça e Turquia.

Neste contexto, a China passou a ocupar o terceiro lugar no ranking mundial dos maiores exportadores, superada apenas pelos Estados Unidos e pela Alemanha, com milhares de empresas participando do comércio exterior, mostrando com este resultado a efetividade das medidas de incentivos implementadas pelo país neste período de transição.

3.4 A Importância da Economia Chinesa.

A integração da China na economia mundial tem sido crescente. Entre 1980 e 2004, o peso das exportações e das importações chinesas de mercadorias no total mundial aumentou de cerca de 1 por cento para 6,6 e 6,0 por cento, respectivamente. Em 2004, a China foi o terceiro maior exportador e importador em nível mundial. Adicionalmente, a economia chinesa recebeu, desde o início dos anos 90, cerca de um quarto do investimento direto estrangeiro mundial dirigido a economias de mercado emergente.

A tabela 2 abaixo mostra o crescimento da participação da China nas importações dos chamados países industrializados, no período de 1990 a 2004 a ampliação desta participação foi muito expressiva, principalmente nos Estados Unidos e Japão onde o incremento das exportações chinesas atingiu patamares de crescimento acima dos 300 por cento, seguido das exportações para a Coréia do Sul onde esse crescimento superou a casa dos 200 por cento.

Tabela 2 - Participação da China nas Importações das Economias Industrializadas

A IMPORTANCIA DA CHINA NAS IMPORTAÇÕES DAS PRINCIPAIS ECONOMIAS INDUSTRIALIZADAS				
(Em %)	1990	1995	2000	2004
Área do Euro	4,4	4,7	5,2	8,6
EUA	3,1	6,1	8,2	13,4
Japão	5,1	10,7	14,5	20,7
Coréia do Sul..	3,5	5,9	7,4	11,6
Hong Kong.	36,8	36,2	43,1	43,5
Taiwan.		3,0	4,4	10,0

Fonte: Martins, 2005.

A penetração de produtos manufaturados originários da China nas principais economias mundiais atinge atualmente níveis significativos. Este aumento da quota da China reflete a forte vantagem comparativa na produção e montagem de bens em que o custo da mão-de-obra é determinante. Analisa-se, no entanto, que as exportações chinesas tem se caracterizado por uma crescente diversificação (tabela 3). Por exemplo, agrupando-se os itens: têxteis, vestuário e calçados chega-se a uma variação no total das exportações de cerca de 34 por cento em 1994, para cerca de 19 por cento em 2004. Em contrapartida, o peso das máquinas (onde se agrupam os itens: máquinas e material de transporte, máquinas e aparelhos de escritório e elétricos, aparelhos e equipamentos de telecomunicação e o item outras máquinas) tem-se uma variação no mesmo período de 16 por cento para mais de 40 por cento do total exportado. (MARTINS, 2005).

Tabela 3 - Estrutura das exportações chinesas.

ESTRUTURA DAS EXPORTAÇÕES DA CHINA POR GRUPOS DE PRODUTOS			
Peso no total das exportações nominais (%)	**1994**	**1999**	**2004**
Produtos alimentares e animais vivos; Bebidas e tabaco	9,1	5,8	3,4
Materiais em bruto, não comestíveis, exceto os combustíveis minerais			
Lubrificantes e produtos conexos; Óleo, gorduras e ceras, de origem animal e vegetal	7,0	4,5	3,4
Produtos químicos e produtos conexos,	5,2	5,3	4,4
Artigos manufaturados, classificados principalmente segunda a matéria prima	19,2	17,0	17,0
Têxteis	9,8	6,7	5,6
Máquinas e Material de Transporte	18,1	30,3	45,2
Máquinas e aparelhos de escritório para tratamento automático de informação	2,2	6,9	14,7
Aparelhos e equipamentos de telecomunicação e para registro e reprodução de som	5,6	6,7	11,5
Máquinas e aparelhos elétricos, e suas partes e peças separadas	4,9	9,2	10,0
Outras máquinas	3,3	4,3	5,5
Artigos manufaturados diversos	41,3	37,2	26,4
Vestuário e acessórios de vestuário	19,6	15,4	10,4
Calçado	5,0	4,5	2,6
Outros.....	0,0	0,1	0,2

Fonte: Martins, 2005.

A economia chinesa tem ainda um grande potencial de crescimento, visto que se trata de um país relativamente pobre, em que o rendimento per capita se situa aquém do

observado nas principais economias em desenvolvimento ou ainda quando comparado com outras economias asiáticas.

Observa-se que o crescimento populacional da China apesar de significativo tem se mantido a valores constantes, com leve tendência a queda, quando comparado com a participação da população mundial (tabela 4). No contexto geral, tendo em vista o tamanho da população chinesa e seu nível de renda, o principal entrave para o crescimento forçado pelos investimentos públicos no início dos anos 80 era o baixo incremento na produção de bens de consumo, principalmente os alimentos. Da mesma forma a expansão forçada da massa de salários, colocou também sob pressão uma demanda por alimentos que em decorrência gerou uma pressão inflacionária, ou na escassez generalizada ocorrida na época do "grande salto a frente", distorção corrigida com a reforma ocorrida na agricultura[15], e com o crescimento das importações. No entanto a evolução do PIB chinês em relação ao PIB mundial (tabela 04) mostra um expressivo crescimento a partir dos anos 80.

Tabela 4 - O crescimento da Economia Chinesa.

Característica	1980	1990	2000	2004	2006
População da China (x 10^6)	987	1143	1267	1298	1300
% da População Mundial	22,1	21,6	20,9	20,6	20,7
PIB[16] mundial (US$ x 10^6)			31,624,466	40,960,425	
PIB Chinês em relação ao mundial %	2,6	1,7	3,4	4,0	5,1
PIB avaliado em PPP[12] %	3,2	5,7	10,9	13,2	15,4
PIB per capita[17]					
Avaliado a taxas de câmbio de mercado %	2,5	1,5	2,5	3,2	4,8
Avaliado em PPP %	3,5	5,8	11,2	14,3	16,1

Fonte: United Nations conference on Trade and Development, 2004.

[15] Reformas introduzidas por Deng Xiao Ping em 1979.

[16] PIB – Produto Interno Bruto representa a soma (em moeda corrente) de todas as riquezas finais produzidas em uma determinada economia (país ou região), por em determinado período. Já o PIB avaliado em PPP (Purchase Parity Power, ou Paridade do Poder de Compra) elimina o efeito das oscilações do cambio.

[17] O PIB per capita foi considerado a base de US$100,00.

Desde o início do processo das reformas econômicas, o crescimento econômico da China tem sido impressionante (figura 4). Entre 1980 e 2004, a taxa de crescimento média do PIB, em termos reais, foi de 9,5 por cento, muito superior ao crescimento da economia mundial no mesmo período. Dado que o crescimento populacional foi moderado, a expansão econômica traduziu-se num aumento significativo da renda per capita. Esta evolução, em paralelo com a melhoria significativa em outros indicadores de desenvolvimento humano, resultou numa redução substancial dos índices de pobreza.

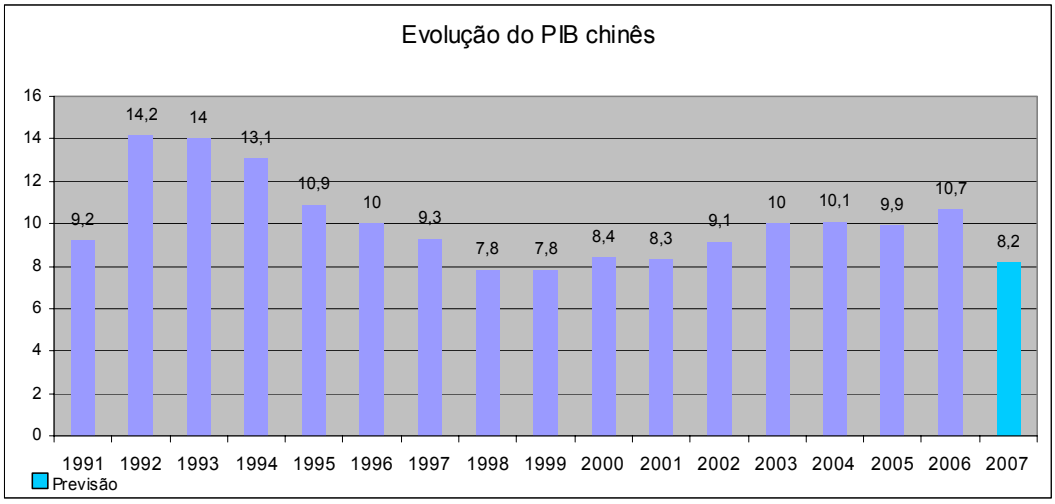

Figura 4 - Variação do PIB Chinês.
Fonte: Ministry of Commerce of the People's Republic of China, 2006.

Vários estudos empíricos, destacando-se os trabalhos de (Chow, 2002 apud Martins, 2005); e Heytens e Zebregs (2003), tentaram identificar os fatores explicativos do rápido crescimento econômico da China no período de reformas econômicas (tabela 5). Com base nesta análise, a taxa de crescimento do PIB pode ser decomposta nas contribuições dos diversos fatores de produção, notadamente trabalho e capital, e do crescimento da produtividade total dos fatores. A contribuição de cada fator depende da taxa de crescimento de cada fator e da elasticidade do produto[18] em relação a esse fator. Por sua vez a contribuição da produtividade total dos fatores para o crescimento

[18] Elasticidade do Produto: Boone e Kurtz (1998, p. 472) Fazem uma explanação sobre a elasticidade do produto, como sendo a medida da receptividade de compradores e fornecedores às mudanças de preços

do produto é calculada por diferença entre o crescimento do produto e a contribuição dos fatores de produção em análise.

Tabela 5 - Análise dos Fatores de Crescimento do PIB chinês.

FATORES DE CRESCIMENTO DO PIB NA CHINA [a]								
Em porcentagem do PIB [b]	Chow 2002			Heytens e Zebregs (2003)				
	1952-98	1952-78	1979-98	1971-78	1979-98		1990-98	
Crescimento Observado	7,3	5,8	9,3	5,4	9,1		9,1	
Crescimento Potencial	7,2	5,5	9,5	4,9	9,3		9,3	
Acumulo de capital	5,1	4,6	9,8	4,8	5,7		5,7	
Crescimento da Força de Trabalho	0,9	0,9	1,0	0,7	1,0		1,0	
Crescimento da Produtividade total dos fatores	1,2	0,0	2,7	-0,5	2,5		2,5	
				1971-78	1979-84	1985-89	1990-94	1995-98
Crescimento da Produtividade total dos fatores				-0,5	2,8	2,1	2,8	2,3
Reformas estruturais [c]				0,4	0,9	0,8	0,9	0,4
Êxodo agrícola				2,3	2	1,5	2,2	2,1
Tendência exógena [d]				-3,3	-0,2	-0,2	-0,2	-0,2
Notas:								
a) As estimativas são baseadas em modelos com rendimentos constantes à escala								
b) Média no período								
c) Medidas com base em quatro indicadores, a proporção do produto industrial originada pelo setor não estatal								
d) Resíduo, onde se inclui o progresso tecnológico.								

Fonte: Chow (2002) Heytens e Zebregs (2003) apud Martins (2005, p. 69)

Bosworth e Collins (2003) fazem um estudo no período 1960-2000 com uma amostra de 84 países, encontrando as seguintes contribuições da produção total dos fatores (PTF): para países industrializados, 45,4 por cento; China 54 por cento; e Leste Asiático 25 por cento. Os resultados sugerem que o acúmulo de capital foi o fator de produção que mais contribuiu para o crescimento do PIB na China entre 1979 e 1998. Esta contribuição esta relacionada com a manutenção, de forma sustentada nas últimas décadas, de um ritmo significativo de investimento em capital físico quer com a elevada elasticidade do

produto em relação ao capital. Note-se que o peso do investimento em capital fixo no PIB aumentou de 29 por cento em 1980 para 44 por cento em 2004.

Ambos os estudos (apresentados na tabela 5) estimam a elasticidade do produto em relação ao capital em cerca de 65 por cento. Na hipótese assumida de rendimentos constantes à escala, a elasticidade do produto em relação ao trabalho será apenas de 35 por cento, o que deverá estar relacionado com a relativa abundância de trabalho na China, onde persistem ainda regiões muitos pobres e com baixa produtividade. Neste contexto, a contribuição do fator de trabalho para o crescimento econômico foi relativamente baixa, apesar deste fator ter apresentado um crescimento médio anual de 2,8 por cento entre 1978 e 1998. A participação do PIB chinês na economia mundial atingiu em 2005 o valor de 15,41 por cento, representando um sexto da economia mundial.

Como análise paralela, a falta de dinamismo na economia brasileira tem produzido expressivas perdas. Nos últimos dez anos, o mundo cresceu, em média, 17 por cento a mais que o Brasil. E o PIB per capita brasileiro expandiu-se neste período a uma taxa tão pequena que a seguir neste mesmo compasso se distanciará rapidamente das economias mais desenvolvidas. Isso se explica em parte pela pequena participação dos investimentos no PIB. Ainda ressalta-se que o crescimento do PIB per capita brasileiro nos últimos dez anos foi um dos piores do mundo (CONFEDERAÇÃO NACIONAL DA INDÚSTRIA, 2006)

A figura 5 mostra a variação do PIB brasileiro em relação ao PIB mundial, deixando claro que além das oscilações a que a economia brasileira está sujeita, deixa também evidente a modesta participação na economia mundial, como também denota que o crescimento brasileiro está muito longe da média de crescimento ao redor do mundo.

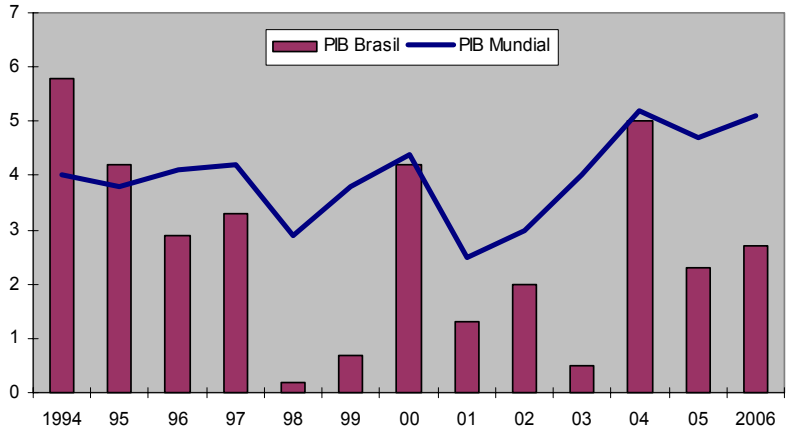

Figura 5 – Variação anual do PIB Brasil e PIB Mundial (%)
Fonte: Fundo Monetário Internacional apud Confederação Nacional da Indústria, 2006.

O desempenho econômico brasileiro tem contrastado cada vez mais com o favorável ambiente externo, pois o cenário atual mostra que as demandas estão acirradas, com preços e liquidez atrativos. Segundo a Confederação Nacional da Indústria, (2006) o fraco crescimento brasileiro apresenta outras características que o restringem, tais como: a taxa de investimentos próxima de 20 por cento do PIB não é suficiente para promover um crescimento sustentado acima dos 3,5 por cento do PIB, somando-se a isso a taxa de câmbio valorizada, além da continua expansão dos gastos públicos.

Explica-se por um outro lado este fato, já que as economias latino-americanas investem pouco, apenas 20,8 por cento do PIB (na média de 1995 a 2004, segundo o International Monetary Fund (2006)), nível abaixo da média mundial, que foi de 22,1 por cento. No Brasil, o volume de investimento no PIB foi de 19,3 por cento no mesmo período. A falta de investimentos acaba por limitar taxas de crescimento mais expressivas a longo prazo. As economias do centro e leste europeu, por sua vez investiram, em média, 23,9 por cento do PIB entre 1994 e 2004. No entanto as economias emergentes na Ásia elevaram essa participação a 32,6 por cento, não sendo surpresa, portanto, que sejam exatamente os países que apresentam (tabela 6). as maiores taxas de expansão do mundo.

Tabela 6 - Investimentos em porcentagem do PIB.

Grupamento de países	Média 1995/2004	2004
Economias desenvolvidas	21,3	20,6
África	20,0	21,3
Leste e centro europeu	23,9	24,5
Economias emergentes da Ásia	32,6	35,4
América Latina	20,8	20,4
Brasil	19,3	19,6
Mundo	22,1	21,9

Fonte: Confederação Nacional da Indústria, 2004.

Segundo o relatório do Banco Mundial (2005) o crescimento dos países em desenvolvimento tem atingido índices recorde, e deverá crescer de maneira mais moderada nos próximos anos, mas a globalização poderá promover um crescimento mais rápido da renda nos próximos 25 anos do que no período 1980-2005, tendo-se como cenário central ainda os países deste grupo. No entanto, esse crescimento poderá aumentar a desigualdade e as pressões ambientais.

A economia chinesa sob todos os aspectos deverá continuar se expandindo, talvez a taxas mais modestas, como prevê ainda o relatório, no entanto esse crescimento ainda será a grande propulsão dos negócios mundiais. As mudanças internas serão cada vez mais importantes e determinantes na consolidação das negociações, tanto internas como externas.

3.5 Produtividade chinesa.

O principal problema que prejudica o desempenho da indústria chinesa é a ineficiência ainda fortemente espalhada na operação das mesmas. Atualmente a maioria das indústrias opera com recursos físicos inadequados, e que são pobremente gerenciados

pelas firmas que as controlam. Em contraste com a economia planejada no Oeste Europeu, a indústria chinesa é caracterizada pela subutilização das facilidades na produção em escala. Como exemplos existem inúmeros produtores independentes de automóveis, a maioria dos quais produzem pouco mais de alguns milhares de unidades por ano. A maioria das plantas e equipamentos se mantém produzindo modelos desatualizados.

As tentativas de explicar como alguns países no Leste e Sudeste da Ásia tiveram um crescimento formidável nos últimos 30 anos, oferecendo razões para o chamado "Milagre do Leste Asiático", têm produzido uma das maiores e interessantes discussões no campo do crescimento na década atual. (FELIPE, 1999).

Krugman (1994) aponta que o crescimento econômico da China torna-se difícil de avaliar em função de que a qualidade dos números obtidos é extremamente pobre, somando-se ao fato de que a medição do crescimento a partir da revolução cultural após 1964, mostra que houve modesta evolução em eficiência, e muito mais devido às entradas de investimentos.

Tecnologia inadequada e capacidade limitada para inovar são fragilidades apresentadas pela maioria das indústrias chinesas. A grande oferta de mão de obra faz com que as empresas chinesas ainda não se preocupem com as características de processos de fabricação voltadas para automação e recursos direcionados a incrementos a produtividade, o que ainda as coloca bem abaixo das utilizadas mundialmente. Além do que a China devota e produz proporcionalmente poucos recursos e inovações cientificas, tais como patentes, comparativamente com os países da Organization for Economic Co-Operation and Development (2005), e ainda quando comparado com a Índia. O numero total de patentes originárias dos países em desenvolvimento, tais como Brasil, China, Índia e da África do Sul, tem crescido rapidamente, mas a participação desses países no numero total de patentes registradas ainda é muito pequena. Em 2002, esses 4 países somavam somente 0,58 por cento do total de patentes, mas não deixa e ser um substancial aumento em relação a 1991, quando apresentavam 0,15 por cento do total

A indústria tem um papel relativamente pequeno no desenvolvimento de tecnologias, além do que a tecnologia transferida pelas empresas estrangeiras para as firmas

chinesas tem sido limitada em quantidade e em inovações. Essas ineficiências são atribuídas a um leque de fatores ligados ao nível das empresas, ao ambiente externo e dependem das relações entre governo e empresas.

Zheng e Hu (2004) fazem uma análise da influência do crescimento da produtividade total dos fatores (PTF), mostrando primeiro que o crescimento da PTF torna-se mais informativo quando as condutas e atribuições institucionais são relaxadas pelas mudanças dos fatores baseados tradicionalmente nas metodologias de crescimento contábeis, para uma aproximação baseada na função produção. O crescimento do PTF teve uma consideração menos importante durante o período de 1995 a 2001 do que o período prévio de 1978 a 1995. Em segundo lugar, a decomposição do crescimento do PTF em progresso técnico e melhoramentos de eficiências tem implicações políticas de grande importância, devido à distinção fundamental para as ações políticas, especialmente em países em desenvolvimento. Por outro lado o progresso tecnológico na China depende principalmente da transferência de tecnologia estrangeira em uso doméstico, do que das pequenas inovações próprias. Em outras palavras, durante os últimos 20 anos, a China adotou como vantagens as tecnologias estrangeiras, mas durante o período dos anos 90, sua produção provinciana se moveu vagarosamente, indicando baixo progresso tecnológico. Concluem os autores que não está claro se esta lentidão tecnológica é devido às estratégias governamentais, ou devido às diferenças em termos de níveis tecnológicos com os países do Oeste.

3.5.1 Considerações sobre a avaliação do PTF.

Dentre os fatores utilizados na produção, o mais representativo como indicador parcial do rendimento dos fatores é a produtividade da mão de obra. A produtividade total dos fatores (PTF) leva em conta além do uso da mão de obra o uso da matéria prima como também os serviços de capital.

Vale salientar que a China encontra-se imersa em profundas mudanças, tanto organizacional, como tecnológica. O aumento da competição transforma-se em resposta às mudanças inseridas nos últimos tempos, tais como, a abertura comercial, e o reposicionamento do Estado. Essas alterações se fundamentam em conceitos de flexibilização e deixam claro que a China não está isolada em termos tecnológicos, mas

caracteriza-se por possuir um sistema econômico impar no mundo, principalmente em termos de práticas administrativas, e as recentes inovações tecnológicas organizacionais adotadas em nível internacional ainda estão longe de ser totalmente assimiladas.

As mudanças organizacionais principalmente nos métodos de gestão e administração na indústria chinesa ainda são incipientes e a administração de recursos humanos e a otimização dos processos logísticos ainda são muito pouco exploradas.

Portanto a eficiência produtiva ainda é baixa, representando pequena variação da produtividade total dos fatores. No entanto percebe-se também que a liberação comercial resulta em mudanças na estrutura produtiva, acarretando em melhor utilização de insumos, e incremento na qualidade do produto final, mostrando que este é o caminho pelo qual a indústria chinesa estará percorrendo nos próximos anos.

Várias formas de cálculo da PTF sugerem diversas escolhas, dependendo principalmente da qualidade dos dados. Não é objetivo deste trabalho, explorar os métodos e algoritmos de cálculos, no entanto pode-se dizer que, a forma mais interessante é o uso de funções tipo Cobb-Douglas para a construção de modelos teóricos, principalmente após o estudo de Solow (1956).

No final dos anos 50 examinando os elementos, capital e trabalho, como os itens básicos do crescimento econômico, Robert Solow percebeu que o crescimento de economias, principalmente a dos EUA no século 20, deveria ser explicado a partir de outros fatores que não só o capital e a mão de obra. Essas outras fontes de crescimento foram denominadas "resíduo de Solow[19]. No caso dos Estados Unidos, aproximadamente um terço do crescimento anual da renda per capita era oriunda de outros fatores que não capital e trabalho.

Maital (1996) atesta que no novo local de trabalho, as pessoas que sabem como criar conhecimento, e depois utiliza-lo serão a parte mais importante da força de trabalho. E o

---

[19] O Resíduo de Solow mede a parte do crescimento da produtividade do trabalho, que não é explicada pelo aumento da intensidade capitalista, refletindo nomeadamente o progresso tecnológico e o aumento da qualidade dos fatores .(ELLERY, GOMES, 2003).

conhecimento propriamente dito substituirá terras, máquinas, mão de obra não qualificada e matéria-prima, e até mesmo a capacidade gerencial, como fator crucial da produção – na verdade, isso já aconteceu. Nossa consciência sobre isso foi de certa forma ocultada pelo fato de que os enormes investimentos feitos em sistemas de informações, pelas empresas nos Estados Unidos na última década (1980), trouxeram resultados decepcionantes em ganhos imediatos em produtividades e lucratividade.

Os dados da (tabela 5[20]), mostram um crescimento não sustentado na China, oriundo de uma baixa contribuição da PTF nos períodos de1952 a 1978, deixando claro que a evolução foi gerada muito mais dos investimentos externos no país, do que dos fatores propriamente ditos.

Dekle e Vandenbroucke (2006), fazem uma análise econômica ajustando os dados da economia chinesa no período de 1978 a 2003, observando que o crescimento da PTF no setor público foi essencialmente zero, enquanto que no setor privado aproximava de 7 por cento. Ainda no mesmo período a produtividade total da mão de obra cresceu 5,7 por cento, e a contribuição da transformação estrutural, ou a realocação do trabalho na agricultura para os setores não agrícolas teve um crescimento respeitável de 1,9 por cento. No entanto a contribuição desta realocação do trabalho sofreu um declínio resultando em 0,2 por cento entre 1978 e 1996, contra uma taxa de 5,8 por cento no período entre 1996 e 2003. Durante este último período, a contribuição do setor privado subiu para 2,7 por cento, e a contribuição da realocação da mão de obra do setor público para o privado atingiu o valor de 1 por cento.

Assim, atualmente, e provavelmente no futuro o direcionamento do PIB chinês e o crescimento da produtividade da mão de obra terão uma redução em função da ineficiência do setor público, e particularmente em função do progresso tecnológico do setor privado. Os autores consideram que o modelo econômico apresentado na pesquisa, captura bem as transformações estruturais da China, a realocação da mão de obra, e os perfis de crescimento da produtividade da mão obra nos setores privados, agrícola e público.

---

[20] Ver pagina 41.

3.6 Volume de Reservas

Os excepcionais resultados obtidos no comércio internacional possibilitam ainda ao país, acumular o maior volume de reservas cambiais do mundo, que em 2006 atingiram a incrível cifra de US$ 941 bilhões (figura 6), dinheiro canalizado ao banco central chinês, que viram investimentos em infra-estrutura e obras básicas além de impulsionar o alto ritmo de crescimento. O resultado consolida a China na liderança mundial de reservas cambiais, ultrapassando o Japão. (VICENTINI, 2006)

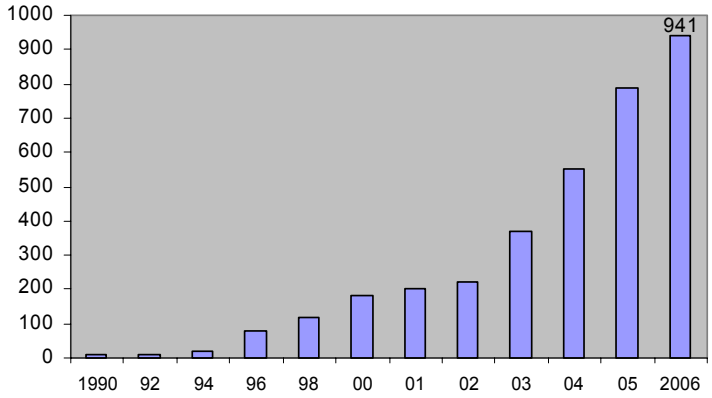

Figura 6 - Crescimento das reservas cambiais chinesas (US$ bilhões)
Fonte: China Statistical Yearbook apud Franklin Templeton Investments, 2006, p. 2.

Deve-se analisar as reservas cambiais no conceito mais moderno como sendo uma proteção aos capitais especulativos dada a enorme volatilidade dos fluxos financeiros dos mercados atuais, criando uma barreira aos ataques de moedas flutuantes, e visando dar maior segurança e autonomia aos bancos centrais como também as políticas econômicas. No entanto manter as reservas tem um custo que é o diferencial entre as taxas de juros externas e internas, além de gerar elevado impacto fiscal. A China e o Japão são hoje os países de maiores reservas cambiais, com valores acima dos US$ 860 bilhões.

Manter as reservas em aproximadamente ao valor equivalente a 12 meses de importações era o que se praticava em um passado não muito distante, No entanto o poder de mobilidade desses capitais ainda era inexpressivo não havendo grandes preocupações com proteção.

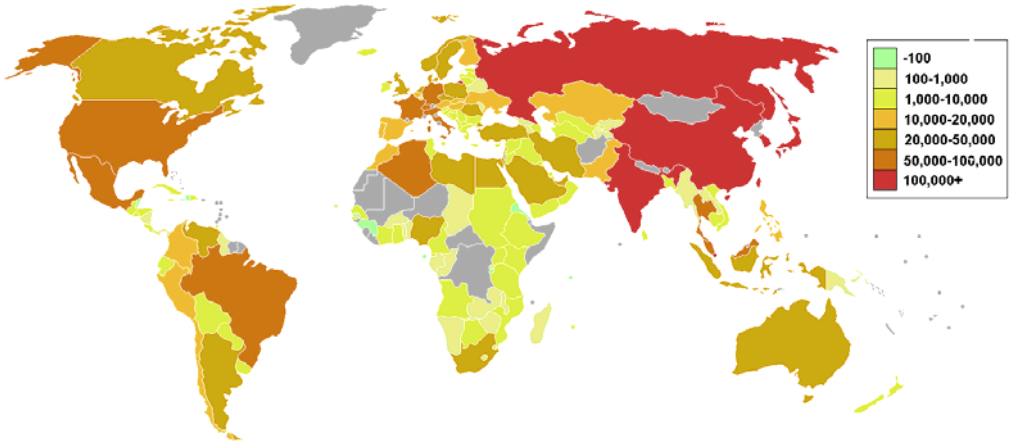

Figura 7 – Distribuição das reservas cambiais mundial
Fonte: GNU Free Documentation License, 2006

A figura 7 acima apresenta a distribuição das reservas cambiais mundial, mostrando que o maior volume de reservas encontra-se no leste asiático. As autoridades monetárias dos mercados emergentes têm mais do que dobrado seus estoques de reservas cambiais a partir da metade da última década.

O crescimento das reservas nos países do leste asiático pode ser explicado pela experiência da crise financeira asiática, além de refletir situações em que o acesso aos mercados de capitais é diminuído, em função dos controles e interferências dos setores privados e governamentais em determinados países, tornando-os de alto risco.

A enorme dificuldade da China é saber o que fazer com as reservas cambiais. O superávit comercial tem sido a principal fonte de acúmulo dessas reservas, somado aos

constantes e crescentes investimentos estrangeiros. Este acúmulo de reservas permite que o yuan[21] se mantenha desvalorizado em relação ao dólar, o que por um lado favorece as exportações, mas por outro lado, o maior volume deste superávit deve ser aplicado em títulos, e principalmente do tesouro dos EUA, que têm grande liquidez, mas baixo rendimento. Caso o governo chinês não compre todo o volume de dólares que entram no país para fazer reservas, ocorreria um aumento da oferta da moeda americana em circulação, o que resultaria na sua desvalorização, e consequentemente na valorização do yuan, tornando os produtos chineses menos atrativos, principalmente no mercado americano (RESERVAS..., 2006).

3.7 Aspectos Energéticos

No tocante a energia elétrica, vale salientar em termos de necessidades energéticas ainda não se sabe exatamente como as reais necessidades serão supridas, ou como ainda a China considera esta questão. Também o impacto ambiental se faz carente de maiores discussões, visto que as cidades de Taiyuam, Urumqui, Zhengzhou e Lanzhou são as que possuem o ar mais poluído do mundo.

Como a previsão do crescimento das emissões de poluentes até 2020 está atrelada ao crescimento do consumo de energia, estima-se que o incremento das emissões de poluentes deve chegar próximo aos 60 por cento, enquanto que o petróleo se mantém como fonte primaria, e o gás natural ganhará importância. O consumo de energia deverá crescer 70 por cento, passando de 13 bilhões de kWh em 1999 para 22 bilhões de kWh em 2020, (ORGANIZATION FOR ECONOMIC CO-OPERATION AND DEVELOPMENT, 2006).

A energia consumida na China depende excessivamente do carvão. Sendo que a abundância e o baixo custo do recurso em solo chinês explicam a sua importância. As reservas chinesas deste mineral são de 115 mil MT[22], ou seja, 11 por cento do total mundial, a terceira atrás da Rússia e dos EUA. Em 1996 a China foi o maior produtor

[21] Yuan - Moeda chinesa.

[22] MT – Milhões de Toneladas

mundial de carvão com 1,4 mil MT (37 por cento do total), o dobro do verificado em 1980, e em 1999 representou 23 por cento do consumo mundial, (NUNES, 2001).

A China é o segundo maior exportador deste minério e vem deslocando o mercado mundial do líder, a Austrália. A busca da redução de custos das siderúrgicas brasileiras é a principal razão da concentração da importação brasileira em carvão mineral principalmente da China. A alta qualidade aliada aos baixos custos do carvão chinês, considerando-se a expansão recente da sua infra-estrutura de transportes e aos incentivos que o governo chinês oferece às estatais exportadoras. Por esses motivos, as principais siderúrgicas brasileiras importam o produto chinês, sendo que algumas se beneficiam também do regime de drawback[23], uma vez que parte significativa das importações de carvão destina-se às exportações de aço, o que permite melhorar o nível de competitividade dessas siderúrgicas no mercado internacional.

Em uma avaliação geral o crescimento desmedido da China poderá resultar em pressões gravíssimas sobre o meio ambiente global. Imagina-se uma China onde a maior parte da população use carros, ar condicionado e geladeiras. Hoje, a China já é o maior produtor de gases causadores do efeito estufa de maior crescimento e seu crescimento econômico agravará o aquecimento global provocando, provavelmente, o aumento do nível dos mares e inundando assim outras regiões densamente povoadas como o delta de Bangladesh. A industrialização da China aumentará os preços de energia em todo o mundo e criará problemas de contaminação como as chuvas ácidas, que afetarão, inclusive, países distantes. Existem, assim, previsões de que a China será em 2020, ou ainda antes, o primeiro emissor mundial de dióxido de carbono, com aproximadamente 20 por cento do total. Há meio século contava com algo em torno de 1 por cento e pouco mais de 10 por cento em 1990 (KRISTOF e WUDUNN, 1994).

A tabela 7 mostra uma avaliação do consumo mundial de energia, analisado no período de 1997 a 2000, fazendo previsões até o ano de 2010, mostrando que a Ásia, a China mais especificamente e os países em desenvolvimento deverão no mínimo duplicar, e no máximo quadruplicar o consumo de energia no período considerado.

---

[23] Drawback – Processo pelo qual se obtém vantagens econômicas nos impostos devidos na importação de produtos que serão destinados a exportação, após remanufaturados ou montados em outros como parte de conjuntos.

Tabela 7 - Avaliação do crescimento do consumo mundial de energia.

Previsões e taxas de crescimento mundial do consumo de energia por regiões de 1997 a 2010								
Regiões	DdE/1	DdE/2	DdE/3	DdE/2000	S&P	AIE	Pira	PEL
P.Industrializados	0,9	1,	1,6	1,2	1,4	1,2	0,9	1,1
EUA e Canadá	1,2	1,5	1,8	1,3	1,4	1,1	1,3	1,2
Europa Ocidental	0,7	1,1	1,5	1,0	1,5	1,3	0,9	1,1
Ásia	0,3	0,8	1,3	1,1	1,0	1,1	0,9	0,6
PECO/Ex-URSS	0,6	1,1	2,2	1,3	1,2	1,4	1,8	0,9
Pais em desenvolvimento	2,1	3,2	4,1	3,7	3,7	3,8	4,1	3,8
Ásia	2,0	3,3	4,1	4,1	3,7	3,9	4,1	4,1
China	1,5	3,2	4,0	4,9	3,5	3,6	4,3	4,3
Outros Ásia	2,5	3,3	4,2	3,2	3,8	4,2	3,9	3,8
Médio Oriente	2,1	3,0	3,9	3,0	3,4	2,7	3,2	3,4
África	1,7	2,6	3,4	2,5	2,5	2,9	3,3	2,7
América Latina	2,7	3,0	4,5	3,7	4,4	3,3	3,0	3,5
Mundo	1,3	2,0	2,6	2,1	2,3	2,1	2,2	2,1

Legendas: DdE – Departamento de Energia do governo dos EUA; DdE/1, DdE/2 e DdE/3 – cenários respectivamente, de crescimento fraco, de referencia e de crescimento forte, do international Energy Outlook (IEC) 2001; DdE/2000 - IEQ 2000; S&P – Standart & Poor's, World Energy Service: World Outlook 1999; AIE - Agencia Internacional de Energia, World Energy Outlook 2000; Pira – Pira Energy Group; Retainer Cient seminar; PEL – Petrolium Economics Ltd. Oil and Energy Outlook to 2015; PECO - Países da europa Central e Oriental; PVD - Países em vias de desenvolvimento.

Fonte: NUNES, 2001

A distribuição do consumo de energia (figura 8) mostra que os fatores: crescimento, investimentos internos e externos, desenvolvimento e clima representam peso considerável afetando diretamente o crescimento no consumo de energia.

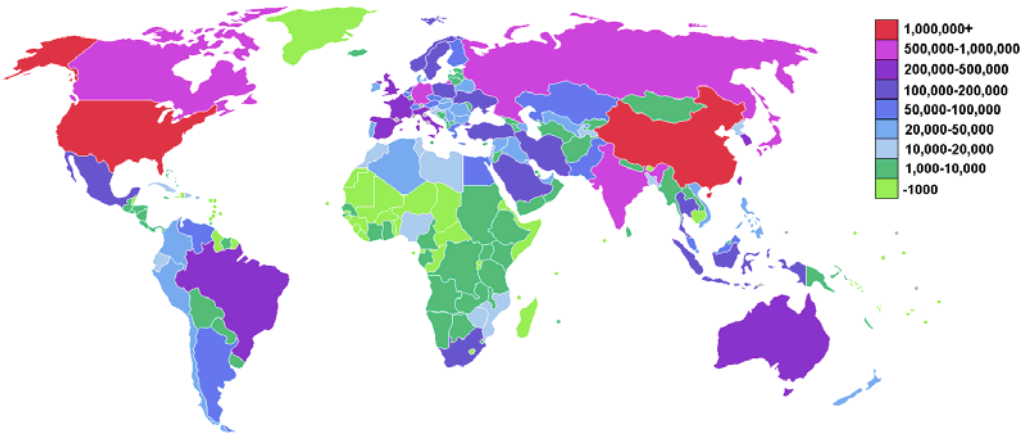

Figura 8– Maiores consumidores de energia (escala proporcional)
Fonte: GNU Free Documentation License, 2006.

Em paralelo, mas não menos importante, a busca pelo petróleo e por outras matérias primas como ferro, aço e cobre, tem atuado de maneira significativa no mercado mundial, afetando diretamente os preços nos mercados internacionais. Especificamente no caso do petróleo, a procura da China por este combustível aumentou de 3,4 para 7,7 por cento entre 1990 e 2004, segundo o U.S. Department of Energy (2004).

A demanda mundial de energia, ainda segundo o U.S. Department of Energy atingirá o valor de 15697 milhões tep (tonelada equivalente de petróleo) em 2025, o que representa uma taxa média de crescimento na demanda mundial de energia de 1,8 por cento ao ano. Os países industrializados[24] apresentam taxa de 1,12 por cento ao ano, e os em desenvolvimento[25] de 2,79 por cento ao ano, os países do grupo EE/FSU[26] de

[24] Países Industrializados: EUA, Canadá, México, Inglaterra, França, Alemanha, Itália, Outros industrializados da Europa, Japão e Austrália.

[25] Países em desenvolvimento: China, Índia, Coréia do Sul, Turquia, Países da África, Países da América Central e do Sul, e outros países em desenvolvimento da Ásia e do Oriente Médio.

1,49 por cento ao ano. Nesse particular o Brasil atinge um consumo de energia de 346 milhões de tep em 2025, com taxa de crescimento de 2,42 ao ano.

As variações na estrutura de participação das fontes de energia na oferta interna mundial apresentam variações pequenas quando são projetados com a serie histórica (figura 9), O gás natural é o único energético que apresenta aumento na participação, deslocando principalmente, o carvão mineral. O petróleo e a energia nuclear apresentam pequena perda de participação e as fontes renováveis (hidráulica, biomassa, eólica, solar, etc) mantêm a participação.

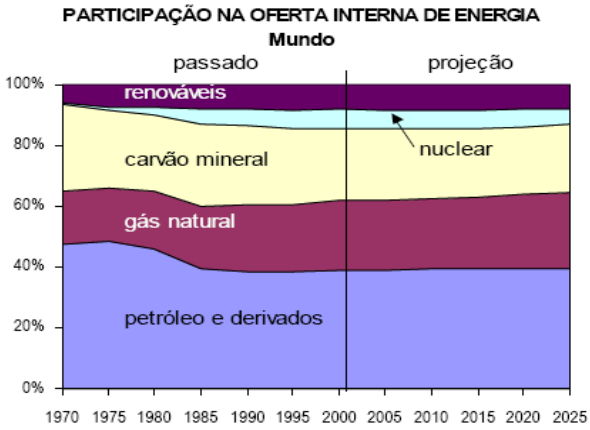

Figura 9 – Projeção das fontes de energia e suas participações no cenário mundial.
Fonte: U.S. Department of Energy, 2004

No tocante as emissões de Dióxido de Carbono (CO_2) chegando a 37124 milhões de toneladas em 2025[27] o U.S. Department of Energy ainda alerta nas suas previsões mostrando tendências de estabilidade em relação ao consumo de energia. No entanto os países em desenvolvimento mostram modesta redução, ou seja, cerca de -0,05 por cento ao ano, os países industrializados mantêm o indicador em cerca de 2,2 tCO_2/tep ,

---

[26] Países que compões a EE/FSU: Rússia, Ucrânia, Belarus, Cazaquistão, Bulgária, Albânia, Croácia, outros da antiga União Soviética, outros da Europa em Reestruturação Econômica.

[27] O indicador do consumo de energia (tCO_2/tep) mostra a manutenção deste valor na previsão para 2025 tendo como referencia o ano de 1995.

há uma redução também neste mesmo indicador em aproximadamente 0,15 por cento para os países do grupo EE/FSU (figura 10).

Neste sentido o Brasil apresenta em termos de previsão dados que coloca seu indicador ainda como um número favorável, ou seja, apenas 1,93 tCO_2/tep no final do período analisado.

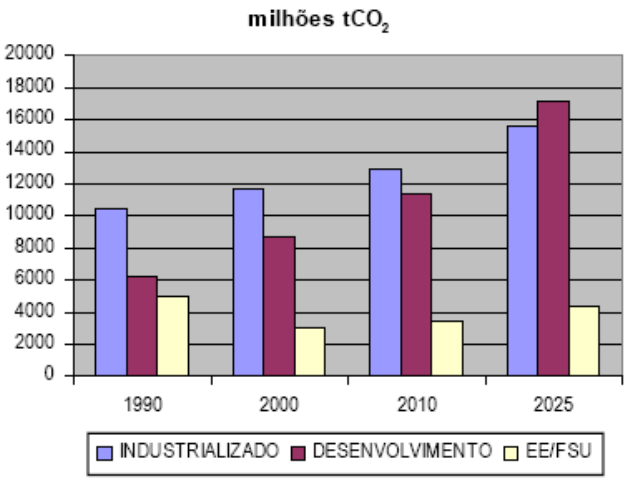

Figura 10 – Emissões de Dióxido de Carbono por região.

Fonte: U.S. Department of Energy, 2004

Dentro dos países industrializados a China tem se mostrado como o responsável pela maior contribuição no consumo de energia nas próximas duas décadas, e sua chegada ao clube dos grandes consumidores de energia coloca o mundo perante a necessidade de consumir menos e melhor. Ou seja, os países industrializados têm um padrão de consumo insustentável em médio prazo, o que transportado à escala da China evidencia e antecipa as conseqüências, ou seja, a China consome hoje o equivalente a 1,2 milhões de toneladas de carvão (uma tonelada por habitante). Comparado com os países industrializados consumiria 4 vezes mais, tornando-se insustentável do ponto de vista ambiental, e nesse particular propõe ainda o autor que, ou a China não aumenta

seu consumo, ou os países industrializados e em especial os EUA, que representam metade das emissões desses países diminui seu consumo oferecendo espaço para o incremento no consumo da China segundo Chevalier, (2001, p. 4 apud NUNES, 2001).

O carvão apresenta inúmeros problemas ambientais, dos quais se destacam as emissões, sendo o dióxido de enxofre (SO_2), óxidos de azoto (NOX), partículas e dióxido de carbono (CO_2), além de resíduos e chuvas ácidas como os principais poluentes. A China é o maior emissor de dióxido de enxofre, e os EUA os primeiros em dióxidos de carbono com 25 por cento, seguido da China com 11 por cento. Admite-se que as emissões de dióxido de carbono resultantes da combustão de combustíveis fosseis – carvão, gás e petróleo valham ¾ das emissões totais de dióxido de carbono causados pelo homem. Depende de que forma serão encarados os problemas ambientais para se definir mais claramente a evolução do consumo de energia. (NUNES, 2001).

3.8 Crescimento do mercado de tecnologia chinês.

O mercado da China irá impactar cada companhia da área de manufatura de uma forma ou outra. Como a maioria das companhias já opera ou tem pretensões de operar nos próximos anos na China, este mercado se torna definitivamente uma oportunidade para aqueles que estão querendo investir tempo e recursos. No entanto a janela para se entrar no mercado chinês não permanecerá aberta para sempre, pois o mercado esta se capacitando, e a maioria dos componentes serão procurados localmente. Também se torna claro e inevitável que vários componentes também serão exportados para outros países. Atuar no mercado Chinês hoje pode significar obter uma excelente oportunidade de expandir seus mercados e negócios, além de prover possibilidades de novos negócios em outros pontos, oferecendo produtos a baixos custos.

Cada companhia deve determinar o grau no qual a China pode afetar seus negócios, para muitos, esta será uma oportunidade, enquanto que para outros, isto será uma ameaça. A chave para identificar bem antecipadamente é prover a companhia de tempo adequado e se preparar para reagir se necessário. (AUTOMOTIVE PARTS MANUFACTURERS' ASSOCIATION, 2004).

As exportações da China consistem, principalmente, em computadores e equipamentos relacionados, que dependem bastante das importações de componentes eletrônicos, provenientes, cada vez mais, dos países asiáticos, (ORGANIZATION FOR ECONOMIC CO-OPERATION AND DEVELOPMENT, 2005).

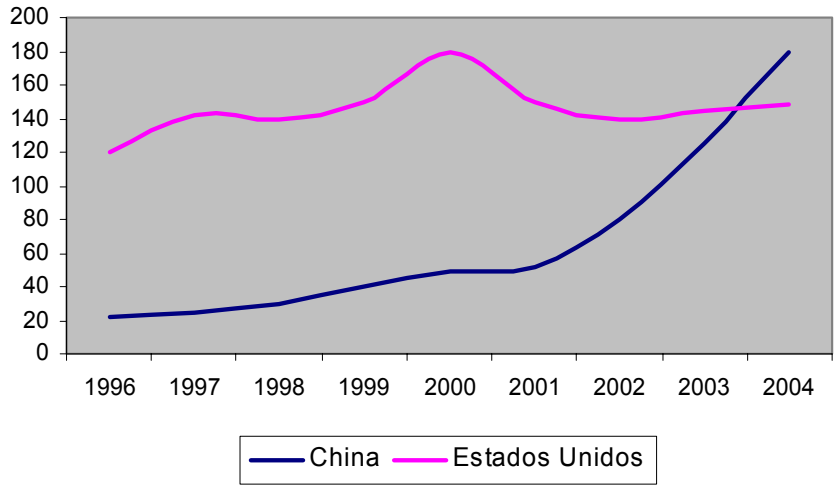

Figura 11 - Exportações chinesas de bens de tecnologia de informação (US$ bilhões)
Fonte: Organization for Economic Co-operation and Development, 2005.

A China se desenvolveu rapidamente pelo fato de hospedar empresas estrangeiras de Tecnologia de Informação e Comunicação (TIC) ou contratos de terceirização de produtos manufaturados para realizar a montagem final dos produtos das TIC na China, uma estratégia diferente daquelas dos outros maiores produtores de TIC na Ásia. Ultrapassou os EUA como o maior exportador de produtos de TIC em 2004 (figura 11), e suas importações nesta área continuam aumentando. O valor agregado por empregado de filiais estrangeiras no setor tem aumentado continuamente, e atividades mais complexas tecnicamente, tais como a concepção, o teste e a pesquisa e desenvolvimento, estão se orientando, cada vez mais para a China. (ORGANIZATION FOR ECONOMIC CO-OPERATION AND DEVELOPMENT, (2005).

Os rápidos avanços tecnológicos nas TIC aumentaram a permutabilidade dos serviços e possibilitaram prestar diversos serviços relacionados com as TIC, dos mais longínquos locais, sem que seja necessário um contato face a face. Embora os países da OCDE ainda representem a maioria das atividades de serviços e dos comércios de prestação de serviços, o crescimento é muito rápido em vários países não membros da OCDE. A Índia e a China também representam aproximadamente 6,5 por cento das exportações e quase 5 por cento das importações de serviços relacionados com computadores e serviços de informação e outros serviços empresariais. Alguns países da Europa do Leste e do Báltico também estão aumentando sua proporção de serviços relacionados com a prestação de serviços. (ORGANIZATION FOR ECONOMIC CO-OPERATION AND DEVELOPMENT, (2005).

4 – O INTERESSE PELA CHINA

Considera-se que os investimentos diretos estrangeiros, os recursos de custo e mão de obra, respectivamente baixos e abundantes, além das reservas de capital e investimentos estatais internos como sendo as razões principais do interesse pela China. Avalia-se neste capitulo o comportamento dos investimentos estrangeiros, a política econômica aplicada pela China, com as regras e facilidades no âmbito dos negócios, iniciando-se com uma explanação sobre a avaliação teórica do *"paradigma eclético"* de Dunning, que objetiva explicar os motivos da migração de capital investidor.

4.1 Referencial teórico sobre os IEDs

Basicamente se considera que os investimentos diretos estrangeiros (IED) ingressam em um país devido, em grande parte, ao tamanho do mercado, ou seja, a procura de mercado, ou market-seeking, como a principal atividade para os empreendimentos internacionais alocarem sua atividades no país de destino. Percebe-se pela análise bibliográfica que os estudos iniciais somente surgiram após os anos 50, pois antes não havia nenhuma análise teórica, apenas alguns ensaios, voltados para o estudo das atividades das firmas fora de seus países de origem.

> Os primeiros ensaios segundo Dunning (1993) indicavam as tentativas de Iversen (1935) onde se estabelecia uma teoria para os movimentos de capital de portfólio também Williams (1929) já reconhecia que a internacionalização de empresas carecia de modificações nas teorias de comércio neoclássica. (apud LIMA JUNIOR, 2005, p. 4)

Kindleberger (1969), considera que para que o investimento direto exista deve haver imperfeições nos mercados de bens e fatores, ou alguma interferência na competição por parte do governo ou por parte das firmas, ou seja, a estrutura de certos mercados é responsável pelo aparecimento do investimento direto estrangeiro, principalmente se se caracterizar como monopolista, determinando a conduta da firma que internacionalizar sua produção.

As vantagens do mercado monopolista quando atraem o IED são classificadas sugestivamente como segue. (LIMA JUNIOR, 2005)

- mercado de bens apresentando concorrência imperfeita, além de características especiais de marketing, e diferenciação de produtos
- mercado de fatores com competição imperfeita, além de discriminação ao acesso de capital, patentes e não disponibilidade de tecnologia.
- intervenção do governo, facilitando a entrada de empresas estrangeiras, com a colocação de tarifas atrativas.
- economias de escala internas e externas.

Markusem e Venebles (1995) mostram que a introdução dos empreendimentos multinacionais (EMNs) em um determinado país corrobora para o bem estar de ambos os países, considerando-se que os mesmos sejam similares quando comparado em termos de renda, na dotação de fatores e de tecnologia, e também que os custos de transporte fossem relativamente elevados. Para o caso de custos de transporte baixos em conjunto com as características acima, a presença das EMNs iria elevar o bem-estar apenas da economia em que a mesma estivesse hospedada. Este modelo sugere que a empresa multinacional seria um veiculo de transferência de benefícios dos países ricos para os países pobres.

Hiratuka (2002) considera que a entrada de IDE ocorreria tanto em função da situação onde os custos de produção seriam mais baixos em outros países, como também pela ameaça de perda de ganhos oriundos de monopólios da inovação com a entrada de novos concorrentes locais.

Buclkey e Casson (1976 apud HENISZ, 2003 p. 173) propõem que as firmas poderiam servir aos mercados através de exportação, e de investimento direto estrangeiro, considerando o tempo ótimo das decisões de investimento externo das firmas em termos de custo do mercado externo, das condições de demanda e do padrão de crescimento deste mercado. A teoria da internacionalização roga que o investimento direto estrangeiro seria uma alternativa às exportações e ao licenciamento. John Dunning faz outras considerações, quando através dos seus trabalhos e especificamente do seu autodenominado paradigma eclético, explica a atuação no exterior das firmas, numa visão microeconômica mostrando a união da teoria da produção internacional com teorias do comércio internacional.

O paradigma eclético mostra três tipos de forças (vantagens de propriedade, vantagens de localização e fator de internacionalização) para as firmas na introdução das suas atividades no mercado internacional. A abordagem do custo de transação, através de sua racionalidade holística de longo prazo, visa suportar a decisão entre produzir ou não em mercados externos. Nessa visão, a amplitude, a forma e o padrão de produto internacional são explicados por três grupos de vantagens: Vantagens de propriedade (VP), vantagens de internalização (VI) e vantagens de localização (VL). Estes são parâmetros denominados PLI (Propriedade, Localização e Internalização), que são basicamente os fundamentos para decisão de investimentos no exterior (DUNNING, 1980,1988, 2001).

As vantagens de propriedade ("O" ownership) referem-se a vantagens especificas da natureza ou nacionalidade da empresa, para que possa competir no exterior com empresas locais. Devem ser suficientes para compensar os custos extras de estabelecimento e operação no destino. Pode ser dividida em estrutural, relacionado ao acesso privilegiado a um ativo, e transacional, advindo da capacidade da empresa multinacional tirar proveito das imperfeições, pela gestão em conjunto de ativos em diferentes países.

As vantagens de localização ("L" location) advêm de barreiras protecionistas, custos de logísticas e imposições legais que avaliem o benefício de produzir em outros países buscando proteger-se desses custos adicionais. Podem, também, ser relativas a questões estruturais, quando oriundas de diferenças nos custos de fatores de um país para outro, ou transacionais, provenientes do aproveitamento de oportunidades de mercado (inclusive financeiro), redução de riscos (inclusive de câmbio) e contato com stakeholders[28] .

O fator de internalização ("Ï" internalization) trata da capacidade da empresa de transferir as vantagens de propriedade (ativos de acesso privilegiado) através das fronteiras utilizando a sua estrutura interna ou pela venda para os mercados locais (como licenciamento, por exemplo). A internalização é explorada em busca da redução de incertezas e riscos e da obtenção de economias de escala com a adição de novo país. Os motivos que podem levar uma empresa a internalizar-se em um mercado

[28] Stakeholder, elemento que participa do empreendimento.

englobam: 1) garantir fornecimento de recursos especiais, 2) assegurar qualidade de produtos, 3) proteger direitos de propriedade, 4) controlar preços e 5) diluir custos fixos.

Dunning (1993) assegurava que a principal hipótese do seu paradigma eclético da produção internacional era que o nível e a estrutura da produção da firma estrangeira iriam depender de quatro condições que deveriam ser satisfeitas:

I. a firma estrangeira deveria possuir vantagens de propriedade de alguns ativos em relação a seus concorrentes locais;
II. a firma estrangeira deveria internalizar essas vantagens de propriedade;
III. assumindo as condições (i) e (ii), a firma estrangeira deveria produzir onde as vantagens locacionais são suficientes para garantir a produção;
IV. assumindo as três vantagens acima, a firma ainda deveria considerar que a produção externa fosse compatível com uma estratégia de direção e administração de longo prazo.

Segundo o autor ainda, o paradigma pode ser expresso em uma forma dinâmica, uma vez que cada uma dessas vantagens é especifica de cada firma ou país e podem variar de acordo com a estratégia da EMN. Com isso as alterações na entrada ou na saída de investimento estrangeiro de uma determinada nação podiam ser explicadas em termos de mudanças nas vantagens de propriedade de suas empresas relativas às de outras nações, em termos de mudanças na internanalização dessas vantagens de propriedade por parte das firmas, em termos de mudanças nas vantagens locacionais oferecidas por um determinado país e em termos de mudanças nas estratégias das firmas. (LIMA JUNIOR, 2005)

Grings e Rhoden, (2005) afirmam que a internalização, além da oportunidade de crescimento e acesso a novos mercados, pode ser útil à organização e trazer vantagens competitivas advindas da atuação externa. Inúmeros estudos[29] apontam razões que fundamentam isso, tais como: (i) redução do risco de dependência de mercado ou de moedas; (ii) acesso a novas tecnologias; (iii) redução de custo de captação e acesso maior à linha recursos; (iv) aumento de competência gerencial e operacional pelas experiências em múltiplos mercados; (v) melhoria de expertise resultante da contratação

[29] Os estudos de Eitman, Stonehill e Moffett (2002) e Hogue (1967 apud Grings e Rhoden, 2005).

de estrangeiros; (vi) melhorias de qualidade de produtos e serviços, pelos níveis de exigências do mercado; (vii) motivação de funcionários e (viii) satisfação dos stakeholders com aumento de visibilidade da empresa. Para Hogue (1967 apud Grings e Rhoden, 2005 p. 5), os motivos estratégicos incentivadores da internalização seriam a busca de mercado, o acesso à matéria prima e a eficiência de produção e conhecimento.

Em Dunning (2001) o autor procura explicar o paradigma eclético com o objetivo de examinar as mudanças na posição internacional dos países a medida que eles iam passando por diversos estágios de desenvolvimento. Segundo o autor, o caminho do desenvolvimento do investimento por que passam os países, apresentava como hipótese básica o fato que a medida que um país desenvolve, as vantagens de propriedade, locacionais e de internalização, ou seja, na configuração PLI das firmas estrangeiras que investem nesse país e das firmas nativas que investem em outros países também vão se modificando, sendo possível identificar os efeitos dessas mudanças nas trajetórias de desenvolvimentos dos países. Nesta visão o autor afirma que o primeiro estágio de desenvolvimento seria a pré-industrialização, em que o país não apresentava nem entrada nem saída de investimento, uma vez que não detinha vantagens locacionais, e as vantagens de propriedade das firmas eram insuficientes. Num segundo estágio de desenvolvimento, o país passaria a atrair a entrada de investimento inicialmente em busca de recursos e em setores manufatureiros tradicionais e intensivos em trabalho.

Dunning (1993) também apresentou as razões para uma empresa produzir no mercado internacional. Uma primeira razão seria a busca de recursos, uma vez que as firmas usualmente investem no exterior para adquirir recursos específicos não disponíveis no mercado doméstico, tais como os recursos naturais, as matérias-prima, a mão de obra barata etc. Uma segunda razão seria a busca de mercados, pois as empresas muitas vezes investem em um país no intuito de ofertar bens e serviços para aquele mercado. O tamanho do mercado e a possibilidade de crescimento desse mercado são as principais razões para esse tipo de investimento externo.

Há também ainda a razão para o investimento direto estrangeiro como sendo a busca de eficiência. Através de uma eficiente dispersão de suas atividades, as EMNs podem obter ganhos decorrentes da presença de economias de escala, além de diversificar o

risco. O autor afirma que nas últimas duas décadas tem ocorrido um grande deslocamento de empresas multinacionais para os países em desenvolvimento, objetivando atrair recursos e mercados, enquanto que nos países desenvolvidos o principal investimento das EMNs ocorre em busca de eficiência e de ativos estratégicos.

Numa outra visão a firma é vista como organização administrativa capacitada a explorar de maneira lucrativa, um conjunto de recursos em seu domínio. A empresa deste ambiente explora vantagens competitivas que são consideradas escassas, além de serem únicas e difíceis de imitar, fundamentalmente semelhante com os fatores “O” do modelo “OLI” do autor. Para a localização dos investimentos, dois fatores são considerados como relevantes, sendo o primeiro, a capacidade de localizar e acessar os recursos estratégicos ao redor do globo que fornecem vantagens competitivas, e o segundo a competitividade da firma e sua trajetória de crescimento são moldadas por eventos fora das fronteiras nacionais originais das firmas, e por suas reações estratégicas a eles (DUNNING, 2003).

Os diversos estudos e abordagens sobre a localização, vantagens competitiva e negócios internacionais aparentam ser complementares. O que se nota na revisão da literatura é que a maioria dos trabalhos abordam aspectos específicos, e deixam de lado os efeitos da localização sobre a vantagem competitiva. Porém, percebe-se que a literatura de negócios internacionais já é forte o suficiente para conciliar seus fundamentos oriundos de outras teorias e buscar seus próprios conceitos e modelos. A importância da localização é percebida por todas as correntes da área de negócios internacionais, seja como fator para decisões de IDE ou como fator formador do impulso internacional das organizações. Sugere-se que sejam aprofundadas as pesquisas empíricas que considerem o efeito da localização na vantagem competitiva das organizações, em especial, dos países emergentes como o Brasil e China, de modo que possam agir estrategicamente diante do ambiente em crescente complexidade e competitividade como é o de negócios internacionais. (RODRIGUES, 2007).

Machado e Ferraz (2005) sugerem algumas criticas ao paradigma eclético, mencionando sobre a falta de originalidade, pela sua própria natureza, já que se confina a fazer uma síntese de contribuições da economia industrial, dos custos de transação e localização (espacial) internacional.

(RUGMAN, 1981, 1985, 1986 apud MACHADO, 2005) contrapõe que a internalização é o único fator verdadeiramente determinante e que o paradigma OIL se limita a considerar as condições relevantes para o IDE e não para a escolha entre as alternativas à disposição das empresas, tais como o licenciamento, joint ventures e exportação.

Sobrevalorização das vantagens proprietárias como condição necessária a qualquer atividade internacional das empresas, já que esta também pode apoiar-se exclusivamente nas vantagens comparativas dos países, de acordo com os modelos clássicos e neoclássicos do comércio internacional. Dificuldade na operacionalização dos conceitos, de modo a transformá-los em modelo testável (MACHADO, 2005).

4.2 Investimentos Estrangeiros

Outro indicador do êxito do plano de abertura do mercado chinês está relacionado com a recepção de investimentos externos diretos (IED) (tabela 8). Ainda no período de 1979 a 2003 o país teve aprovadas colocações no montante de aproximadamente US$ 900 bilhões, volume que situa a China em segundo lugar como principal mercado de destino de IED, atrás apenas dos Estados Unidos. Em 2005 a China apresentou um volume de investimentos da ordem de US$ 60 bilhões, sendo que em 2004, considerado como ápice até o momento, a China atingiu a cifra de US$ 61 bilhões em IED, equivalente a um crescimento de 13 por cento em relação ao ano anterior, (ORGANIZATION FOR ECONOMIC CO-OPERATION AND DEVELOPMENT, 2006).

> Um dos principais fatores de análise da economia chinesa é a quantidade de dinheiro externo que entra no país. Existem inúmeros estudos sobre o boom de Investimentos Diretos Estrangeiros (IDE) na China Branstetter e Feenstra (2002) mostram que o fluxo de Investimentos Diretos Estrangeiros (IED) reflete a abertura política e o poder sobre as propriedades na China; Cheng e Kwan (2000) mostram que o grande mercado regional, boa infra-estrutura, e política preferencial são determinantes importantes para os Investimentos Diretos Estrangeiros (IED); Feenstra e Hanson (2004) examinam a organização de operações de processos de exportações para as MNEs na China e testaram modelos dos direitos de propriedade. Lardy (1995), Henley et al (1999) e Zhang (2001) identificam o tamanho potencial do mercado, o baixo custo da mão de obra, políticas preferenciais (Ex. taxas de créditos), aberturas, proximidades geográficas, e estabilidade política

como fatores de atração ao fluxo de Investimentos Diretos Estrangeiros (IED) para a China. (XING, 2006[30]).

Tabela 8 Investimentos diretos estrangeiros na China (IED)

(US$ bilhões)	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005
N. Contratos	17	22	26	34	41	44	44
Valor contratado	41	62	69	83	115	153	189
Valor utilizado[31]	40	41	47	53	54	61	60
Crescimento %	-21	51	11	20	39	33	23

Fonte: Ministry of Commerce of the People's Republic of China, 2006.

4.3 Regras Impostas.

O comércio na China como atividade econômica foi organizado no final do período de Mao ao redor do principio da autoconfiança. Este slogan tinha clara implicação para as relações econômicas frente às reformas de Deng, e exigia:

(i) Completa utilização dos recursos domésticos.
(ii) Rejeição da tecnologia externa em favor da experiência local acumulada.
(iii) Confiança na poupança doméstica.
(iv) Estabelecimento de um sistema industrial detalhado na China.

Assim os contatos econômicos estrangeiros não foram regulamentados em função da adoção dessas medidas, e em conseqüência eram relegados ao segundo plano. A autoconfiança era invocada em festas e eventos, principalmente durante os períodos de assistência Soviética (notadamente entre os anos de 1950 e o início de 1960). O final do período Mao, foi extraordinariamente introspectivo. Oficiais que favoreciam a entrada de tecnologia estrangeira eram considerados como tendo comportamentos não patrióticos.

[30] Traduzido pelo autor.

[31] Investimentos contratados se referem aos investimentos que são prometidos, ou solicitados. Os investimentos realizados se referem aos investimentos efetivamente utilizados.

As duas motivações para a autoconfiança foram a segurança militar e a importância da “tecnologia” de fabricação interna. Mas de fato a forte força atrás da expansão do comércio ocorrida entre os anos 1970 e 1973 foi o desejo de adquirir tecnologia estrangeira, como também a tendência de reduzir as dependências no futuro. Com a autoconfiança perdendo terreno para a arte de empreender, empresários locais atuam alvoroçados para o crescimento da habilidade de fabricar um grande leque de produtos, baseado em tecnologia estrangeira.

Este ciclo voltou a aparecer em 1976, com o primeiro líder após Mao, Hua Guofeng, ter permitido o ressurgimento das importações com o sentido de revigorar a economia. Com dificuldades de honrar seus balanços de pagamentos, a China foi forçada a relaxar as proibições aos empréstimos estrangeiros, e aos créditos de comércio. A inexperiência de Hua no gerenciamento deste processo, e o medo dos chineses na influência de financiamento estrangeiro contribuíram para a ascendência de Deng em dezembro de 1978.

Os resultados foram os piores possíveis e falharam ambos para servir aos propósitos de manter a autoconfiança, o senso de ideologia, e ainda ao crescimento da saúde da economia de mercado. (JAGGI, et al. 1996a).

Antes do período de reforma, as autoridades de Beijin eram relutantes em conceder maior autonomia para as áreas do chamado litoral dinâmico. O movimento das zonas econômicas especiais, e até mesmo se eles pudessem atrair investimentos estrangeiros e desenvolvimento tecnológico, era considerado antitético aos objetivos políticos do igualitarismo. Mas os líderes práticos, especialmente Deng, estavam abundantemente atentos no sentido de que às áreas litorais deveria ser permitido "guiar o modo" para o resto do país. Assim, antes do fim da era Mao, o terreno conceitual estava preparado para o que chegou a ser conhecido como as Zonas Econômicas Especiais e a abertura regional.

4.4 Política de investimentos.

Uma das opções utilizadas pela China sobre o comércio estrangeiro, é a que foi conduzida pelos 12 estados, que controlavam o comércio internacional, onde as fases de procura e definições de quantidades são controladas e dirigidas por um plano central. O plano absorve todas as perdas e ganhos, sendo que varias taxas de câmbio são utilizadas nas relações comerciais entre as Foreign Trade Corporation (FTCs) e as empresas domésticas, com o objetivo de favorecer e desfavorecer algumas transações.

A nova constituição promulgada em 1982, trazia com a promessa de proteger os interesses de investidores estrangeiros, através de direitos legais. Os investimentos externos na China são ainda garantidos também pela criação da figura dos WFOEs, ou o Wholly Foreign-Ownwed Enterprises, que adiciona a já permitida propriedade dos investimentos na China. As WFOEs têm autonomia para determinar sua própria produção e planos de negócios, além de terem a permissão de conduzir seus próprios contratos de trabalho. (FEINERMAN, 1993 apud JAGGI, at al. 1996b).

4.5 Criação de Zonas Especiais Econômicas (ZEEs)

Quatro zonas econômicas especiais (ZEEs) foram criadas e estabelecidas nas províncias litorâneas de Guangdong e de Fujian. Estas áreas são Shenzhen (próximo a Hong Kong), Zhuhai (próximo a Macao) e Shantou, tudo em Guangdong, e em Xiamen (através de Formosa) em Fujian. As autoridades locais nas ZEEs estão possibilitadas em atrair investidores estrangeiros com as políticas preferenciais; podem também empreender seu próprio desenvolvimento na infra-estrutura, podendo levantar fundos. Dentro das zonas, as empresas podem tomar suas próprias decisões de investimento, produção e marketing. A empresa financiada estrangeira na região tem tratamento preferencial nos impostos, além de estarem excluídas da necessidade das licenças de importação e dos deveres normais para com as importações selecionadas Cidades costeiras, num total de 14, são designadas como sendo zonas de desenvolvimento técnico e econômico, abertas para o comércio e investimentos estrangeiros, e aos oficiais locais são dados a autoridade para aprovar construções e projetos industriais, que envolvem investimentos estrangeiros até um valor de US$ 5 milhões inicialmente, e

posteriormente atingem valores em torno de US$ 10 milhões na cidade de Dalian, e em torno de US$ 30 milhões para Tianjin e Shangai. Os empreendimentos dentro das cidades costeiras são beneficiados por concessões de taxas e permissões nas importações. (INTERNATIONAL MONETARY FUND, 1993)

4.6 Custo da Mão de Obra

Outro fator de grande atração para a implantação de empresas na China é o valor médio da mão de obra, que oscila entre US$ 50.00 e US$ 70.00[32] por mês, ou seja, comparando-se com os valores praticados no Brasil, principalmente nas grandes regiões de concentração de empresas, tais como São Paulo, observa-se que o custo da mão de obra está na casa US$ 650.00, para outras cidades do país os custos são menores. Em função disso, observa-se a grande tendência de empresas, principalmente as instaladas no maior pólo industrial do país, o ABC, de se transferirem para outras cidades, não só para o interior de São Paulo, como também para outros estados, como o Sul de Minas Gerais, Rio de Janeiro, Paraná, Bahia entre outros, onde o custo da mão de obra oscila na casa de 1/3 da mencionada acima (SP). Donde se percebe que o custo da mão de obra na China está em geral na casa de 1/9 ou 1/10 das taxas das cidades do ABC (SP), taxa esta que dificulta sobremaneira qualquer esforço voltado para incremento da competitividade nestes locais, pois há casos em que a participação da mão de obra no custo de produção do setor metalúrgico varia entre 15 a 30 por cento, e para este último os esforços no sentido de tornar os custos de produção mais baixos são ainda demasiadamente pesados, restando a criatividade, inovação e dedicação como sendo elementos fundamentais para se manter com competitividade no mercado.

Abramides e Cabral (2003) citam que uma outra decorrência que se evidencia, no caso brasileiro, é o processo de desindustrialização que vem sucedendo em grandes centros industriais como São Paulo e o ABC Paulista, com a migração das empresas para o interior e para outros Estados que oferecem redução nos custos, liberação de impostos e força de trabalho mais barata e menos organizada.

---

[32] Considerado a taxa de cambio de Ago/2006, ou seja, 1US$ = R$ 2,17.

Comparando os valores mencionados com os praticados em países mais desenvolvidos, a situação ainda se torna bem mais critica, pois as diferenças sobem para algo em torno de 3 a 4 vezes dos valores já mencionados, tornando as discussões em termos de custo de mão de obra nestes países, ainda mais criticas.

Os valores praticados pela China em termos de mão de obra, não tem deixado este país pior como um todo, pelo contrario, apesar dos operários saberem que os valores são bem mais baixo que o praticado no resto do mundo, a China vem saindo da lista dos países mais pobres do mundo. Também está criando uma classe "média" de trabalhadores principalmente nas grandes cidades, e tem transformado a China no maior exportador, principalmente para os EUA, conforme já foi visto em outros capítulos deste trabalho.

De acordo com a pesquisa realizada pelo jornal South China Morning Post, em 1o de abril de 2002, os custos da mão de obra expressos em media anual nas maiores cidades da China estavam conforme a tabela 09.

Tabela 9 - Comparativo do valor da Mão de Obra entre as principais cidades chinesas.

Cidade	RMB	Dollars
Gangshou	22,772	2,750
Shangai	21,781	2,630
Beijing	19,155	2,313
Tianjin	14,308	1,728
Chongqing	9,523	1,150

Fonte: Chinafacturing Solutions, 2006.

Em geral o valor da mão de obra na China tem tido ultimamente a tendência ao crescimento, de forma até um tanto quanto ágil, pois os dados econômicos mostram que há fortes razões para essa subida. Os trabalhadores das áreas rurais não têm a principio grande interesse em migrarem para as áreas industrializadas, o que forçaria o custo da mão de obra no campo para baixo. As pressões que os fixam às zonas de origem estão ligadas, primeiro às necessidades legais que impedem que os "proprietários" de terras se afastem delas por longo período, segundo as condições de

renda na agricultura também tem se modificado devido ao seu desenvolvimento, o que tem alterado as suas rendas. Já os trabalhadores das zonas industrializadas e litorâneas, estão sendo disputados pelo mercado, principalmente os mais especializados.

Em termos gerais, tanto rural como urbano percebe-se aumentos significativos dos volumes de capital transferidos para as poupanças. Em 2005 notou-se um crescimento dos depósitos em poupanças de 18 por cento (US$ 1,75 trilhão). A taxa de crescimento dessas poupanças em 27 províncias chinesas está muito próxima da taxa de crescimento do PIB. Nos últimos 3 anos o balanço de depósitos em todas as instituições financeiras no leste, centro e oeste chinês acumulou respectivamente 63,9 por cento, 18.1 por cento e 15.3 por cento do total arrecadado, e as cidades de Beijin e Shanghai, foram as duas maiores em termos de depósitos em poupança, com certeza esses volumes são oriundos do crescimento da massa salarial. (PBC, 2005).

4.7 A Chave do Sucesso.

Olhando por outro lado, afirma-se que o milagre da economia na China nos últimos vinte anos, tem mais da abertura chinesa do que devido a sua reforma. Aparentemente a chave do crescimento chinês tem sido o elevado volume de investimento estrangeiro. No entanto, desde 1955 a habilidade da China para atrair investimentos tem decaído. A soma total dos investimentos contratuais estrangeiros tem declinado ano após ano, sendo que os investimentos reais estrangeiros em 1999 caiu perto de 11 por cento, vindo a aumentar somente 0,9 por cento em 2000. Ainda neste mesmo período, os investimentos diretos globais (IDE) caíram de 11,4 por cento em 1995 para 4,7 por cento em 1999, e para menos de 4 por cento em 2000. Correspondentemente no ranking global das estatísticas do IDE a China também tem caído ano após ano. A China estava se mantendo ranqueada em terceiro lugar, logo atrás dos EUA e Inglaterra em 1998, sendo ultrapassada pela Suécia, enquanto vários países e regiões se aproximam ao redor da China já em 2000.

Os investimentos estrangeiros na China voltaram a subir novamente a partir de 2001, principalmente em função de que outros mercados tradicionalmente atrativos apresentaram conjecturas que os colocavam em certo momento como mercados de certo risco. Os ataques terroristas aos Estados Unidos, por exemplo, colocaram a

economia americana em leve recessão sinalizando que os Estados Unidos, definido como um paraíso para o capital internacional dava indícios de apresentar sinais de desaquecimento, ocorrendo que não somente os novos investidores estariam olhando para mercados mais seguros para investir, como também, o capital doméstico americano tinha possibilidades de fluir para ambientes externos. Naturalmente a maioria deste fluxo de capital estará indo para Europa, por um porto seguro. Mas sempre existe uma boa parte que tem optado pelo Leste Asiático, o que faz com que a China se coloque como um porto seguro e um paraíso para o capital internacional.

Os resultados de pesquisas e entrevistas feitas principalmente no Japão e na Coréia, confirmado que o ambiente de investimentos na China tem melhorado largamente, especialmente em aspectos como: infra-estrutura, qualidade da força de trabalho, leis e regulamentações, transparência política, restrições à entrada no mercado e regulamentos de atitudes gerais. Os resultados mostram melhoramentos que incluem: custos de produção, direitos dos investidores, taxas e cobranças adicionais além de regulamentações sobre remessa de capital. Um questionamento realizado naqueles países, mostra que são grandes investidores asiáticos interessados na China, e o resultado da pesquisa listaram 31 fatores que afetam o ambiente de investimentos, dos quais 6 são relacionados com as condições de mercado, cinco fatores são institucionais, dez fatores políticos, sete fatores referem-se às políticas preferenciais do FDI, e três relacionadas com fatores sociais e culturais. (ROSSI; MARQUES, 2005).

Segundo o relatório de Banco Mundial (2005), o desenvolvimento industrial é geralmente um processo de descoberta, tornando difícil prever que país ou região será um bom produtor. Isso ressalta a importância de melhorar os fundamentos básicos do clima de investimento para beneficiar todas as empresas e atividades na economia. A experiência internacional destaca abordagem em cada uma das quatro principais áreas do clima de investimento.

- Estabilidade e segurança
- Regulamentação e tributação
- Finanças e infra-estrutura.
- Trabalhadores e mercado de trabalho.

Estabilidade e segurança. - Qualquer forma de violência generalizada significa o fim de todo investimento produtivo, no entanto as empresas requerem mais do que paz para comprometer energia e recursos em um investimento produtivo. Maior questionamento se faz quando o investimento é afetado diretamente num dos quesitos mais importantes, ou seja, o direito de propriedade. Quanto mais bem protegidos estiverem esses direitos do governo ou de terceiros, mais forte será o vínculo entre esforço e recompensa e, consequentemente, maiores serão os incentivos para a abertura de novos negócios.

Os direitos de propriedade assegurados mantêm atrelado o esforço à recompensa permitindo às empresas fortalecer suas capacidades de colher os resultados de seus investimentos

Regulamentação e tributação - O clima de investimento é seriamente afetado pela maneira de como os governos ajustam suas políticas de tributação. Aqueles países que tratam solidamente as inconsistências do mercado, abordando-as de maneira que não prejudiquem os interesses dos empreendimentos que têm também objetivos sociais mais amplos, dão maior confiança e segurança. É desafio de todos os governos alcançar esses objetivos sem prejudicar as oportunidades e incentivos para que as empresas invistam produtivamente, criem empregos e se expandam.

Uma tributação balanceada e séria prove as receitas para financiar a oferta de serviços públicos que além de melhorar o clima de investimento atendem também às necessidades sociais. Reduzir barreiras à entrada de investimentos e as várias formas de comércio tem sido uma tendência generalizada, no entanto alguns países ainda as mantêm em níveis prejudiciais.

Finanças e infra-estrutura – Riscos e iniciativas devem ser suportados pelos mercados financeiros, principalmente quando estes funcionam de maneira adequada, oferecendo o suporte correto entre as empresas e investidores além de financiar as iniciativas e compartilhar os riscos. A ligação entre as empresas, seus clientes e fornecedores deve acontecer sobre boas condições de infra-estrutura eliminando os entraves que cerceiam oportunidades e provocam aumentos dos custos para os empreendimentos. Deve-se entender que os mercados financeiros não são apenas partes do ambiente de investimentos, mas são fortemente definidos por este mesmo ambiente. A gestão dos recursos públicos deve estar sempre voltada a oferecer serviços e recursos com

qualidade com o intuito de prestar e ajudar a obter o melhor resultado não sendo considerado como entrave ao desenvolvimento e ampliação dos negócios aos quais se destinam ajudar ou suportar.

Trabalhadores e mercado de trabalho – Principal objetivo na busca de um melhor clima de investimentos, o mercado de trabalho recebe as maiores atenções das políticas governamentais, e estas desempenham a tarefa de unir as pessoas a empregos aceitáveis. A qualificação da mão de obra é considerada como essencial para que as empresas adotem tecnologias mais produtivas e, portanto o apoio à educação e treinamento deve ser considerado, os processos de maior produtividade exigem pessoal melhor habilitado retribuindo com melhores condições de trabalho e salários.

Na figura 12 se verifica que existe variações originadas por diferentes políticas, ou comportamentos governamentais dentro de um mesmo país tendendo a ser menos amigáveis em áreas rurais, reduzindo oportunidades tanto para agricultores quanto para empresas que não pertencem ao setor agrícola. Climas de investimentos fracos, geralmente punem mais as pequenas empresas e aquelas que atuam na economia informal. (BANCO MUNDIAL, 2005)

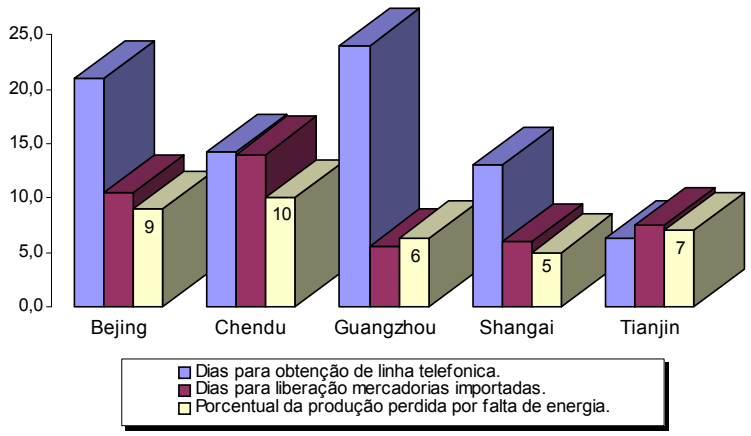

Figura 12 – Variação dentro da China das condições do clima de investimento.
Fonte: Banco Mundial, 2005.

5 ASPECTOS GERAIS DO SETOR INDUSTRIAL

5.1 Avaliação do setor Siderúrgico.

O setor siderúrgico como base das indústrias metalúrgicas e de autopeças, sofreu uma estagnação forte na década de 80 e 90, como basicamente todo o setor industrial, aliada as características desta atividade, tais como, necessidade de grandes investimentos, pouca flexibilidade da tecnologia de produção, normalmente alicerçada em projetos nacionais. Este cenário deixou o setor praticamente atado às negociações ligadas a fusões e processos de aquisições. No entanto a partir de 2001, com a continuidade do crescimento da produção siderúrgica na China, a competição internacional tem-se acirrado, visto que em tão pouco tempo a China não só se tornou o grande comprador, como já em 2004 participa do mercado produtor global com a significativa marca de 25 por cento da produção mundial.

A figura 13 apresenta o desempenho do setor siderúrgico nos últimos 20 anos mostrando que a produção mundial de aço de sido fortemente afetada pelo incremento da produção chinesa.

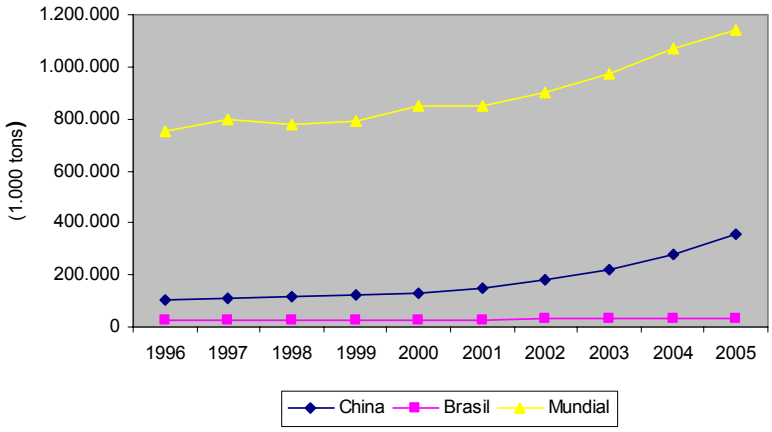

Figura 13 - Evolução da produção Aço[33] (China, Brasil e Mundial).
Fonte: International Iron and Steel Institute, 2006.

[33] Os números se referem somente a produção do chamado aço cru, não incluindo a produção de lingotes, aços inoxidável entre outros.

Ao longo dos últimos 20 anos a China tem sido um grande comprador de aço, em função do seu crescimento e desenvolvimento, as necessidades internas consumiam muito além do que era produzido internamente razão esta pela crescente onda de bons resultados e investimentos nos tradicionais produtores do metal.

Apesar do que parecia um grande interesse da China pelas matérias-primas que sobram no Brasil e nos países da América Latina, este continente recebeu investimentos abaixo de 6 por cento da China atingindo valores próximos de US$ 3,0 bilhões muito longe dos US$ 47 bilhões que foram lançados mundialmente pela China para o setor de siderurgia em um único ano. Com isso a China têm também mudado seu perfil, passando de importador a um grande exportador de aço pois só no último ano (2006) o volume exportado pela China já ultrapassa a totalidade da produção brasileira. Para um país que não havia exportado uma tonelada sequer no ano anterior, o número é bastante significativo. No entanto já há uma expectativa preocupante no mercado, pois a grande produção chinesa poderá desarranjar o mercado mundial de aço, (INSTITUTO BRASILEIRO DE SIDERURGIA, 2007)

Segundo Crossetti e Fernandes (2005) espera-se uma reestruturação da oferta mundial, por meio da re-distribuição geográfica da produção global, caracterizada, principalmente, pelo deslocamento da "parte quente[34]" da produção siderúrgica para países com maior competitividade nesta etapa e da "parte fria" para países com amplos mercados consumidores desses produtos finais.

O Brasil se posiciona, neste sentido no grupo dos países ao lado de Índia e Rússia, onde o custo torna-se competitivo para fornecimento da produção da "parte quente" devido as suas características de instalações e exigências ambientais permitindo transformar esses países em exportadores de semi-acabados e, futuramente de produtos acabados. A preocupação de que a China possa se tornar um exportador relevante e ameaçar as exportações nacionais podem não se confirmar, devido a grande demanda interna, que ainda perdurará por longo tempo, e também porque os custos da indústria siderúrgica chinesa já apresenta valores mais elevados que a

[34] Parte quente e parte fria significam que certas regiões têm facilidades, sejam locais, legais, ou ainda capacidades para atuar na produção de fundidos (parte quente) ou na produção de forjados, ou ainda outros processos frios.

Rússia, e portanto não se coloca como competitiva em outras regiões, além da sua região de influencia, (CROSSETTI; FERNANDES, 2005).

Mas a China ainda apresenta um outro risco que não deve ser desprezado, que é a produção de aço manufaturado para outros setores, como automotivo, bens de capital e bens de consumo, tais como, linha branca, eletrônicos e embalagens. Nesses setores encontra-se algumas características similares entre as empresas brasileiras e chinesas, ou seja, a maioria das empresas são multinacionais, e possuem plantas tanto aqui no Brasil como na China. Tal fato resulta em concorrência entre as filiais, principalmente nos setores automotivo e eletrônico, ocasionando mudanças de linha de fabricação, transferências de tecnologias para aproveitamento das qualidades tanto de uma como de outra planta.

O item transporte deve ser encarado como um tema de forte importância para um país onde a extensão e densidade demográfica são significativas como a China, O rápido crescimento de suas cidades leva a questão de quanto tempo os atuais sistemas de transportes suportarão tais desenvolvimentos, principalmente considerando que há uma grande tendência na redução das áreas agrícolas além do incremento acelerado da multiplicação dos carros particulares, resultando no agravamento da poluição do ar. O transporte via ferrovias teve um desenvolvimento em termos de ampliação e modernização bastante acentuado no período de Mao e Deng, se acrescentado os meios de transporte por água e ar. Mas em tempos recentes, a construção de estradas tomou a dianteira e o peso relativo das estradas de ferro, ainda bem alto, diminuiu bastante.

E isto será a grande restrição ao crescimento nos próximos anos. A oferta de água per capita é um quarto da média mundial. Aproximadamente 400 a 600 cidades sofrem com oferta inadequada de água, e nove províncias têm sérios problemas de abastecimento. Grande parte da produção de aço está concentrada nas médias e nas grandes cidades do Norte, e metade localizada nas províncias do Nordeste que possuem níveis elevados de escassez de água. O setor siderúrgico consome aproximadamente 20 por cento das necessidades de água da China. Em conseqüência, o preço da água tem aumentado, e as políticas públicas têm estabelecido restrições de uso simultaneamente à implementação de técnicas adequadas de conservação e reaproveitamento. Como

resultado, o consumo médio de água por tonelada de aço vem caindo significativamente, 38 por cento entre 1996 a 2003, (CROSSETTI; FERNANDES, 2005).

5.2 Fatores Básicos

Os fatores abaixo foram considerados como os mais importantes em uma avaliação da missão realizada em janeiro de 2004, pela indústria Automotiva Canadense. Os custos do trabalho na China são baixos, mas outros custos são relativamente os mesmos, se não mais elevados do que em outros locais, (AUTOMOTIVE PARTS MANUFATURES ASSOCIATION, 2004).

- A população em geral é razoavelmente habilitada, produtiva e muito próxima de estar feliz, e se assim pode-se dizer, em ser empregada.
- O crescimento da base local de fornecedores para a produção doméstica é a chave do sucesso futuro na China.
- Os objetivos para os próximos anos definem que, 70 por cento de todos os componentes devem ser pesquisados e obtidos dentro da China, a maioria das companhias está próximo disso, ou seja, entre 50 a 60 por cento de taxa de "nacionalização".
- Ferramentas e Ferramentais são definidos como importantíssimos no crescimento de companhias estrangeiras. A maioria das necessidades com ferramental é obtida fora da China, mas as capacidades locais estão crescendo diariamente. Desnível de tecnologia é o ingrediente chave que deve ser solucionado.
- Relacionamentos, junções e parcerias é o caminho para se acessar os mercados da China. Existem vários e interessantes parceiros, que podem prover acesso aos mercados domésticos, a questão esta em se encontrar o(s) mais correto(s).
- Tudo na China é grande; o tamanho das cidades, a população, o tamanho do mercado, o potencial do mercado, e principalmente a economia potencial.
- A propriedade intelectual está fora de ser algo significante. O sistema legal é fraco nesta área, e o suporte a mecanismos de proteção para propriedades intelectuais também é fraco apesar de existir.
- A indústria e o mercado estão se desenvolvendo muito rapidamente

5.3 A internalização da Indústria Automobilística Chinesa.

O esforço do governo chinês em reforçar a consolidação das marcas nacionais de automóveis tem mostrado ser bastante eficaz. Por um lado o aprendizado por meio das parcerias, aliado com as grandes facilidades para o crédito, subsídios e outros incentivos governamentais oferecem às montadoras nacionais as possibilidades para ganhar a confiança dos consumidores locais, galgando espaço no mercado que ainda é dominado por empresas internacionais.

O rápido crescimento econômico proporcionando a elevação da renda média do cidadão chinês aliado a crescente competitividade entre as empresas produtoras tem sido a mola propulsora das vendas domesticas A junção de empresas nacionais com as tradicionais do mercado automobilístico mundial como: Ford, General Motors e Volkswagem de forma privada e até mesmo estatal, tem sido fundamental para a evolução da indústria automobilística local, além de eliminar algumas etapas no processo de aprendizado e desenvolvimento de engenharias locais. A figura 14 mostra o crescimento das exportações e importações da indústria automobilística chinesa

Iniciando há pouco tempo, as exportações chinesas de acessórios e carrocerias além de autopeças já atingem patamares expressivos quando se analisa o volume financeiro, movimentando cerca de US$ 8,5 bilhões anuais com forte tendência ao crescimento. No entanto a indústria chinesa de automóveis ainda enfrenta um sério problema, ou seja, o número de defeitos apresentados em seus modelos apresenta valores bem acima das médias internacionais[35], aproximadamente 500 defeitos contra 118 apresentados pela indústria automobilística dos EUA e Europa

[35] A base de defeitos é válida para cada 100 veículos, conforme estudo da JD Power and Associates.

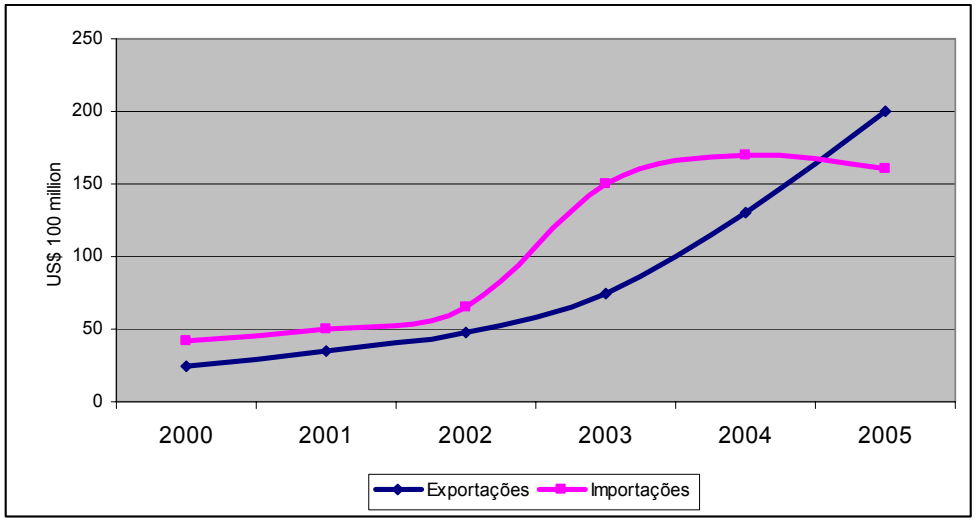

Figura 14 – Importações e Exportações mercado chinês de produtos automobilísticos.
Fonte: PricewaterhouseCoopers, 2006, p.29.

No desenvolvimento do mercado de automóveis, as exportações representam grande proporção do total de vendas. Na China, no entanto, as exportações ainda estão no início quando comparados com outros países como Japão, Coréia do Sul, Tailândia e Índia. Apesar do crescimento recente, os números ainda são muito inexpressivos para este segmento representando apenas 2 por cento da produção total de veículos chineses (tabela 11)

Tabela 10 - Exportações e produção nos países Asiáticos.

Países	Exportações (x 1000)	Produção (milhões)	%
Japão	4,224	8.8	48
Coréia do sul	2,108	3.1	68
Tailândia	240	0.8	30
Índia	100	1.0	10
Indonésia	32	0.4	8
Malásia	16	1.4	4
China	11	2.3	2

Fonte: ORGANISATION INTERNATIONALE DES CONSTRUCTEURS D"AUTOMOBILES, 2006.

Em face às forças de competição e aos investimentos no mercado doméstico, alguns fabricantes do setor automotivo têm iniciado a exploração dos mercados externos. Como exemplo aparece a empresa chinesa Chery, que em conjunto com um empreendedor americano, se preparam para introduzir 250.000 veículos nos EUA em 2007 e aproximadamente 1.000.000 de veículos por ano, para os 5 anos subseqüentes. Apesar da China já ser reconhecida como uma base de produção bastante atrativa, alguns fabricantes globais têm investido em unidades fabris somente com o propósito especifico de exportação. (KPMG INTERNATIONAL, 2005).

A figura 15 mostra a demanda e capacidades previstas para os próximos anos, no entanto esta previsão deve demorar mais tempo para se concretizar, em face dos vários desafios que os fabricantes chineses enfrentam para colocar seus produtos em outros países.

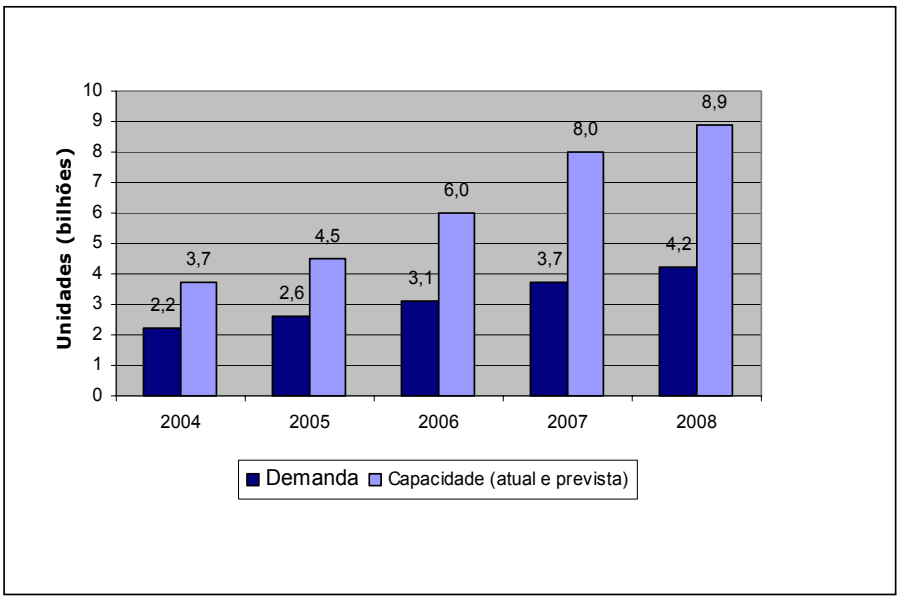

Figura 15 Capacidade e demanda prevista para produção de veículos de passeio.
Fonte: KPMG International, 2005.

Os comerciantes estrangeiros são cautelosos quando o assunto é exportar veículos chineses, e apresentam as seguintes razões:

I. Veículos chineses podem canibalisar suas bases produtivas em mercados externos.
II. Sindicatos e possivelmente consumidores, podem se opor a um grande fluxo de produtos chineses.
III. Os custos de produção na China para veículos ainda é considerado alto em função da ausência de fabricantes de peças de alta qualidade, e necessitariam ser importadas
IV. Veículos chineses ainda carecem de melhoramentos tecnológicos não atendendo ainda as normas relativas a segurança em particular e também as regulamentações sobre emissões.
V. Regulamentações sobre os direitos de propriedade intelectual permanecem ainda como uma pendência a ser resolvida.

Atualmente as áreas de maior destino dos veículos dirigidos para exportação têm sido predominantemente os países emergentes (figura 16) da África e o Sudeste da Ásia, apesar das ambições dos fabricantes serem voltadas para mercados mais desenvolvidos e com maiores tradições no comércio exterior de veículos.

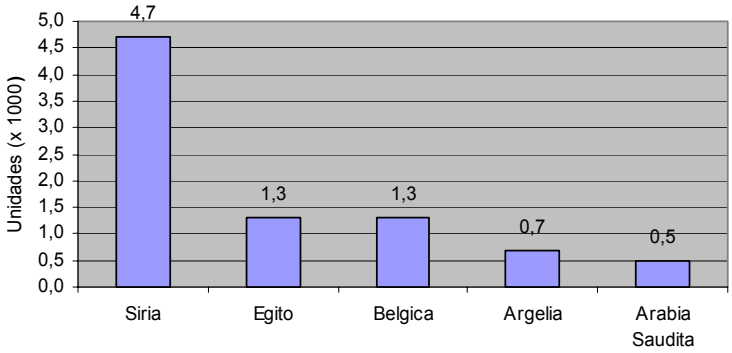

Figura 16 - Cinco maiores destinos de carros de passeio chineses (Jan. a Jul. 2005)
Fonte: Deloitte Touche Tohmatsu, 2005.

O governo chinês tem olhado para o mercado automotivo como uma indústria prioritária, e estará procurando todos os caminhos para transformá-lo em um setor internacional, introduzindo e estimulando competições neste mercado, ajudando a fortalecer suas capacidades, com foco em marcas, qualidade e tecnologia e não somente em preço.

Quando comparada com outros grandes mercados, no entanto, a China tem um amplo espaço para crescimento. Na atualidade a China tem uma das menores penetrações em seu mercado interno (figura 17), proporcionando uma atratividade muito grande para investidores estrangeiros.

Após um crescimento bastante significativo observou-se certa diminuição do ímpeto em função de um nivelamento do crescimento do mercado chinês como um todo. No entanto os negócios internos continuam robustos com uma estimativa de crescimento de 14 por cento ao ano, principalmente no mercado de veículos de passageiros. Vale salientar também que as margens de lucros têm se mantido sobre pressão, devida a queda de preços[36], e aos aumentos dos custos de matéria prima, em especial o aço. Todavia existe grande habilidade de repassar as pressões para os fabricantes de autopeças, pois há um grande interesse desses no desenvolvimento desse mercado, apesar de suas margens não serem muito elásticas a ponto de permitir grande flexibilidade.

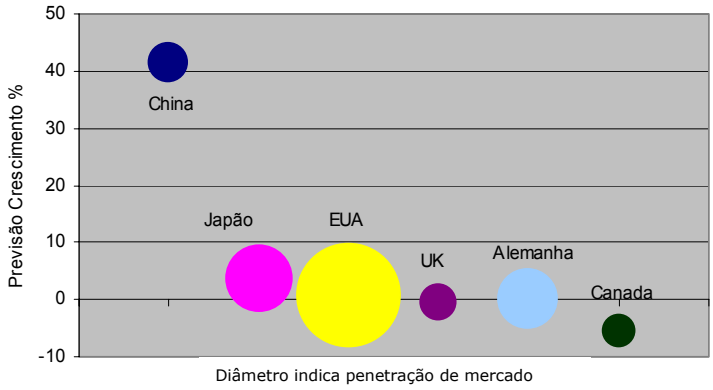

Figura 17 - Potencial (porcentual) de penetração dos mercados automobilísticos
Fonte: KPMG International, 2005.

[36] Os preços têm caído de maneira significativa, em função da entrada de vários fabricantes veiculares. Saindo de uma base de 100 em Janeiro de 2003 para aproximadamente 70 em abril 2005, como exemplo, o preço de uma BMW serie 3 sedam teve um decréscimo de mais de 10 por cento somente em 2004.

O crescimento que a indústria automobilística chinesa tem apresentado como na maioria dos setores da economia, torna-a única no mercado global com venda e produção de veículos de passageiros atingindo números expressivos. A China espera ultrapassar o Japão em 2010 em número de vendas atingindo a segunda posição neste ranking.

Segundo a PricewaterhouseCoopers (2006, p. 25) a China está próxima da linha de 50 milhões de pessoas consideradas na classe média, que é constituída na sua definição por indivíduos que tem rendimentos entre US$ 7.000 a 14.800 anuais. Espera-se que este número possa triplicar até o ano de 2010, o que representa fundamentalmente o crescimento do mercado doméstico da indústria automobilística.

A maior parte da competição do mercado chinês de automóveis se concentra em aplicações domesticas, pois os veículos importados têm ainda, apesar do crescimento significativo, pequena parcela deste mercado, somando-se ao fato de que o governo chinês ter estabelecido regras para orientar, ou melhor, conduzir o mercado de maneira que os veículos importados não possam ser comercializados em zonas de domínio de veículos domésticos. Os cerca de 130 fabricantes de veículos automotores estão sendo encorajados pelo governo no sentido de formarem consolidações, a fim de fortalecer o setor, pois apenas os 5 maiores produtores detêm aproximadamente 60 por cento do mercado. Também as indústrias estrangeiras são orientadas[37] a operar via "joint venture" com uma participação máxima de 50 por cento. Por outro lado os fabricantes de autopeças ainda não estão sujeitos a nenhuma restrição, apesar de apresentarem-se com um número de empresas bastante elevado.

Os fabricantes de automóveis chineses estão divididos em três categorias (tabela 12):

a) Grupo principal de fabricantes e "joint ventures" de automóveis: Onde estes serão capazes de desenvolver sua presença nacional e manter em escala vantagens técnicas.

b) Grupo onde o nicho de produtores concentra seu foco no segmento de carros pequenos, onde se espera um rápido e alto crescimento quando desenvolvidos, mas deverão ter uma estrutura tão reduzida quanto possível afim de apresentar uma estrutura de custos bem modesta.

---

[37] Dados do KPMG International, 2005.

c) Grupo onde estará concentrado o maior número de fabricantes, onde carece a falta da economia de escala e forte vantagem competitiva. As companhias deste grupo são as que se tornarão vitimas da consolidação da indústria automobilística, pois se tornarão insolventes, ou serão adquiridas.

Tabela 11 - Segmentação do mercado de automóveis chinês.

	Descrição	**Companhias**	**Número estimado de empresas**
Grupo 1 Principal	Principais JV e grandes volumes de vendas	FAW-VW, Shangai GM	10
Grupo 2 Desafio	Nicho local, onde o foco está na produção de carros econômicos, desenvolvendo suas próprias marcas	Geely, Chery	Mais de 20
Grupo 3 Sobreviventes	Pequenos e locais fabricantes onde há a falta de competitividade e economia de escala		Maioria

Fonte: Deloitte Touche Tohmatsu, 2005.

5.4 Avaliação do setor de Autopeças

Olhando-se para o mercado brasileiro e considerando-se como dado pontual a tabela 13 mostra um crescimento expressivamente positivo no primeiro bimestre de 2006 nas exportações do setor, contando com um crescimento não tão significativo no emprego da mão de obra, e negativo para as importações, elevando a balança comercial, mostrando que a tendência para este periodo será da manutenção da curva ascendente para este setor.

Tabela 12 - Indicadores da Indústria de autopeças – 1º Bimestre de 2006.

Emprego	Exportação US$	Importação US$
199,6 mil	2,68 bi	2,19 bi
2,8%	18,6%	-1,9%

Fonte: Sindicato Nacional da Indústria de Componentes para veículos Automotores, 2006.

Os dados da tabela 14 abaixo mostram que o setor de autopeças brasileiro vem crescendo a uma taxa média de 20 por cento ao ano desde 2000, e especificamente com relação ao crescimento de 2004 para 2005 obteve-se a marca excepcional de 44 por cento de crescimento. As exportações têm sido o grande responsável por este incremento, já que sua variação a partir de 2000 e até 2005 tem mostrado um aumento médio em torno de 19 por cento, enquanto que a produção e o mercado cresceram respectivamente a taxas médias de 13 e 5 por cento no mesmo período.

Tabela 13 - Desempenho do Setor de autopeças 1994 a 2005.

Faturamento	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005
Nominal em Autopeças (R$ milhões)	13.441	15.791	16.187	18.806	17.230	20.352	24.339	27.998	33.136	40.938	48.300	58.800
Nominal em (US$ milhões)	14.376	16.584	16.122	17.458	14.853	11.903	13.309	11.903	11.309	13.330	16.500	24.200
Exportações (US$ milhões)	2.985.6	3.262.1	3.509.5	4.041.5	4.031.3	3.592.6	3.823.5	3.674.3	3.891.0	4.791.8	6.057.3	7481.2
Importações (US$ milhões)	2.073.0	2.789.4	3.422.6	4.394.1	4.175.0	3.855.2	4.236.5	4.206.0	3.986.0	4.329.6	5.595.5	6654.4
Saldo (US$ milhões)	912.7	472.7	86.9	(352.6)	(143.7)	(262.5)	(412.9)	(531.8)	(95.0)	462.2	461.8	831.8
Investimentos (US$ milhões) (1)	883.0	1.247.0	1.296.0	1.798.0	1.580.0	1.020.0	1.100.0	798.2	260.0	532.0	843.0	1.400
Investimentos sobre faturamento (%)	6.1	7.5	8.0	10.3	10.6	9.1	8.3	6.7	2.3	4.0	4.5	5.8

Fonte: Sindicato Nacional da Indústria de Componentes para veículos Automotores, 2006.

Um dado interessante a ser avaliado, é a relação entre o número de funcionários diretos e indiretos (tabela 15), ou os chamados administrativos. Essa relação tem se mantido abaixo dos 40 por cento, como média global considera-se em torno de 35 por cento, valor ainda considerado bastante alto quando se compara com valores Europeus (25 por cento) e Japoneses (20 por cento).

Tabela 14 - Número de empregados diretos (horistas) e indiretos (mensalistas) – 1974 -2005.

Ano	Horistas	Mensalistas	Total
1994	177,9	58,7	236,6
1995	160,2	54,0	214,2
1996	144,5	48,2	192,7
1997	139,8	46,6	186,4
1998	125,3	41,7	167,0
1999	123,6	43,4	167,0
2000	122,4	47,6	170,0
2001	124,6	45,4	170,0
2002	122,7	45,3	168,0
2003	122,9	47,8	170,7
2004	134,6	52,4	187,0
2005	141,5	55,0	196,5

Notas:
1. Horistas e mensalistas em milhares de pessoas
2. Dados preliminares oara 2005

Fonte – Sindicato Nacional da Indústria de Componentes para veículos Automotores, 2006.

No entanto quando se analisa o nível de emprego verifica-se um decréscimo na última década, até meados do ano 2000, após o qual se observa um leve crescimento, com certeza relacionada com o aumento dos níveis de produção (figura 18).

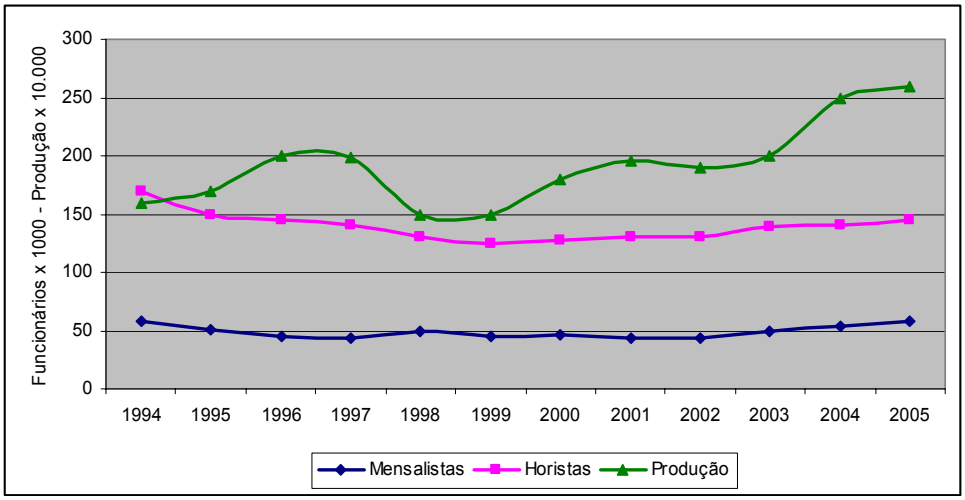

Figura 18 - Variação do número de empregos/produção do setor de Autopeças - 1994/2005.
Fonte: Sindicato Nacional da Indústria de Componentes para Veículos Automotores, 2005.

Observa-se (tabela 16) também que o setor é composto na sua grande maioria por empresas de pequeno a médio porte, ou seja, na faixa de 100 a 500 empregados, o que pulveriza as ações de conjunto, resultando em menor poder de barganha neste segmento.

Tabela 15 - Distribuição de empresas de acordo com o número de empregados 1994/2005.

	1994		2005	
Número de empregados	**Número De Empresas**	**%**	**Número De Empresas**	**%**
1 a 30	27	5,6	29	6,1
31 a 60	35	7,2	34	7,2
61 a 125	73	15,0	92	19,1
126 a 250	110	22,6	98	20,6
251 a 500	112	23,0	104	21,7
501 a 1000	68	14,0	62	12,9
1001 a 2000	43	8,8	40	8,3
2001 a 4000	14	2,9	11	2,4
> 4000	4	0,8	7	1,5
Total	486	100,0	478	100,0

Fonte: Sindicato Nacional da Indústria de Componentes para veículos Automotores, 2006.

> Outro fator relevante é que muitas dessas empresas possuem uma administração familiar. Esse mix conjuntural demonstra que nem todas as empresas que estão em operação atualmente possuem condições de acesso às novas tecnologias, seja por falta de capital de investimentos ou falta de visão da nova realidade empresarial. (BANZZATTO, 2001, f. 42)

Neste particular e como em outros mercados, deve-se observar que os chineses concorrem diretamente com os brasileiros, e esse processo tem a tendência de se intensificar, pois a China esta se desenvolvendo rapidamente, ganhando competitividade.

A China ainda é considerada como um país com grande disponibilidade de mão de obra barata, a qualidade dos produtos é baixa, a produtividade não é competitiva e ainda é situada e comparada com os piores indicadores deste critério. Isto é verdade, em vários setores esta afirmação é valida, em outros já se percebe grandes mudanças, não se deve manter este pensamento por muito tempo, pois há entre eles (chineses) a sensação e a vontade de progredir, o interesse em ganhar dinheiro além do que eles têm a noção clara do seu potencial.

O mercado de autopeças chinês tem experimentado significante incremento em vendas nos últimos anos, apresentando um crescimento de 17.8 por cento no período de 2000 a 2004. No entanto os fabricantes de autopeças estão enfrentando uma intensificada competição em função das novas entradas de fabricantes, provocando pressões sobre os preços o que faz com que as previsões de crescimento fiquem somente nos 10 por cento até o ano de 2010.

O mercado de autopeças chinês era até recentemente focado para as linhas de fabricantes originais, pois o chamado mercado de “pós-venda” tem sido muito pequeno. No entanto esta situação tem mudado com certa velocidade. E a fim de diversificar seus rendimentos, os fabricantes de autopeças têm iniciado considerações e trabalhos com o objetivo de explorar o mercado de usados (aftermarket) como também as linhas de acessórios têm despontado como um grande potencial de aproveitamento. (figura 19)

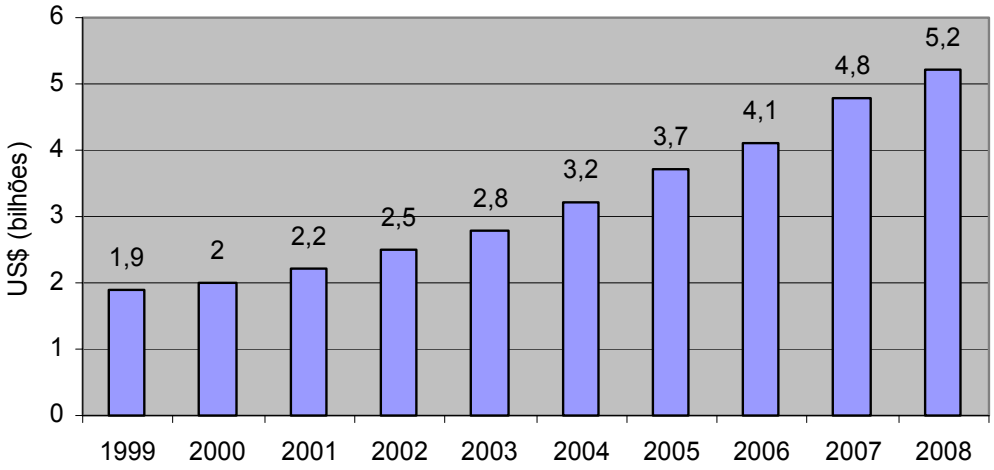

Figura 19 – Valores em vendas (real + previsto) no Aftermarket (1999 – 2008)
Fonte: KPMG International, 2005, p.15.

O mercado de automóveis na China ainda é definido como se estivesse na infância com uma frota circulante de 11 milhões de automóveis em 2004, contra 215 milhões nos EUA, e 72,7 milhões no Japão.

As vendas de autopeças para o mercado de reposição e consumidor final ainda são raras na China, e o pouco volume distribuído deste tipo de peças são oferecidas por oficinas e pequenos locais de vendas, que nem sempre utilizam peças originais.

Ainda a KPMG International (2005) afirma que o mercado aftermarket e acessórios tem potencial de crescimento muito forte para os próximos anos, e estima que haverá um crescimento da ordem de 17,6 por cento no período de 2004 – 2008, comparado com um crescimento esperado para o mercado de autopeças originais de 9 por cento para o mesmo período, e será orientado pelos seguintes fatores:

- Rápido crescimento da frota circulante.
- Forte venda de veículos pequenos, que possuem uma alta demanda por acessórios.

- Emergência do mercado de carros usados.
- Melhorias da qualidade e confiabilidade dos canais de distribuição.

Como as vendas de novos veículos, e em particular os carros de passageiros tem registrado um crescimento muito forte nos últimos anos, principalmente a partir de 2002, espera-se que a frota circulante cresça de 11 milhões para 24 milhões já em 2008. E com certeza este crescimento levará a uma demanda muito grande de autopeças e acessórios. E conforme as previsões do KPMG International (2005) este mercado irá crescer em torno de 20 por cento de 2004 a 2010, forçando também que os serviços de distribuição de peças seja um grande atrativo. Fato este que já se pode observar nos seguintes fatores:

- O líder na fabricação de autopeças, a Bosch, já está estabelecendo entre 300 a 500 pontos de vendas ao redor da China.
- A AC Delco, empresa americana especializada em peças de reposição também planeja a abertura de mais de 200 centros de serviço nos próximos três anos.
- A Royal Dutch/Shell também anuncia a abertura de 600 pontos de vendas nos próximos 5 anos, a fim de atender a demanda de trocas de óleo e filtros.

Os grandes fabricantes de autopeças têm olhado para a China como um local para se tornar parte dos fornecedores mundiais de autopeças, tanto originais como para mercado de reposição, tornando-se um importante país no critério de exportação, já se colocando como o quinto maior exportador de autopeças para os EUA, se posicionando logo após o México, o Canadá, o Japão e a Alemanha. Apesar do volume de autopeças exportadas ainda ser relativamente pequeno, quando comparado com os principais exportadores, este tem tido um excepcional crescimento com taxas de mais de 30 por cento ao ano (figura 20), quando se considera os últimos 5 anos. Para fabricantes mundiais de autopeças as atitudes tem sido as de focar os trabalhos de pesquisa e desenvolvimentos em suas matrizes, e pontos estratégicos, enquanto a produção de autopeças que exigem intensa mão de obra é transferida para a China, onde o retorno financeiro é altamente considerado.

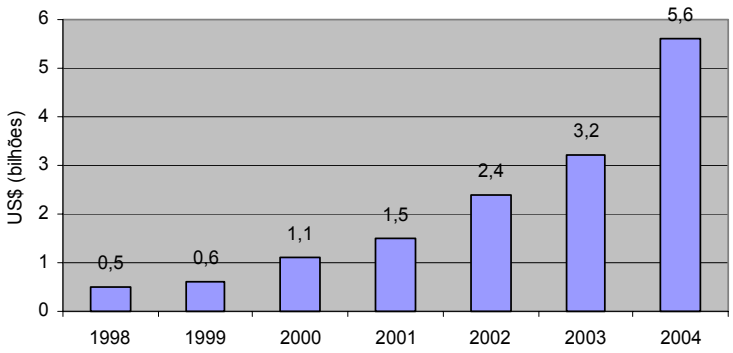

Figura 20 - Crescimento das exportações no mercado de autopeças (1998-2004)
Fonte: KPMG International (2005)

A exemplo dos fabricantes de veículos automotores, o segmento de autopeças esta impondo desafios, a fim de melhorar a qualidade, no sentido de atender as normas internacionais. Esses fabricantes de autopeças estão atualmente com produtos com baixo nível de tecnologia, mas tem investido significativamente no sentido de melhorar qualidade e tecnologia. Mais uma vez com o suporte do governo e investimentos oriundos de fabricantes mundiais interessados nesse desenvolvimento.

Outros fatores ainda devem ser considerados como complementos do mercado de automóveis e autopeças são:

- Financiamentos para a aquisição de automóveis.
- Mercado de usados.
- Área de estacionamentos.

5.5 Evolução do comércio bilateral Brasil-China.

Algumas avaliações do setor de autopeças no Brasil e seus relacionamentos com outros países, principalmente a China, mostram um crescimento, acentuando o comércio

bilateral. Os resultados também do primeiro quadrimestre deste ano (2006) apresentam continuidade do crescimento do emprego e de outros indicadores, tais como produção física, faturamento e exportação, para quase a totalidade dos setores e sub-setores da indústria metalúrgica. As projeções de crescimento apresentadas para este ano estão sendo mantidas pelos empresários, bem como as previsões de investimentos, o que significa que os atuais resultados estão dentro das expectativas para 2006.

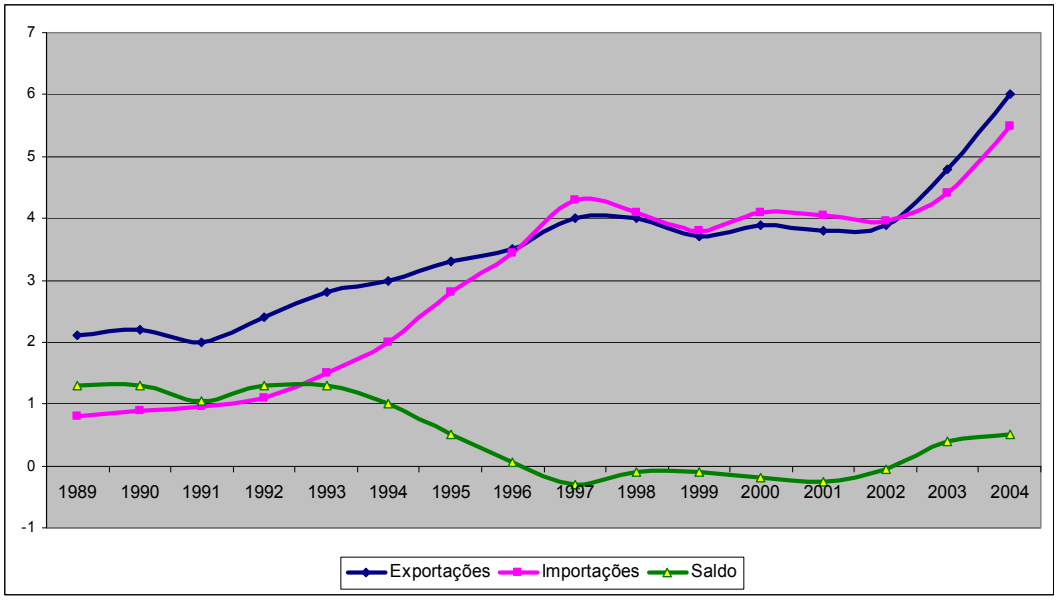

Figura 21 - Avaliação gráfica do comportamento das Exportações e Importações brasileiras.
Fonte: Sindicato Nacional da Indústria de Componentes para veículos Automotores, 2005.

A figura 21 mostra a evolução das exportações e importações do setor de autopeças brasileiro, mostrando que o crescimento tem sido bastante significativo. Mesmo assim o comércio do Brasil com a China tem-se mostrado ainda bastante pequeno, ou seja, na média dos últimos 10 anos (tabela 17) este mercado tem estado na faixa de 2,5 por cento do mercado total de autopeças, muito além da média dos EUA, que gira em torno de 35 por cento, mostrando que o mercado chinês tem um potencial muito grande para exploração e prospecção.

Já no lado das importações brasileiras as médias apresentadas têm algumas

	1994	1996	1998	2000	2001	2002	2003	2004	2005
Total em US$Milhões FOB	2.986	3.510	4.031	3.824	3.674	3.891	4.792	6.057	7.486
Países (% do total)									
Estados Unidos	40,46	36,83	34,5	34,35	29,33	36,03	32,75	31,14	30,73
Argentina	23,34	28,3	27,53	20,77	16,75	8,07	9,5	13,04	14,89
Alemanha	7,06	6,17	8,46	8,86	8,58	8,77	8,11	9,00	8,35
México	8,04	4,06	4,33	8,76	10,46	9,68	7,61	8,65	8.88
Reino Unido	2,42	3,40	2,35	2,26	4,38	6,74	6,06	5,43	4,87
China	0,05	2,94	005	0,47	2,31	3,85	7,74	3,90	2,33
Venezuela	0,45	0,59	1,37	1,90	4,11	2,28	1,90	3,48	3,85
África do Sul	0,97	1,01	0,64	1,01	1,23	1,89	3,52	2,98	3,32
França	0,44	0,38	0,68	1,30	1,97	2,10	2,20	2,36	2,11
Itália	2,57	0,88	1,53	2,74	2,93	2,30	2,83	2,32	2,12
Subtotal (10 países)	85,80	84,56	81,44	82,42	82,02	81,71	82,22	82,30	81,45
Outros (151 países)	14,20	15,44	18,56	17,58	17,98	18,29	17,78	17,70	18,55
Total (165 países)	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100

características, pois se importa muito mais da Alemanha do que dos EUA, respectivamente 19,96 e 14,66 por cento.

Tabela 16 - Principais países de destinos das exportações brasileiras de autopeças.
Fonte: Sindicato Nacional da Indústria de Componentes para veículos Automotores, 2005.

O SINDIPEÇAS na circular 1372/05 de 14 de outubro de 2005, divulga que várias empresas associadas tem feito reiteradas manifestações de preocupação com o que denunciam ser espetacular incremento das importações de autopeças originárias da China, que estão causando graves prejuízos à produção nacional atingida por condições de volumes, preços e outros fatores ou ainda, iminente risco de prejuízo considerável em curto prazo. Os sinais já identificados da grande presença de produtos do nosso

segmento oriundos da China, por enquanto não são perfeitamente dimensionados, estão solicitando a adoção de rápido exame e aprofundamento das pesquisas e busca de dados e informações que permitam avaliação das conseqüências, já ocorridas ou por ocorrer, para antecipar as medidas que forem necessárias para eventual ação que coíba a invasão do mercado em condições de concorrência desfavoráveis aos produtores nacionais.

6 PERSPECTIVAS FUTURAS

6.1 Crescimento esperado.

A economia mundial pode mudar dramaticamente em poucas décadas, conforme se percebe quando se analisa os últimos 30 a 50 anos. Há 50 anos atrás a Alemanha e o Japão reergueram-se fortemente a partir de suas reconstruções. Trinta anos atrás a Coréia do Sul estava somente começando a emergir saindo de uma posição que a colocava como uma nação introspectiva. A China nas últimas duas décadas mostra sua força econômica ao mundo. A história também mostra que qualquer tipo de projeção de longo prazo está sujeita as grandes incertezas Quanto mais se olha para frente, mais incertezas se deparam. A previsão de que o Japão se sobreporia economicamente os EUA não se concretizou. No entanto apesar das incertezas é essencial que se façam avaliações. Planejamentos sérios e estratégicos são fundamentais para a consolidação de crescimentos.

Utilizando as últimas projeções demográficas e o modelo de crescimento de capital e produtividade chega-se a um crescimento do PIB na economia BRIC[38] até o ano de 2050, permitindo perceber em uma figura como a economia mundial se adequará nas próximas décadas. Os resultados mostram que a economia BRIC poderá se tornar muito importante em um futuro não muito distante, prevendo-se que será maior que a economia do grupo G6 em 2039, sendo que a economia da Índia poderá ultrapassar a do Japão em 2032, e a da China será maior que a dos EUA em 2041, e maior do que todas as outras já em 2016. Essas projeções são otimistas, no sentido que assumem o sucesso do desenvolvimento desses países.

Em menos de 40 anos, a economia BRIC (figura 22) poderá ser maior do que a economia dos países do grupo G6 em termos de dólares americanos. E em 2025 esta economia já estará ultrapassando a metade da economia do mesmo grupo (G6), sendo que atualmente esta economia está na casa dos 15 por cento da mencionada. Ainda nesta análise, a China estará ultrapassando a Alemanha nos próximos 4 anos, o Japão

---

[38] BRIC – Brasil, Rússia, Índia, China. - G6 é o grupo dos países mais ricos do mundo, formado por Estados Unidos, Japão, Reino Unido, Alemanha, França e Itália

em 2015 e os EUA em 2039. A economia da Índia poderá estar maior que a dos EUA em 2039 e maior do que a da China em 30 anos.

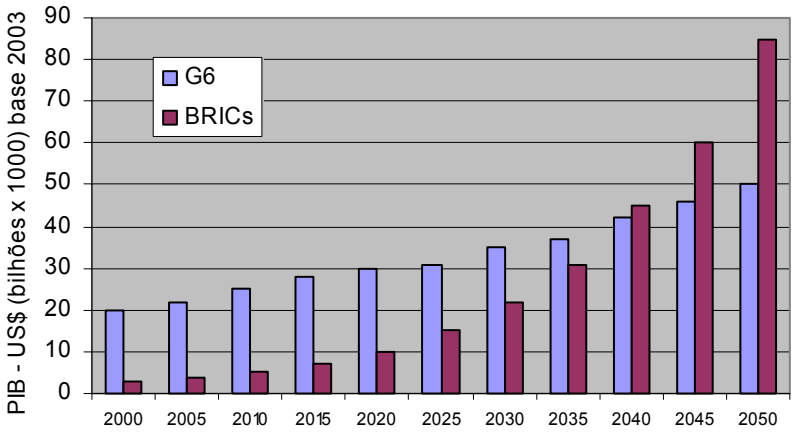

Figura 22 – Projeções de crescimento das principais economias (2000 a 2050).
Fonte: Goldman Sachs, 2003.

6.2 Problema das falsificações.

A China oferece ao mundo o maior e mais sério problema de falsificações na história. De acordo com estimativas recentes feitas pelo PRCs own State Council Research, em 2001 a China foi inundada com algo entre US$ 19 a 24 bilhões em valor de produtos falsificados. No entanto apesar de substancial este valor pode não representar o tamanho real do problema. Proprietários de marcas reclamam que estão perdendo dezenas de bilhões de dólares na China devido às falsificações. A Microsoft estima que sozinha perca em torno de US$ 10 bilhões anuais devido a pirataria. (CHOW, 2002)

As falsificações ou piratarias na China são estimadas em aproximadamente 8 por cento do PIB chinês, e vários municípios e cidades dependem para sustento da economia local desses recursos. Existem muitas pessoas, em torno de 10 milhões talvez, envolvidos com as falsificações na China, e por outro lado, em torno de centenas ou

milhares de pessoas integradas em atuar contra as falsificações. Segundo, representantes do governo da RPC falta vontade política para acabar com as tendências em falsificar ou para tornar significativas as ações voltadas à solução, ou pelo menos para o encaminhamento da solução deste problema. Espera-se que para o futuro se estabeleça alguma melhoria real no problema da falsificação na China. (CHOW, 2002)

O investimentos Externos Diretos (IED) é e ainda deverá ser um dos melhores meios de transferência de tecnologia no mundo hoje. Além ao capital que é injetado, IED envolve frequentemente transferência das patentes, e copyright[39,] de marcas registradas e dos outros documentos referentes a propriedade intelectual como parte do processo do investimento. Em muitos casos, o componente da propriedade intelectual do FDI é a parte a mais importante do investimento. Quando uma companhia global se ajusta para criar as facilidades para a fabricação de seus produtos na China, esta companhia investe para estabelecer a planta física, e o mais importante, a companhia empregará cientistas e coordenadores locais e irá ensiná-los como usar seus equipamentos que dominarão pelo menos a tecnologia de fabricação. Na economia de hoje, a tecnologia avançada de uma companhia, o know-how, e outros documentos da propriedade intelectual são frequentemente os elementos mais importantes para a liberação dos investimentos naquele, como em outros países.

A industrialização de bens forjados na China tende a ser concentrada em áreas do sul, mais especificamente em províncias como a de Guangdong e de Fujian. Entre as primeiras áreas abertas ao IED. Guangdong é o repouso ancestral de muitos povos que vivem em Hong Kong e Fujian é o repouso ancestral de muitos povos que vivem em Formosa.

Embora os produtos falsificados chineses estejam perto da saturação no mercado doméstico, as exportações desses produtos aos países em torno do mundo tem tido um notável crescimento e espera-se que as probabilidades de aumento sejam significativas em futuro próximo. Atualmente, os produtos falsos da China são exportados para países do Sudeste Asiático para a Ásia central, incluindo Tailândia, Vietnam, as Filipinas, Indonésia, e Malásia. Alcançam também Europa Oriental, Rússia, e o Oriente Médio, onde são transferidos frequentemente para a África. Outros alcançam a África

---

[39] Copyright – Parte do processo de garantir o direito ou o controle de qualquer trabalho original, nome ou idéia.

diretamente através de Nigéria, e mais recentemente através Argélia, de Marrocos, e de outros estados africanos do norte. E como é sabido também alcançam a América Latina. Brasil e México são as considerados como pontos chaves para o embarque de tais produtos para os Estados Unidos.

De acordo com algumas estimativas os produtos falsificados originários da China representam em torno de 80 por cento desse mercado. O serviço de atendimento a clientes dos Estados Unidos informa que os prejuízos contabilizados em 2005 atingiram a cifra de US$ 93 milhões, e esta valor representa somente os bens que foram identificados, significando somente uma fração do que atualmente entra nos EUA, (CHOW, 2002).

Um grupo de empresas que fazem parte das mais representativas e influentes MNEs, formaram o que agora é chamado de Quality Brands Protection Commitiee (QBPC), que fazem negócios na China e geralmente são consideradas como as que possuem força de lobby na RPC, este QBPC regularmente conduz seminários e conferencias para as autoridades governamentais, tomando o cuidado no entanto em não criticar o governo chinês. As MNEs adotam a estratégia da não confrontação, pois há o receio de possa ocorrer alguma ofensa ao governo chinês, e isso resultar em alguma ação de retaliação por parte das autoridades daquele país.

6.3 Falsificações em Autopeças

A estratégia chinesa na produção de autopeças falsificadas emprega três maneiras de atuação.

A primeira utiliza o conceito da engenharia reversa, onde a partir de uma peça concorrente levantam-se todas as curvas e formas criando-se uma nuvem de pontos por recursos digitais passando-se esses dados para um software CAD[40] especíifico que manipula os mesmos, transformando-os em um modelo digital, onde será manipulado de maneira adequada transformando-se em um novo projeto com dimensões e demais dados técnicos, para a produção de cópias da original.

---

[40] CAD Computer Aided Design – Projeto Auxiliado por Computador

A segunda maneira utiliza peças descartadas ou recondicionadas para que após limpeza, lavagem ou recuperação são comercializadas como um novo item, utilizando-se de embalagens originais.

A terceira maneira é mais critica, pois envolve a chamada espionagem, onde através de recursos de informática não tão seguros, transferências de arquivos através de e-mail sem recursos de encriptografia[41], envio de especificações técnicas para fornecedores externos que além não terem sistemas mais seguros de controle de informações, alguns ainda permitem que cópias sejam providenciadas e enviadas a terceiros interessados, e por sua vez caiam em mãos erradas.

Como já mencionado a China ainda é considerada como um país onde a mão de obra é de baixo custo, a qualidade dos produtos é baixa, a produtividade não é competitiva possuindo os piores indicadores deste critério.

Algumas considerações devem ser feitas, com relação a certos chavões atribuídos aos chineses, e aos seus produtos. O mundo considera que os chineses são os maiores copiadores de design e produtos, no entanto deve-se entender que na cultura chinesa e na legislação[42] chinesa não há nenhum critério definindo, ou proibindo, ou ainda que informe que não se deve copiar um determinado produto. Portanto para eles este comportamento é natural e comum, e é praticado em larga escala, claro que a honestidade ainda não é o grande forte no comportamento do povo chinês, e na mistura dos interesses com desconhecimentos, muitos produtos foram e ainda estão sendo distribuídos ao mundo sem uma proteção clara às legitimas considerações de propriedade, (YONGMING; WEI; MING, 2006).

A China é o maior produtor e comerciante mundial de produtos têxteis, e nesse setor percebe-se claramente o pensamento chinês, o slogan adotado ultimamente mostra que a China quer sair da condição de copiadores para a de criadores, “from Made in China to Created in China”. Mas a enorme produção têxtil e o grande volume exportado ainda tem sido insuficientes para o atual perfil da China. Além disso, a China esta

---

[41] Encriptografia – Recurso utilizado para a transferência de arquivos via rede Internet, visando garantir sua segurança e originalidade.

[42] A Legislação chinesa esta aos poucos se modificando, e se adequando às leis do comércio mundial, principalmente após sua entrada a organização mundial de comércio (WTO).

frequentemente sendo confrontada com as barreiras comerciais e não comerciais, tais como anti-dumping[43], a partir dos países importadores de produtos têxteis chineses. (YONGMING; WEI; MING, 2006)

Dentro da rede ou cadeia de valor global, a atualização ou modernização clama por um processo dinâmico, para o qual os empreendimentos se esforçam com o objetivo de impulsionar o avanço tecnológico nas relações de mercado, tais como incrementar sua competitividade diversificando suas atividades resultando com isso, alto retorno em termos de margens e lucros. As maiorias dos empreendimentos de manufatura na área têxtil necessitam passar através de 4 estágios ao longo da cadeia de valor: 1) OEA usado usualmente para o processo orientado aos exportadores localizados próximos aos principais portos. 2) OEM que se refere a operação de empresas com ligação internacional, onde as instruções de projetos são dadas por companhias estrangeiras, que são responsáveis pelo marketing e marcas. 3) ODM – que significa que os produtos serão vendidos sob as marcas de companhias estrangeiras após ser desenhado por um original designer. 4) OBM – o vendedor é o próprio fabricante, que comercializa com sua própria marca. (YONGMING; WEI; MING, 2006).

6.4 Desdobramentos do Crescimento.

Os números do crescimento apresentados pela China significam melhorias concretas na criação de empregos, no padrão de vida da população, no aumento da renda e do consumo. Significam, para milhões de jovens, mais oportunidades para crescer profissionalmente, ganhar salários melhores e escapar da armadilha do desemprego ou do emprego mal pago e sem perspectivas. O investimento no saber tem sido crucial para conseguir essas transformações. A China entende que liberdade econômica, apenas, não resolve muita coisa quando não se sabe o que fazer com ela. Economias abertas exigem competição, e só é possível competir adquirindo conhecimentos e habilidades equivalentes às dos competidores.

Direitos trabalhistas e proteção ambiental são vistos como ameaças aos investimentos, o governo tem visto os muitos problemas sociais como algo que ainda não é

[43] Anti-dumping – pratica preços bem abaixo do mercado com o propósito de colocar os rivais competidores fora da concorrência.

preocupante, e tem estabelecido que as próximas gerações possam resolver, no entanto é profundamente sabido que quanto mais se espera maior será a carga. Projetos de construção financiados pelo próprio estado frequentemente deixam de pagar os trabalhadores, supõe-se que a corrupção e burocratas que procuram se aproveitar do sistema atual que ainda é falho em controle e não sistematizado.

Muitas minas de carvão não instalam equipamentos de segurança, e o saldo de mortos em acidentes têm ultrapassado os 5 mil por ano (em 2003, a China produziu cerca de 40 por cento a mais que os EUA, mas teve pelo menos 130 vezes mais mortos nas minas) O país, responsável por 35 por cento da produção anual de carvão, responde por 80 por cento das mortes em acidentes de trabalho nas minas de carvão, em termos mundiais, (PONCH, 2007).

O setor de exportação, financiado pelo capital estrangeiro, é menos perigoso mas as fabricas que produzem os bens para o mundo operam em turnos que são maratonas de 12 horas, raramente fazendo pausa aos domingos. Os trabalhadores vivem em dormitórios lotados com banheiros coletivos que não tem água quente no inverno ou ventiladores no verão. A cidade de Guangdong requer legalmente uma semana de trabalho de 40 horas e salário mínimo (fora as horas extras) de cerca de US$ 72 por mês, além de seguro saúde e planos de pensão. Mas as empresas alegam que as únicas pessoas que se importa com padrões são os diretores das companhias estrangeiras.

Há evidências de quando existem reivindicações, também há repressões o sindicato nacional controlado pelo Estado exige que todas as fábricas com 100 ou mais empregados possuam um escritório do órgão, porém na maioria dos casos isso nunca é feito e os sindicatos independentes são tratados como subversivos.

As políticas de livre mercado não deixaram a China pior como um todo, mas a tiraram da lista dos países mais pobres do mundo e criaram uma nascente classe média de trabalhadores da indústria dos serviços nas grandes cidades. Também transformaram a China no maior exportador asiático para os EUA. O crescimento econômico não significa que o povo chinês está em melhores condições, dezenas de milhões de trabalhadores da indústria lutam por direitos básicos, para prover o suficiente para manter os filhos na escola, por leis que lhes permitam barganhar coletivamente e aparentemente estão

perdendo. A China ainda conta com o trabalho barato, as fábricas com investimento estrangeiro incluindo centros de produção para a maioria das multinacionais que dependem de uma força de trabalho flexível que, na verdade, fica mais barata a cada ano.

7 CONCLUSÃO

As avaliações e observações introduzidas neste trabalho levam a conclusão de que a China, e considerando-a como um caso econômico é um excelente exemplo de superação as crises que de tempos em tempos se apresentam, principalmente nos países em desenvolvimento, onde a capacidade produtiva, o crescimento econômico aliado a poupança interna formando base de um controle das contas de capital mostram ser um grande caso de sucesso.

O sucesso chinês ainda pode ser avaliado como um caso totalmente atípico, pois quando se insiste no controle das contas públicas, dos gastos excessivos governamentais, a China anda em caminhos totalmente inversos, o governo é o maior gastador. Não se sabe se a intenção era esta, mas a política adotada é focada no crescimento da demanda interna, e isto se tornou fundamental para a grande transformação iniciada e continuada nas ultimas duas décadas.

Os investimentos maciços em infra-estrutura, tais como: transporte, rodovias, energia atuam duplamente, pois se de um lado aquecem a economia e os mercados internos, de outro põem em prática o incremento do desenvolvimento, além de promover à transferência das riquezas de uma região a outra.

Meio século após a proclamação da República Popular da China (RPC), esse país ainda é considerado por muitos analistas como uma nação fora dos padrões correntes de comportamento internacional. No entanto quando se observa os resultados apresentados com base na influência da cultura milenar chinesa chega-se a caminhos que mostram que o comportamento do povo chinês hoje, está fortemente entrelaçado com o seu passado. Sem entrar em discussão sobre as várias dinastias que dominaram a China ao longo de alguns milhares de anos, percebe-se que as idéias do grande pensador Confúcio, ainda têm fortes influências sobre o povo chinês.

Estabelecido como doutrina no século 2 a.C.o confucionismo tinha como base a ética social. A sociedade não só poderia como deveria viver em harmonia, os princípios básicos como respeito, ética, educação, a justa distribuição das tarefas e o pensamento coletivo eram fundamentais.

Trazendo para a atualidade pode-se descrever este raciocínio em função do comportamento do trabalhador, pois os empregados de empresas na sua grande maioria não se aborrecem com a necessidade de horas extras, pois sabem que o objetivo é o progresso e o crescimento de todos.

Este raciocínio se faz entender e esta é a linha mestre deste trabalho, o porquê do crescimento chinês. Crescimento este que atrai a atenção do mundo e esta atenção e interesse fomentam o próprio crescimento chinês.

As mudanças introduzidas por Mao reforçando a transformação da China em um país comunista centrando seu interesse no povo agrícola, mantiveram o país fechado e não acrescentaram benefícios a situação geral. A instabilidade e a divisão forçada no comando do governo com Deng Xiao Ping introduziram profundas mudanças, as aberturas ao comercio externo mesmo que controladas foram fundamentais para o incremento e sustentação do crescimento econômico.

Apesar das mudanças e ampliação e facilitação das condições comerciais o crescimento da migração de capital externo para a China, somado as criações de empresas municipais e pequenas indústrias rurais foram fundamentais para a sustentação da liberação ao comércio mundial. O resultado foi o crescimento vertiginoso com números na casa de dois dígitos para o resultado anual da variação do PIB, somado ao maior volume de reservas jamais visto.

Em uma avaliação do ponto de vista da teoria econômica percebe-se com grande clareza que o paradigma eclético de John Dunning mencionado no capitulo 4, se enquadra perfeitamente quando se observa as vantagens da internalização da empresa, pois esta ao se transferir para a China procura auferir das vantagens locais, ou seja, as vantagens da localização, principalmente obtendo proveito da mão de obra farta e barata, dos benefícios oferecidos pelo governo em termos de remessa de lucros, das vantagens em baixas ou quase nenhuma taxação nas transações sejam em importações ou exportações, alem do que o mercado interno oferece grande potencial para qualquer tipo de empreendimento.

No tocante ainda as vantagens locacionais observa-se que principalmente para os setores automobilísticos e de autopeças enormes possibilidades de explorações em futuro próximo, pois o crescimento destes setores mostra que as necessidades de fornecedores e sub-fornecedores locais tem se tornado altamente impulsionadora de negócios, no entanto os segmentos ainda permanecem ligeiramente fechados devido às pressões indiretas exercidas pelas grandes montadoras visando manter seus mercados cativos aos fornecimentos origens de seus países. Mas com certeza a concorrência, a necessidade de melhoria de qualidade dos produtos e o desenvolvimento tecnológico forçarão em curto espaço de tempo o crescimento das possibilidades para novos negócios com fornecedores estabelecidos localmente.

[lcl1] Comentário: Ligação da conclusão com o capitulo 4.

Em quase todos os ramos do comércio e da indústria com raríssimas exceções a China apresenta números fantásticos de crescimento. Os setores siderúrgicos, têxtil, mineração e de tecnologia de telecomunicação, além da produção de eletrônicos são os maiores em termos de volumes de produção e venda. A ampliação dos investimentos nos ramos automobilísticos e de autopeças mostra que em breve o domínio do mercado mundial nestes setores também mudará de lugar, passando do Japão para China.

No entanto os problemas também existem, e crescem em paralelo aos desenvolvimentos e no mesmo fator de grandeza. A necessidade de criação de empregos a cada ano é maior, os recursos energéticos fundamentais para a manutenção do desenvolvimento se tornam a cada período mais escasso e os problemas ambientais crescem de importância ressaltando a responsabilidade com que até então eram tratados.

Uma outra situação ainda se apresenta que é a ampliação da consciência do povo em relação ao resto do mundo. Enquanto uma parte da população tem noção clara desse crescimento e já se aproveita dos benefícios da melhoria das condições de vida, outra parte, e infelizmente é a maior (cerca de ¾) tem tomado ciência das modificações de uma maneira ainda muito lenta, pois o regime comunista apesar de não mais atuante no sistema, ainda se faz presente de maneira virtual, se assim se pode chamar, mantendo regras e penalidades às faltas e desregulamentos.

A atração a que os negócios da China têm exercido sobre o resto do mundo tem provocado alterações significativas. O espetáculo do crescimento chinês assemelha-se

ao tempo das corridas ao ouro, muitas empresas e empreendimentos tem feito transferências de suas linhas de produção por puro interesse em aumentar seus lucros ou compensar as perdas de competitividade. Milhares de postos de trabalhos estão sendo eliminados em todos os países devido a essas novas características de mercado.

O que se espera dessas mudanças é que elas se acomodem o mais rápido possível.

Ë difícil prever a política econômica da China de amanhã. Entretanto, dado seu peso demográfico e agora também econômico e político, não há dúvida de que a China será um ator essencial no cenário mundial do século 21. Para os demais países do mundo, e em primeiro lugar os países vizinhos, isso representa um desafio considerável de concorrência e também um fator de dinamização. Antes era o Japão, agora é cada vez mais a China que atua como uma locomotiva econômica regional. Para o resto do mundo, ela se apresenta ao mesmo tempo como um desafio e uma oportunidade ainda maior que o Japão das décadas de 60 a 80, (SUKUP, 2002).

8 REFERÊNCIAS

ABRAMIDES, M. B. C.; CABRAL, M. S. R. Regime de acumulação flexível e saúde do trabalhador. **São Paulo em Perspectiva,** São Paulo, v.17, n.1, p.3-10, jan./fev. 2003.

AUTOMOTIVE PARTS MANUFACTURERS ASSOCIATION. **China - Opportunity or threat?** Summary of APMA's Trade Mission January 11-16, 2004. Disponível em: <http://www.apma.ca/client/apma/apma.nsf/web/2004-03!OpenDocument>. Acesso em: 13 out. 2006.

BANCO MUNDIAL. **Relatório sobe o desenvolvimento mundial, 2005**: um melhor clima de investimento. Washington: Oxford University Press, 2005. 33p. (Resumo traduzido)

BANZZATTO, A. C. **Setor automotivo**: implantação na região metropolitana de **Curitiba**: um estudo de caso. 2001. 149 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) - Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

BIANCO, L. **Ásia Contemporanea.** Madri: Siglo XXXI, 1976.

BIANCO, L. **Los origenes de la revolución China.** Caracas: T. Nuevo, 1970.

BOONE, L. E., KURTZ, D. **A revolução no marketing.** Rio de Janeiro; LTC, 1998.

BOSWORTH, B. P.; COLLINS S. **The empirics of growth:** an update. Washington: Brookings Institution, 2003. 68p. Disponível em: <http://www.brookings.edu/views/papers/bosworth/20030307.pdf>. Acesso em: 30 nov. 2006.

BUCKLEY, P. J., CASSON, M. **The future of the multinational enterprise**. London: Macmillan, 1976. 116p.

CHINAFACTURING SOLUTIONS. **Labor costs in China comparative costs by region**. Brighton: Chinafacturing Solutions, 2006. Disponível em: <http://www.chinafacturing.com/china_labor_costs.html>. Acesso em: 21 ago. 2006.

CHOW G. C. **China's economic transformation.** Oxford: Blackwell, 2002.

CLUBB, O. E. et al. The people's republic of China, 1976. **Current History**, Philadelphia, v.71, n.419, Sept. I976.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DA INDUSTRIA. Baixo crescimento: um problema a enfrentar. **Notas Econômicas,** São Paulo, v.7, n.89, p.2, mar. 2006.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DA INDUSTRIA. **Características e possibilidades de incremento do comércio bilateral Brasil-China**. São Pulo: CNI, 2004. 18p.

CROSETTI, P. A.; FERNANDES, P. D. Para onde vai a China?. O impacto do crescimento chinês na siderurgia Brasileira. **BNDES Setorial,** Rio de Janeiro, n.22, p.151-204, set. 2005.

DAUBIER, J. **História da revolução cultural chinesa.** Queluz de Baixo: Presenta, 1977.

DEKLE, R.; VANDENBROUCKE, G. **A quantitative analysis of China's structural transformation**. New York: The Graduate Center, 2006. 34p. Disponível em:

<http://web.gc.cuny.edu/economics/SeminarPapers/spring_2007/Dekle-Vandenbroucke-06.pdf>. Acesso em: 19 out. 2006.

DELOITTE TOUCHE TOHMATSU. **Future drivers of the China automotive industry**. Honh Kong: Deloitte, 2005.

DUNNING, J. The contribution of Edith Penrose to international business scholarship. **Management International Review**, Wiesbaden, v.43, n.1, p.3-19, Jan. 2003.

DUNNING, J. The eclectic paradigm of international production: a restatement and some possible extensions. **Journal of International Business Studies**, Columbia, v.19, n.1, p.18-20, 1988.

DUNNING, J. The Ecletic (OLI) Paradigm of international production: past. present and future. **International Journal of the Economics of Business,** Abingdon, v.8, n.2, p.173-190, 2001.

DUNNING, J. Toward an eclectic theory of international production: some empirical tests. **Journal of International Business Studies**, Columbia, v.11, n.1, p.9-31, 1980.

DUNNING, J. H. **Multinacional enterprises and the global economy.** Reading, Mass.: Assison-Weslwy, 1993. 687p.

DUNNING, J. H.; KIM. C., LIN, J. Incorporating trade into the investment development path: a case study of Korea and Taiwan. **Oxford Development Studies**, Oxfordshire v.29, n.2, p. 45-154, 2001.

EDUCATERRA. Yat sen Sun. In: **China - 1ª Parte (1842-1949) a revolução chinesa:** da agressão Ocidental ao Maoísmo. Disponível em: <http://educaterra.terra.com.br/voltaire/mundo/china_3.htm>. Acesso em 06 jun. 2006.

ELLERY, R.; GOMES, V. **Modelo de Solow, resíduo de Solow e contabilidade do crescimento.** Brasília: Universidade de Brasília, 2003.

FELIPE, J. Total factor productivity growth in east asia: a critical survey. **The Journal of Development Studies**, London, v.35, n.4, p.1-41, Apr. 1999.

FRANKLIN TEMPLETON INVESTMENTS.. **China's foreign exchange reserves**. San Mateo: Franklin Templeton Investments, 2006. p.3.

GNU FREE DOCUMENTATION LICENSE. **Pesquisa geral na homepage**. Disponível em: <http://www.gnu.org/>. Acesso em: 12 dez. 2006.

GOLDMANN SACHS. **DreamingWith BRICs**: the Path to 2050. New York: Goldmann Sachs, 2003, 24p. **(**Global Economics Paper 99).

GRINGS, R.; RHODEN, M. I. S. Empresas, mercados externos e as diferentes faces da mesma moeda: abordagem teórica da internacionalização nas organizações. In: ENCONTRO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 29., 2005, Brasília. **Anais...**Rio de Janeiro: ANPAD, 2005.

GUILLERMAZ, J. **Historia del partido comunista Chino**. 2. ed. Barcelona: Península, 1974.

HALLIDAY, J.; CHANG, J. **Mao - a história desconhecida.** São Paulo: Companhía das Letras, 2006.

HENISZ, W. J. The power of the Bucley and Casson thesis: the ability to mange institucional idiosyncrasies. **Journal of International Business Studies**, v.34, p.173-184, 2003.

HEYTENS, P.; ZEBREGS, H. **How fast can China grow?** Washington: IMF, 2003. Disponível em: <http://www.imf.org/external/pubs/nft/2003/china/index.htm>. Acesso em: 20 out. 2006.

HIRATUKA, C. **Empresas transacionais e comércio exterior**: uma análise das estratégias das filiais brasileiras o contexto da abertura econômica. 2002. 112f. Tese (Doutorado em Economia) – Instituto de Economia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

INSTITUTO BRASILEIRO DE SIDERURIGA. **Estatísticas.** Rio de Janeiro: IBS, 2007. Disponível em: <http://www.ibs.org.br/estatisticas/Preliminar_Site_Fevereiro.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2007.

INTERNATIONAL IRON AND STEEL INSTITUTE. **Steel Statistical Yearbook 2006.** [S.l.]: IISI, 2006. Disponível em: <http://www.worldsteel.org/?action=publicationdetail&id=4>. Acesso em: 22 fev. 2007.

INTERNATIONAL MONETARY FUND. **World economic outlook:** financial systems and economic cycles. Washington: IMF, 2006. 297p.

JAGGI, G, et al. China's economic reforms. **Asian-Pacific Economic Literature**, Canberra, v. 10, n.2, Nov. 1996a.

JAGGI, G. et al. **China's economic reforms chronology and statistics**. Washington: Institute for International Economics, 1996b. 39p. (Working Paper 96-5) Disponível em: <http://www.iie.com/publications/wp/96-5.pdf>. Acesso em: 25 ago. 2006.

KINDLEBERGER, C. P. **American business abroad**: six lectures on direct investment. New Heaven: Yale University, 1969. 225p.

KPMG INTERNATIONAL. **China automotive and compoments market**. Beijing: KPMG, 2005. 28p.

KRISTOF, N. D., WUDUNN, S. **China wakes:** the struggle for the soul of rising power. New York: Vintage Books, 1994.

KRUGMAN, P. The myth of Asia's miracle. **Foreign Affairs**, New York, v.73, n.6, p.62-78, 1994.

YONGMING, H.; WEI, H.; MING, N. From "Made in China" to "Created in China". **The Economist**, London, v. 378, n.8470, p.86-96, 25 Mar. 2006.

LIMA JÚNIOR, A. J. M. **Determinantes do investimento direto estrangeiro no Brasil.** 2005. 92 f. Dissertação (Mestrado em Economia) – Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional da Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005.

MACHADO, C. A. P. **Economia da empresa multinacional - definições e teorias explicativas**. Minho: EEG, 2005. 24p. (Texto de apoio 5 a Economia da Empresa Internacional). Disponível em: <http://www2.eeg.uminho.pt/economia/pascoa/EEI1.PDF>. Acesso em: 20 set. 2006

MACHADO, J. B. M.; FERRAZ G. T. **Comércio externo da China, efeito sobre as exportações brasileiras**. Brasília: Cepal, 2005. (LC/BRS/R.155)

MAITAL, S. **Economia para executivos**: dez ferramentas essenciais para empresários e gerentes. Rio de Janeiro: Campus, 1996.

MAO TSE-TUNG. Relatório s/uma investigação do movimento camponês em Hunan. In: **Obras Escolhidas.** Pequim: L. Estrangeiras, 1968. v.1, p.19-20.

MARKUSEN, J. R., VENEBLES, A. J. **Multinational firms and the new trade theory**. Cambridge: NBER, 1995. 28p. (Working paper, 5036)

MARTINS, C. **A economia chinesa e a sua integração na economia mundial.** Lisboa: Banco de Portugal, 2005. p.67-82. Disponível em: <http://www.bportugal.pt/publish/bolecon/docs/2005_4_3_p.pdf>. Acesso em: 20 set. 2006.

MARX, K. Revolution in China and in Europe. **New York Daily Tribune**, New York, 20 May 1853.

MICHAEL, F. China after the cultural revolution: the unresolved succession crisis. **Orbis,** Philadelphia, v.17, n.2, p. 315-333, Summer 1973.

MINISTRY OF COMMERCE OF THE PEOPLE'S REPUBLIC OF CHINA. **Variação do Pib e investimentos diretos estrangeiros**. Disponível em: <http://english.mofcom.gov.cn/>. Acesso em: 12 out. 2006.

NATIONAL BUREAU OF STATISTICS CHINA. **China statistics yearbook**. Beijing: National Bureau of Statistics China, 2004. Disponível em: <http://www.stats.gov.cn/english/statisticaldata/yearlydata/yb2004-e/indexeh.htm>. Acesso em: 21 set. 2006.

NUNES, R. **China:** causas, conseqüências e perspectivas do aparecimento de um grande consumidor de energia. Lisboa: DPP, 2001. 32p. Disponível em: <http://www.dpp.pt/gestao/ficheiros/infor_inter_2001_I_V.pdf>. Acesso em: 08 nov. 2006.

ORGANISATION INTERNATIONALE DES CONSTRUCTEURS D'AUTOMOBILES. **The world's automotive industry**. 2 ed. Paris: OICA, 2006.

ORGANIZATION FOR ECONOMIC CO-OPERATION AND DEVELOPMENT. **Compendium of patent statistics.** [S.l.]: OECD, 2005.

PBC issues report on regional financial operation in 2004. **People's Daily**, Beijing, May 26, 2005. (hour 17:08)

POCH, R. China comemora queda de mortes em mineração. **La Vanguardia**, Barcelona, 25 jan. 2007. (hora 20:29)

PRICEWATERHOUSECOOPERS. **Global automotive financial review:** an overview of industry data, trends and financial reporting practices. [S.l.]: PriceWaterHouseCoopers, 2006. Disponível em: <http://www.pwc.com/extweb/pwcpublications.nsf/docid/34DEE1F2B50B524FCA2572430018C3EA/$FILE/GAFR2006.pdf>. Acesso: 15 out. 2006.

PUGA, F. et al. **O comércio Brasil - China:** situação atual e perspectivas de crescimento. Rio de Janeiro: BNDES, 2004. 50p. (Textos para Discussão 104).

RESERVAS cambiais: negócio da China? **Boletim ICVSM, Índice do Custo de Vida de Santa Maria,** Santa Maria, n.7, p.3, dez. 2006.

RHODEN, M. I. S.; HENKIN, H. A exportação como estratégia nas pequenas e médias empresas: evidências e Implicações para os programas de apoio. In: CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE ESTRATÉGIA, 17., 2004, Itapema. **Anais...**Itapema, SC: SLADE, 2004. 1 CD-ROM

RODRIGUES, F. F. **Repensando a localização e a vantagem competitiva nos negócios internacionais.** Cascavel: Fag, 2007 Disponível em: <http://www.fag.edu.br/professores/renata/MATERIAL%20PARA%20PESQUISA/CRESCIMENTO%20E%20DESENVOLVIMENTO%20ECON%D4MICO/10.%20INTERNACIONALIZA%C7%C3O%20-%20REPENSANDO%20A%20LOCALIZA%C7%C3O%20E%20A%20VANTAGEM%20COMPETITIVA%20NOS%20NEG%D3CIOS%20INTERNACIONAIS.pdf>. Acesso em: 13 fev. 2007.

ROSSI, J. L.; MARQUES, R. S. **Investimento estrangeiro direto: experiências chinesa e sugestões para o Brasil**. [S.l.]: Associação dos Analistas de Comércio Exterior, 2005? Disponível em: <http://www.aace.org.br/arquivos/20061113InvestimentoChinesa.pdf>. Acesso em: 08 nov. 2006.

SINDICATO NACIONAL DA INDÚSTRIA DE COMPONENTES PARA VEÍCULOS AUTOMOTORES. **Desempenho do setor de autopeças.** São Paulo: Sindipeças, 2006. 62p.

SINDICATO NACIONAL DA INDÚSTRIA DE COMPONENTES PARA VEÍCULOS AUTOMOTORES. **Desempenho do setor de autopeças.** São Paulo: Sindipeças, 2005. 56p.

SNOW, E. **China's long revolution.** London: Pelican, 1977a.

SNOW, E. **Red star over China.** London: Penguin Books, 1977b.

SOLOW, R. M. A contribution to the theory of economic growth. **Quarterly Journal of Economics**, Cambridge, v.70, n.1, p.65-95, Summer, 1956.

SPITZCOVSKY, J. Sem timoneiro. **A Folha de São Paulo**, São Paulo, 20 fev. 1997.

SUKUP, V. A China frente à globalização: desafios e oportunidades. **Revista Brasileira de Política Internacional**, Rio de Janeiro, v.45, n.2, p.82-113, 2002.

U.S. DEPARTMENT OF ENERGY. **International energy outlook 2004.** Washington: U.S. Department of Energy, 2004.

UNITED NATIONS CONFERENCE ON TRADE AND DEVELOPMENT. **Handbook of statistics**. Geneve: Unctad, 2004. Disponível em: <http://www.unctad.org>. Acesso em: 20 out. 2006.

UNIVERSITY OF TEXAS LIBRARIES. **Mapa Geral da China**. Disponível em: <http://www.lib.utexas.edu/maps/china.html>. Acesso em: 22 nov. 2006.

VICENTINI, P. China fica na liderança mundial de reserva cambial. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 14 jul. 2006.

XING, Y. Why is China so attractive for FDI: the role of exchange rates. **China Economic Review,** v.17 n.2, p.198-209, 2006.

ZHENG, J.; HU, A. **An empirical analysis of provincial productivity in China (1979-2001).** Göteborg:Göteborg University, 2004. 32p. (Working Paper in Economics 127). Disponível em: <http://www.handels.gu.se/epc/archive/00003451/01/gunwpe0127rev1.pdf>. Acesso em: 11 nov. 2006.

Livros Grátis

(http://www.livrosgratis.com.br)

Milhares de Livros para Download:

Baixar livros de Administração
Baixar livros de Agronomia
Baixar livros de Arquitetura
Baixar livros de Artes
Baixar livros de Astronomia
Baixar livros de Biologia Geral
Baixar livros de Ciência da Computação
Baixar livros de Ciência da Informação
Baixar livros de Ciência Política
Baixar livros de Ciências da Saúde
Baixar livros de Comunicação
Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE
Baixar livros de Defesa civil
Baixar livros de Direito
Baixar livros de Direitos humanos
Baixar livros de Economia
Baixar livros de Economia Doméstica
Baixar livros de Educação
Baixar livros de Educação - Trânsito
Baixar livros de Educação Física
Baixar livros de Engenharia Aeroespacial
Baixar livros de Farmácia
Baixar livros de Filosofia
Baixar livros de Física
Baixar livros de Geociências
Baixar livros de Geografia
Baixar livros de História
Baixar livros de Línguas

Baixar livros de Literatura
Baixar livros de Literatura de Cordel
Baixar livros de Literatura Infantil
Baixar livros de Matemática
Baixar livros de Medicina
Baixar livros de Medicina Veterinária
Baixar livros de Meio Ambiente
Baixar livros de Meteorologia
Baixar Monografias e TCC
Baixar livros Multidisciplinar
Baixar livros de Música
Baixar livros de Psicologia
Baixar livros de Química
Baixar livros de Saúde Coletiva
Baixar livros de Serviço Social
Baixar livros de Sociologia
Baixar livros de Teologia
Baixar livros de Trabalho
Baixar livros de Turismo